

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

ANGELINA NUNES DE VASCONCELOS

Orientadora: Prof^a Dr^a Selma Leitão

**ARGUMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: EMERGÊNCIA E
ESTABILIZAÇÃO DE CONDUTAS PROTOARGUMENTATIVAS**

Recife – PE
2013

ANGELINA NUNES DE VASCONCELOS

**ARGUMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: EMERGÊNCIA E
ESTABILIZAÇÃO DE CONDUTAS PROTOARGUMENTATIVAS**

Dissertação apresentada à Pós-
graduação em Psicologia cognitiva da
Universidade Federal de Pernambuco
para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Selma Leitão

Recife – PE
2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz |Gominho.CRB-4 985

V331a Vasconcelos, Angelina Nunes de.

Argumentação e desenvolvimento cognitivo: emergência e estabilização de condutas protoargumentativas /Angelina Nunes de Vasconcelos. – Recife: O autor, 2013.

141 f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Selma Leitão.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Psicologia infantil. 2. Crianças – Linguagem. 3. Crianças – Desenvolvimento. 4. Cognição em crianças. I. Leitão, Selma. (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2013-97)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Angelina Nunes de Vasconcelos

"Argumentação e Desenvolvimento Cognitivo: emergência e estabilização de condutas protoargumentativas".

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 21 de fevereiro de 2013

Banca Examinadora

Dra. Selma Leitão Santos
Instituição: U.F.PE

Assinatura:

Dra. Pompeia Villachan Lyra
Instituição: U.F.R.PE

Assinatura

Dra. M^a da Conceição Diniz Pereira de Lyra
Instituição: U.F.PE

Assinatura:

RESUMO

A presente dissertação focaliza a gênese de condutas protoargumentativas, mais especificamente condutas proto-opositivas. Para tanto, define protoargumentação enquanto aquelas ações infantis interpretadas pelos adultos como afirmações de desejos, vontades e propósitos (proto-asserções) ou oposição a desejos, vontades, propósitos e comandos de outros (proto-oposições). As quais, hipotetiza-se, constituem antecedentes das ações verbais de defesa de pontos de vista e contraposição a pontos de vista de outros, movimentos constituintes da argumentação (Leitão, 2010). A argumentação, por sua vez, é definida enquanto atividade cognitivo-discursiva específica caracterizada pela oposição e consequente tentativa de negociação entre perspectivas distintas. O foco na argumentação, nos estudos da cognição humana, fundamenta-se na compreensão de que os movimentos dialógicos inerentes à argumentação (defesa de pontos de vista e resposta a oposições) caracterizam o processo argumentativo como eminentemente reflexivo, tendo papel fundamental nos processos de constituição do conhecimento, bem como no desenvolvimento do pensamento reflexivo (Leitão, 2007). Assume-se, portanto, que a investigação da gênese das condutas protoargumentativas, que precedem o desenvolvimento da argumentação, são igualmente importantes possibilitando compreensão sobre como a relação cognição-argumentação estabelece-se nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil. Esta dissertação se insere na tradição metodológica do Estudo de Caso, sendo construída a partir da análise dos registros videográficos produzidos com duas crianças (Pedro e Lara, nomes fictícios) a partir da quarta semana até os seis meses de vida de cada uma delas. As videograções foram produzidas em situações familiares do cotidiano infantil, abarcando situações de banho, alimentação e brincadeiras. Foram adotadas perspectivas macro e microgenética de análise (Granott & Parziale, 2002) com o objetivo de investigar quais ações infantis estabelecem-se como condutas protoargumentativas de oposição ao longo do período observado. Adicionalmente, algumas hipóteses foram levantadas sobre os elementos que influenciam o desenvolvimento destas ações. De modo geral, esta dissertação descreve três momentos do processo de desenvolvimento de condutas proto-opositivas, caracterizados pela ampliação das ações infantis interpretadas como oposições, bem como pelo deslocamento discursivo das crianças que deixam de ocupar o lugar de oponente na interação (somente reagindo aos estímulos e situações criadas pelos pais) para ocupar lugar de proponente, agindo sobre o ambiente e sobre os pais. O primeiro momento do desenvolvimento de condutas proto-opositivas descrito, distingui-se pela presença do choro, choramingo e expressão de choro como as ações infantis mais frequentemente interpretadas como oposições. Em seguida, no segundo momento descrito, soma-se ao repertório opositivo infantil a recusa, ou seja, a oposição infantil em agir conforme os estímulos e situações construídas pelos pais. Por fim, no último período descrito, as ações infantis interpretadas como oposições começam a caracterizar-se pelo agir criativo e livre que adquire sentido diretamente oposto ao das ações propostas pelos pais. O percurso geral aqui descrito pode ser observado nos dois casos analisados, tanto de Lara quanto de Pedro, entretanto, destacam-se variações no desenvolvimento realizado por cada criança.

Palavras-chave: Protoargumentação; Argumentação; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the genesis of episodes of negation. Episodes of negation are defined as those actions performed by the child, that are interpreted as oppositions to desires, wishes, purposes and commands. The hypothesis is that they are antecedents to verbal actions that may be reinterpreted and structured later on as linguistic elements of grammaticalisation and lexicalization of opposition meaning expressions (among them, (negation itself, contraposition, concessiveness). The role of adult speech and of the early vocal production of the infants in interactional episodes of negation will be looked at. It is a case study of videotaped sessions of two infants (Pedro and Lara) from 4 week to 6 month old in interaction with their respective carers. The data belong to the database Núcleo de Pesquisa da Argumentação (NupArg). Macro- and micro- genetic analysis perspectives are taken into account. The aim is to investigate how the adult speech enables the establishment of opposition signs and how the early vocal production of the infants are interpreted by the adult in the attempt of conveying characteristics of the mother tongue to the negation actions of the child. In General, this dissertation describes three moments of the development process of negation actions of the child, characterized by the expansion of children's actions interpreted as oppositions, as well as by discursive offset of children who fail to occupy the place of opponent in interaction.

Palavras-chave: Argumentation; Development; protoargumentation.

LISTA DE GRÁFICOS

QUADRO 1. <i>CORPUS</i>	34
GRÁFICO 1. AÇÕES DE PEDRO INTERPRETADAS COMO OPOSIÇÕES	124
GRÁFICO 2. AÇÕES DE LARA INTERPRETADAS COMO OPOSIÇÕES	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Cognição, Linguagem e Desenvolvimento Humano	11
Cognição e gênese dos processos psicológicos	11
Linguagem como diálogo	14
Desenvolvimento de condutas semióticas precoces	18
Argumentação, argumentação na criança e protoargumentação	23
Argumentação e oposição.....	23
Argumentação na criança e protoargumentação	25
MÉTODO	28
Procedimentos de Construção dos dados	30
<i>Corpus</i>	33
Procedimentos de análise	35
Perspectiva analítica	35
Unidade de análise.....	37
Transcrições.....	38
RESULTADOS	42
Início da oposição: choro, choramingo e expressão de choro	42
Estabelecimento de rotinas: oposição como Recusa	63
Oposição como agir criativo: de oponente à proponente	88
Macroanálise: Idiosincrasias no desenvolvimento da proto-oposição	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	135
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

A presente dissertação focaliza a emergência de condutas protoargumentativas, mais especificamente proto-opositivas, nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil, período que precede a aquisição da fala propriamente dita. Para tanto, define protoargumentação enquanto ações infantis interpretadas pelos adultos como afirmações de desejos, vontades e propósitos (proto-asserções) ou oposição a desejos, vontades, propósitos e comandos de outros (proto-oposições). As quais, hipotetiza-se, constituem antecedentes das ações verbais de defesa de pontos de vista e contraposição a pontos de vista de outros, movimentos constituintes da argumentação (Leitão, 2010).

A Argumentação é compreendida enquanto ação discursiva que surge a partir da oposição entre pontos de vista, possibilitando a ponderação de ideias e perspectivas alternativas (Van Eemeren et al. 1996). A oposição e o contexto de tensão surgem, portanto, como elementos centrais no contexto argumentativo, caracterizando a argumentação como atividade cognitivo-discursiva que se distingue de outras, uma vez que nela o proponente engaja-se em ações discursivas com o objetivo de negociar a aceitabilidade das afirmações colocadas em questão (Leitão, 2007). O espaço de negociação propiciado pela argumentação é definido segundo Leitão (2007; 2008b; 2011), pela presença de três elementos: O argumento (ponto de vista e elementos de apoio), o contra-argumento (ações verbais ou não verbais¹ que desafiam o argumento) e a resposta (reações ao contra-argumento). Para a mesma autora, estes elementos e o processo de negociação instaurado pela argumentação são recursos privilegiados em processos de construção do conhecimento, adicionalmente, são também efetivos em instaurar, no que

¹ No que diz respeito ao desenvolvimento da proto-argumentação, que abrange os momentos iniciais do desenvolvimento infantil no período que precede a aquisição da fala propriamente dita, os três elementos que definem a argumentação não são movimentos discursivos, mas movimentos de ação. Deste modo, a defesa de determinado ponto de vista, a contra-argumentação e a resposta são realizadas através de ações.

diz respeito ao funcionamento cognitivo, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, possibilitando a consideração dos fundamentos e limites do ponto de vista inicialmente levantado.

A presente dissertação focaliza especificamente a gênese de condutas proto-positivas, observando a importância da oposição no estabelecimento da argumentação e dos processos cognitivos que ela instaura. Fundamentada nesta compreensão, esta dissertação investiga quais ações infantis são inicialmente interpretadas como oposições, observando as condições que favorecem o engajamento da criança em protoargumentação. Estudos sobre o desenvolvimento de condutas protocomunicativas infantis, focalizando mais especificamente o desenvolvimento da protoargumentação, parecem ser ainda extremamente escassos. Buscas realizadas em sites e/ou portais de base de dados científicos nacionais e internacionais tais como Scielo, PEPSIC, Periódicos CAPES, BDTD, Web of Science, entre outros, mostraram-se infrutíferas². O número reduzido de estudos nesta área poderia talvez decorrer da compreensão de que argumentação seria uma aquisição tardia no desenvolvimento infantil, pois estaria subordinada ao desenvolvimento cognitivo geral da criança (Leitão & Banks-Leite, 2010; Leitão, 2010). Entretanto, estudos que não postulam a necessidade de que a criança desenvolva determinadas competências cognitivas antes de ser capaz de argumentar, mostram que crianças muito precocemente são capazes de oferecer justificativas para metas que desejam atingir e de defender escolhas diante de um oponente (Leitão, 2008a; Vieira, 2010; Castro, 1996; 2003; 2004).

Este projeto alia-se a esta segunda linha de investigação, postulando a emergência precoce de condutas argumentativas, compreendendo que, mesmo antes que a criança fale,

² Estas buscas foram realizadas em Português, Inglês e Espanhol. As principais palavras-chave utilizadas foram: Proto-argumentação, Proto-narrativa, Proto-ação (proto), Argumentação, Oposição, Proto-oposição, Microanálise, Interação, Dialogismo, Atenção conjunta, Imitação, Canalização e Desenvolvimento (também em Inglês e Espanhol).

instalam-se, nos processos interacionais, jogos dialógicos entre criança e cuidador, caracterizados como condutas proto-argumentativas. Embora sem foco específico na protoargumentação, observa-se na literatura o interesse por condutas chamadas protodiscursivas precoces e pelo modo como elas se constituem. Exemplo disso são estudos sobre o surgimento de gestos protodeclarativos e protoimperativos, compreendidos como os primeiros gestos da criança para chamar atenção do adulto e indicar ou solicitar algum objeto (Moro & Rodriguez, 2008). Este e outros estudos dedicam-se à investigação do surgimento precoce de condutas protodiscursivas, constituindo referência importante para esta dissertação.

Diante desse quadro, destaca-se aqui a necessidade de estudos que avancem na compreensão dos aspectos ligados ao surgimento de condutas protoargumentativas na criança, focalizando as ações infantis não verbais ou verbalmente pouco elaboradas que constituem antecedentes das ações argumentativas verbais (Leitão, 2010). Na tentativa de contribuir com esta discussão, esta dissertação fundamenta-se em uma concepção específica de desenvolvimento fundamentada principalmente em Vygotsky (1998; 2001) e suas construções sobre a natureza cultural do psiquismo e o processo histórico de desenvolvimento psicológico. A partir das afirmações de Vygotsky (1998), Morato (1996) e Wertsch (1978), este estudo hipotetiza que inicialmente a criança age ‘como se’ estivesse engajada em condutas afirmativas e opositivas, antes que, de fato, tenha consciência deste processo. Adicionalmente, propõe que as interpretações construídas pelos adultos sobre as ações infantis, bem como os enunciados que eles endereçam às crianças, são fundamentais para que elas de fato tornem-se capazes de se engajar em condutas argumentativas de modo intencional e consciente (Leitão, 2010).

A presente dissertação investiga estas hipóteses teóricas na empiria de dois casos, objetivando focalizar a gênese de condutas protoargumentativas. Para tanto, identifica que

elementos são co-construídos pela díade como condutas proto-opositivas, descreve também como estas ações e o ambiente discursivo que às possibilitam modificam-se ao longo do período observado. Por fim, sugere alguns elementos enquanto prováveis fatores que estariam influenciando o processo de desenvolvimento das condutas proto-opositivas identificadas.

Esta dissertação se insere na tradição metodológica do estudo de caso, focalizando dois casos (Pedro e Lara, nomes fictícios) a partir da transcrição e análise de registros videográficos produzidos semanalmente com elas. As videografações tiveram início a partir da quarta semana estendendo-se até o sexto mês de vida das crianças, abrangendo atividades do cotidiano infantil, como banho, alimentação e brincadeiras. As análises foram realizadas a partir de perspectivas micro e macrogenética de análise, através da transcrição dos eventos videografados e de sua interpretação teoricamente fundamentada.

Como resultados, esta dissertação descreve três momentos do processo de desenvolvimento de condutas proto-opositivas. O primeiro momento descrito distingue-se pela presença do choro, choramingo e expressão de choro como as ações infantis mais frequentemente interpretadas como oposições. Em seguida, no segundo momento descrito, soma-se ao repertório opositivo infantil a recusa, ou seja, a oposição infantil em agir conforme os estímulos e situações construídas pelos pais. Por fim, no último período descrito, as ações infantis interpretadas como oposições começam a caracterizar-se pelo contraponto, ou seja, pelo agir criativo e livre com sentido diretamente oposto ao das ações propostas por seus pais. Neste sentido, é possível também observar também como, ao longo do período analisado, as crianças se deslocam do lugar de oponente (quando somente reagiam aos estímulos dos pais) para ocupar lugar de proponente na interação, agindo de modo criativo e livre, manipulando o ambiente ao seu redor (Leitão, 2012). O percurso geral aqui descrito pode ser observado nos dois casos analisados, tanto de Lara quanto de

Pedro, entretanto, é possível observar variações nas características do desenvolvimento realizado por cada um, as quais são também descritas e discutidas neste trabalho.

Cognição, Linguagem e Desenvolvimento Humano

Cognição e gênese dos processos psicológicos

Com o objetivo de estudar o processo de desenvolvimento de condutas proto-positivas, a presente dissertação fundamenta-se em uma perspectiva dialógica que afirma a natureza semiótica da cognição, assumindo a premissa de que discurso e cognição são indissociáveis. Esta premissa fundamenta o estudo da argumentação enquanto movimento discursivo que tem papel constitutivo nos processos cognitivos, especificamente no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento reflexivo (Leitão, 2007). Adicionalmente, o desenvolvimento da cognição é aqui compreendido como processo de apropriação de recursos semióticos culturais, especialmente a linguagem (Bakhtin & Volochinov, 2009).

Esta compreensão da cognição humana está fundamentada principalmente em Vygotsky e em sua afirmação de que os processos psicológicos emergem no âmbito das relações mediadas que o indivíduo estabelece com seu contexto social e cultural (Vygotsky, 1998). Seus estudos dão destaque à relação indissociável entre cognição e linguagem, apresentando uma visão da cognição como necessariamente constituída pela linguagem e por outros recursos semióticos culturalmente constituídos (Oliveira, 1997). Para compreender como o funcionamento psicológico humano é constituído em suas interações com o contexto sócio-histórico, é necessário examinar as afirmações de Vygotsky sobre a relação mediada do humano com o mundo que o cerca. Segundo Vygotsky (1998), o recém-nascido nasce dotado de reflexos e modos elementares de funcionamento, os quais o capacitam a agir sobre o ambiente de uma forma direta (imediata), ou seja, orientadas pelos estímulos ambientais externos, sem qualquer

autorregulação. Os processos psíquicos superiores, em contraste, somente vêm a existir a partir do acesso e apropriação, pela criança, de recursos materiais e simbólicos culturalmente desenvolvidos. Tais processos possibilitam ao indivíduo formas indiretas (mediadas) e autorreguladas de ação sobre o mundo.

Esta compreensão de desenvolvimento reflete um dos aspectos centrais da obra de Vygotsky, sua lei fundamental segundo a qual todas as funções do desenvolvimento humano aparecem duas vezes, primeiro no nível social e, depois, no nível individual. Segundo Vygotsky, todas as funções psicológicas superiores passam por este processo de desenvolvimento; originam-se das relações reais entre indivíduos humanos e, a partir da internalização de formas culturais de comportamento, passam a fazer parte do funcionamento psicológico dos indivíduos (Vygotsky, 1998).

Morato (1996) sintetiza essa transformação do funcionamento cognitivo de formas imediatas para formas mediadas em quatro grandes etapas. Na primeira, a criança age de forma reflexa no ambiente sendo controlada por ele. Posteriormente, através do contato que a criança tem com a linguagem e outros mediadores socialmente estabelecidos, ela torna-se capaz de usar signos externos como recursos auxiliares para agir sobre o ambiente, tornando sua ação um pouco mais autônoma. Na terceira fase a criança pode regular sua própria ação, embora a concorrência de estímulos externos ainda seja necessária. Na quarta e última etapa as relações entre signos e ações são internalizadas, tornando os estímulos intermediários desnecessários. Deste modo, esta autora resume a passagem da regulação externa à autorregulação através do processo de apropriação pela criança de recursos semióticos socialmente estabelecidos, enfatizando o papel da linguagem neste processo.

Adicionalmente, ainda sobre a concepção de desenvolvimento de Vygotsky, destaca-se que este autor não formulou uma concepção do desenvolvimento humano por meio da qual se pudesse categorizar o desenvolvimento cognitivo ao longo de etapas, ao

contrário, um de seus pressupostos básicos é o de que as interações e o cenário cultural constituem o indivíduo em um processo histórico que molda o funcionamento psicológico humano. Deste modo, postula que a interação entre os fatores biológicos e culturais, ao longo do tempo, gera e transforma o psiquismo humano (Palangana, 1994).

Segundo Vygotsky, o desenvolvimento é um processo que ocorre ao longo do desenvolvimento da criança e continua na vida adulta. Deste modo, o desenvolvimento é caracterizado por mudanças qualitativas (na forma, estrutura e características) do comportamento humano em interação com o ambiente (humano e não humano), distanciando-se de perspectivas que o definem como produto, ou seja, como etapas organizadas cronologicamente ao longo das quais ocorre somente maturação e desenvolvimento de características latentes (Doria, 2004).

Esta concepção de desenvolvimento é adotada na presente dissertação, refletindo-se em sua compreensão de que o desenvolvimento de condutas proto-positivas tem lugar a partir da interação entre criança e adulto. Neste trabalho hipotetiza-se que, através desta interação, a criança entra em contato com modos socialmente estabelecidos de oposição, bem como tem suas ações significadas e interpretadas pelos adultos, possibilitando com que determinadas ações infantis adquiram o *status* de signo opositivo. Ainda sobre a concepção de desenvolvimento humano formulada por Vygotsky, esta afirma a impossibilidade de se compreender a cognição humana a partir somente de seu substrato cerebral, sublinhando a importância da compreensão de como a cultura e os sistemas semióticos culturalmente organizados constituem e transformam a cognição humana. Segundo Vygotsky (1998), o ser humano possui existência material e uma estrutura corpórea cerebral que define limites e possibilidades para seu desenvolvimento. Entretanto, esta estrutura não explica o desenvolvimento humano em sua totalidade, pois o cérebro é um sistema aberto cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados e modificados

ao longo da história da espécie e ao longo do desenvolvimento de cada indivíduo que dela faz parte (Oliveira, 1997). Segundo Vygotsky, o funcionamento psicológico humano é constituído ao longo de um processo histórico, através do qual a cultura torna-se parte essencial da constituição da mente humana transformando-a radicalmente (Vygotsky, 1998).

Linguagem como diálogo

Neste momento, faz-se necessário definir a perspectiva de linguagem adotada neste estudo a qual fundamenta a investigação do desenvolvimento de condutas semióticas precoces, possibilitando mais especificamente a investigação de condutas proto-opositivas. Inicialmente destaca-se que tratar da apropriação pela criança de recursos semióticos, especialmente do discurso argumentativo, requer a compreensão de que o desenvolvimento da linguagem não acontece pela apreensão de palavras isoladas; ao contrário, a criança apreende o funcionamento linguístico na alteridade em contextos interativos específicos, compreendendo o modo como estes recursos semióticos constituem a realidade que a cerca. Neste sentido, a perspectiva Bakhtiniana surge como aporte teórico que fundamenta a presente dissertação, possibilitando a investigação dos modos de apropriação pela criança das condutas opositivas disponibilizados socialmente.

Em suas construções Bakhtin (1997) afirma que é somente no interior do enunciado que as palavras e orações adquirem determinada expressão pretendida pelo falante. Como consequência, afirma que ninguém apreende as palavras a partir de dicionários, com sentidos completos e fechados. Mas sim, no processo de interação, pois, as palavras só adquirem seu sentido no processo de comunicação, determinada por seu contexto enunciativo único (Faraco, 2003). Portanto, é somente nos contextos de uso (pelo adulto) do discurso argumentativo, que a criança pode se apropriar dele, conseqüentemente é neste contexto que o estudo da gênese da proto-oposição deve ter lugar.

Bakhtin elabora também importantes reflexões sobre o papel de elementos extraverbais nas interações discursivas, ampliando a concepção de linguagem comumente formulada. Este autor afirma que a construção de sentido na enunciação não se produz somente a partir dos elementos verbais, mas também pelo encadeamento de enunciados, pelo cenário interacional e marcas extraverbais do discurso, como a entonação. O enunciado, portanto, só pode ser compreendido no interior do todo discursivo, através dos elementos que dialogicamente o compõem. Esta compreensão amplia a concepção de linguagem, apontando a necessidade de incluir elementos não verbais em sua definição. Fundamentada nesta concepção de linguagem, esta dissertação analisa o desenvolvimento da (proto)argumentação, compreendendo que este desenvolvimento é possível mesmo em crianças que ainda não dominam a verbalização, mas que já produzem ações comunicativas não verbais passíveis de análise.

A esta compreensão de linguagem, alia-se também uma concepção dialógica do discurso que compreende toda ação linguística como um elo em uma cadeia. Dito de outro modo, segundo a perspectiva dialógica, nenhum enunciado constitui elemento isolado, mas está relacionado aos enunciados anteriores, bem como a antecipações de reações e enunciados futuros de interlocutores (Bakhtin, 1997). Na relação adulto/criança não é diferente, os significados que os adultos atribuem às ações infantis são dialogicamente construídos a partir do que ele conhece sobre crianças em geral e sobre aquela criança em particular e a partir daquilo que o adulto antecipa que aquela criança será capaz de fazer.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* Bakhtin afirma que “mesmo os gritos de um recém-nascido são orientados para a mãe” (Bakhtin & Volochinov, 2009, p.119). Nesta obra, este autor argumenta que a orientação social e antecipação das reações adultas não se iniciam somente a partir da enunciação das primeiras palavras pela criança, mas têm lugar desde as primeiras interações do bebê com seus interlocutores, através dos quais a criança

começa a desenvolver a percepção de que existe alguém que reage às suas ações e a quem ele começa a reagir. Mesmo que inicialmente o endereçamento dos ‘gritos’ pelo bebê não seja intencional ou consciente, eles são os antecedentes das possibilidades enunciativas que as crianças irão adquirir ao longo de seu desenvolvimento.

Adicionalmente, o ouvinte não escapa à responsividade, ou seja, é impossível não reagir ao locutor, visto que mesmo a indiferença ou silêncio constituem respostas. Ainda em *Marxismo e filosofia da linguagem* o autor afirma:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação entre o locutor e o ouvinte (Bakhtin & Volochinov, 2009, p. 117).

A responsividade surge como elemento de extrema importância na relação entre interlocutores, pois ao mesmo tempo em que a palavra é dirigida a alguém, é somente a partir da resposta deste interlocutor que o enunciado adquire sentido na interação. Essas noções são percebidas pela criança através do próprio movimento constante dos adultos que repetidamente significam e respondem às ações infantis, possibilitando com que elas comecem a compreender o papel da responsividade, ou seja, de suas reações, no estabelecimento da comunicação e interação. É a partir da compreensão de seu papel responsivo, bem como do papel responsivo do outro, que se torna possível para a criança adequar/significar suas ações e inserir-se em diferentes situações discursivas, como jogos de perguntas e respostas e situações lúdicas, por exemplo. Nestas situações, o adulto reage à criança e espera que ela faça o mesmo. No contexto de argumentação, por exemplo, o

adulto espera uma posição responsiva da criança, começando a estimulá-la a reagir e agir responsivamente na interação.

Como anteriormente exposto, os enunciados são sempre um elo de uma cadeia, mantendo relação com o já dito e com aquilo que poderá ser dito em seguida. Com a criança pode-se considerar que acontece o mesmo, suas vocalizações e ações provocam continuamente reações nos adultos – aplausos, sorrisos, vocalizações, e outras respostas. Estas reações, em consequência, também provocam reações nas crianças tendo efeito mutuamente regulatório e fazendo com que determinadas ações se estabilizem na interação com significados específicos e outras, por outro lado, terminem por não se repetir e desaparecer (Vieira, 2010).

A criança não é participante passivo nesse processo, ao contrário, ela atua ativamente na comunicação. É a partir de suas ações que o adulto produz significação, ao mesmo tempo em que suas ações regulam as possibilidades de significação do adulto, já que um choro, por exemplo, será significado de determinada maneira, enquanto um sorriso será significado de outra. Mesmo que o bebê não tenha intenção ou consciência de que suas ações terão determinados efeitos em seus interlocutores, é a partir da significação repetida que os adultos fazem delas, que a criança começará a ter consciência destes efeitos.

A partir da observação de que o adulto está sempre reagindo e significando os gestos, expressões, vocalizações e posturas da criança, hipotetiza-se que é através deste processo de significação contínua que a criança se apropria dos sentidos dos jogos discursivos, possibilitando sua emergência na linguagem. Fundamentada nesta observação, a presente dissertação discute o papel regulador que as ações do adulto têm na emergência de condutas proto-opositivas, analisando as características do ambiente discursivo que possibilita esta emergência.

Com esta finalidade, esta dissertação compromete-se com uma concepção específica de desenvolvimento, a qual considera criança e adulto como agentes ativos que constroem juntos o significado das ações verbais e não verbais partilhadas na interação. Em relação ao desenvolvimento da (proto)argumentação é possível afirmar que os modos convencionalizados de afirmar e de se comprometer com determinado ponto de vista, bem como os modos de se opor e de responder a esta oposição (movimentos constitutivos da argumentação), desenvolvem-se também ao longo de um processo de interação e negociação entre a criança e seus interlocutores. Esta compreensão de desenvolvimento como apropriação ativa pela criança de recursos semióticos socialmente estabelecidos, baseia-se principalmente em Vygotsky (1998; 2001) e suas construções sobre a natureza cultural do psiquismo e o processo histórico de desenvolvimento psicológico.

Em relação à emergência das condutas protoargumentativas de oposição, compreende-se que seu desenvolvimento deve ser investigado através da análise da história de interação entre a criança e seus interlocutores, na tentativa de compreender como as crianças se apropriam dos modos culturalmente organizados de se opor às afirmações, desejos e comandos. Postulando, a partir das afirmações de Morato (1996), Vygotsky (1998) e Wertsch (1978), que inicialmente os adultos interpretam as ações infantis *como se* elas manifestassem desejos e intenções das crianças e que essa significação repetida pelo adulto permite que a criança aos poucos se aproprie de modos convencionalizados de usos de linguagem.

Desenvolvimento de condutas semióticas precoces

Diferentes autores trabalham a partir da compreensão de que, mesmo antes do início das primeiras produções verbais pela criança, instalam-se, nos processos interacionais, jogos dialógicos entre criança e cuidador, os quais antecedem os momentos iniciais do desenvolvimento linguístico infantil, constituindo as primeiras condutas

semióticas produzidas pela criança. Estes estudos compõem importante referência para esta dissertação, visto que as condutas proto-opositivas são aqui estudadas enquanto ações não verbais ou verbalmente pouco elaboradas da criança (condutas semióticas iniciais) que antecedem o desenvolvimento de ações verbais características da argumentação adulta (Leitão, 2010).

Autores como Cavalcante (2009), em investigação sobre rotinas interativas entre mãe-bebê, afirmam que a história do desenvolvimento de formas verbais de comunicação têm início a partir de processos que acontecem muito precocemente entre a criança e seus cuidadores. Cavalcante (2009) enfatiza a importância do estabelecimento da atenção conjunta, do toque e da fala dirigida à criança, como elementos característicos da comunicação inicial entre adulto e criança que são fundamentais para o desenvolvimento posterior de formas compartilhadas de compreensão da realidade e comunicação. Ainda nesta investigação, esta autora afirma que o alto grau de padronização, pela mãe, de algumas formas de atenção conjugada, de interpretações e de determinados gestos e vocalizações, ajudam a criança a interpretar os sinais, gestos e intenções da mãe, bem como a usá-los de forma apropriada futuramente (Cavalcante, 2009).

Em direção semelhante, Vieira (2010), em estudo que focaliza especificamente condutas argumentativas na fala infantil, afirma também que a manutenção de formas rotinizadas de interação entre criança e adulto funcionam como um sistema de suporte ao desenvolvimento da linguagem pela criança. O estudo de Vieira (2010) suscita questionamentos sobre como a criança vai se inserindo em diferentes situações discursivas, como a argumentativa, compreendendo que a criança não se apropria apenas de elementos puramente linguísticos durante seu desenvolvimento, mas, principalmente, compreende gradativamente a forma como deve se relacionar com o mundo e com seus interlocutores, ocupando diferentes lugares discursivos na interação. Fundamentada nesta observação, a

autora afirma a necessidade de analisar o desenvolvimento infantil não somente a partir da observação dos elementos verbais e categorias gramaticais produzidas pela criança, mas apreendendo o todo discursivo que possibilita este desenvolvimento, observando a amplitude de elementos que permeiam a comunicação e os modos como a criança começa a funcionar na linguagem.

Ainda neste mesmo sentido, as autoras Moro e Rodríguez (1991; 1998; 2008) têm se dedicado, tanto em conjunto quanto individualmente, ao estudo da gênese e função dos signos não verbais produzidos pela criança e seu significado para o desenvolvimento infantil. Estas autoras consideram o desenvolvimento sob uma perspectiva social e pragmática, baseadas em autores como Vygotsky, Bakhtin e Wittgenstein, afirmando que a produção destes autores deve ser estendida às práticas de significação ainda nos momentos pré-verbais de desenvolvimento. Segundo estas autoras, a criança nasce em um mundo onde os objetos possuem significados e modos convencionalizados de uso, os quais devem ser apropriados pela criança. Entretanto, estes significados não são evidentes em si mesmas, por isso, somente são apropriados pela criança através da interação com seus cuidadores (Moro & Rodriguez, 2008).

Fazem parte do corpo de investigação destas autoras, o estudo da gênese e função de gestos protodeclarativos, protoimperativos, protointerrogativos (interpretados como gestos demonstrativos, solicitações e pedidos de ajuda, respectivamente). Adicionalmente, estas autoras investigam três tipos de gestos privados³: ostensivo (gesto através do qual a criança dirige objetos a si mesma), indexical (gesto através do qual a criança aponta e destaca o objeto) e simbólico (quando a criança reflete sobre um problema ou situação através de símbolos, sem que o 'objeto' significado esteja presente). Estes três tipos de

³ *Private gesture*, no original.

gestos são tratados como movimentos através dos quais a criança regula seu próprio comportamento, agindo e refletindo sobre o mundo. Através da análise do desenvolvimento destes gestos, estas autoras constroem importantes reflexões sobre como as diferentes funções dos gestos são co-construídas em negociação entre adulto e criança, reafirmando que a criança compreende os modos de uso e significação de gestos e objetos porque não interage com eles sozinha, mas em parceria com seus cuidadores adultos. Visto que estes, enquanto sujeitos semióticos, relacionam-se de forma mediada com estes objetos o que possibilita com que a criança se aproprie e desenvolva também uma relação mediada com o mundo (Moro & Rodriguez, 2008).

Baseadas nesta compreensão, estas autoras focalizam os processos interacionais e interpretativos usados pela criança para dar significado aos signos produzidos pelos adultos. Elas afirmam que:

Conforme a criança faz progresso em seu conhecimento sobre os usos sociais dos objetos, ela se apropria dos signos inicialmente usados pelo adulto para transmitir o uso do objeto para ela. Parece que na ontogênese, a criança é antes de tudo intérprete dos signos produzidos por outros e, só depois disso, ela progressivamente passa a ser produtora de signos (Moro & Rodriguez, 2008, p. 3)⁴.

Deste modo, observa-se como as investigações produzidas por Moro e Rodríguez (1991; 1998; 2008) fundamentam-se na compreensão de que a criança deve desenvolver uma íntima familiaridade com a cultura antes de começar a produzir elementos linguísticos verbais. Pois, para elas, a apropriação e produção de novas palavras pela criança é

⁴ Tradução minha.

indissociável da apreensão das situações discursivas e dos modos de uso destas palavras no cotidiano. Elas concluem que para compreender como as crianças produzem suas primeiras palavras, deve-se observar o contexto no qual estas palavras são inicialmente usadas pelo adulto na interação com a criança, observando como estas primeiras situações discursivas se configuram (Rodríguez, 2008). As asserções construídas por estas autoras contribuem para as reflexões propostas nesta dissertação, sugerindo que o estudo da gênese de condutas proto-opositivas deve ter lugar na observação dos modos como os cuidadores afirmam, se opõem e respondem à oposição na interação com a criança, construindo situações argumentativas.

Outra referência para a presente investigação é a pesquisa *The development of negation in early child language* realizada por Pea (1980) que investigou a gênese de diferentes usos de negações (*Don't, not, no e gone*) por crianças. Pea (1980) observou que os primeiros usos de negações realizados pelas crianças estavam relacionados com o modo como as negações eram usadas pelos adultos na relação com elas. Este autor concluiu que as contenções físicas aliadas ao meneio de cabeça e enunciação da palavra *não*, compuseram o modo como as crianças se apropriaram e posteriormente fizeram uso deste gesto e enunciação como signos que indicam rejeição em situações de negação.

Segundo o autor, a compreensão deste mecanismo de desenvolvimento só foi possível através da observação dos contextos interacionais nos quais os significados das palavras foram inicialmente negociados (Pea, 1980). Este investigação sugere a necessidade de observar as transformações que ocorrem ao longo do desenvolvimento infantil e os processos que a regulam, sublinhando a necessidade de uma análise minuciosa das ações infantis e dos modos como os adultos fazem uso de diferentes gestos e enunciados na interação com a criança.

As análises realizadas por Pea (1980), foram desenvolvidas através da descrição detalhada dos contextos nos quais as negações emergiram no discurso infantil, tendo em mente que elas surgiram sob diferentes formas (meneio de cabeça, vocalizações, extensão da palma da mão, entre outros), aliadas ao esforço de detectar nuances de significado dos usos dos negativos. O esforço metodológico realizado pelo autor é particularmente importante para a presente dissertação, pois alerta para a importância da observação e análise das ações infantis em contexto, enfatizando especificamente a importância da análise dos significados atribuídos às ações e gestos infantis pelos adultos.

Das investigações aqui apresentadas, apreende-se que a interação é o lugar onde os significados dos objetos, gestos e ações são construídos e negociados. Adicionalmente, ressalta-se que o papel do adulto é decisivo tanto na manutenção de rotinas interativas, quanto na interpretação e atribuição de sentido às ações da criança. Estas reflexões embasam a forma como a presente dissertação aborda o fenômeno da protoargumentação, focalizando as ações e gestos inicialmente produzidos pela criança e interpretados pelo adulto como condutas opositivas e afirmativas, hipotetizando que estas condutas iniciais antecedem os movimentos argumentativos verbais a serem desenvolvidos pela criança no futuro.

Argumentação, argumentação na criança e protoargumentação

Argumentação e oposição

No escopo das diferentes condutas semióticas que se desenvolvem precocemente na criança, aos estudos que investigam habilidades argumentativas, impõe-se a necessidade de refletir sobre que propriedades diferenciam a argumentação das outras atividades discursivas. Adicionalmente, aos estudos psicológicos que focalizam estas habilidades, interessa também questionar quais modos de funcionamento cognitivo essas propriedades instauram. Esta reflexão, segundo a qual a argumentação constitui processos cognitivos, é

principal premissa subjacente ao programa de pesquisa do Nuparg⁵, inspirando e fundamentando a presente dissertação.

Na tentativa de refletir sobre estas questões, a argumentação é aqui compreendida enquanto ação discursiva que surge a partir da oposição entre pontos de vista. Por isso, a exposição (afirmação) de determinado ponto de vista, por si só, não é considerada argumentação, de modo que esta só tem lugar quando uma afirmação não é imediatamente ou completamente aceita, mas é contestada ou considerada controversa (Leitão, 2007; 2008b; 2011). A oposição e o contexto de tensão surgem, portanto, como elemento central no contexto argumentativo, caracterizando a argumentação como atividade cognitivo-discursiva que se distingue de outras, uma vez que nela o proponente engaja-se em ações discursivas com o objetivo de negociar a aceitabilidade das afirmações colocadas em questão (Leitão, 2007).

O espaço de negociação propiciado pela argumentação é definido segundo Leitão (2007; 2008; 2011), pela presença de três elementos: O argumento (ponto de vista e elementos de apoio), o contra-argumento (ações verbais e não verbais que desafiam o argumento) e a resposta (reações ao contra-argumento). Estes elementos e o processo de negociação instaurado pela argumentação são recursos privilegiados em processos de construção do conhecimento, adicionalmente, são também efetivos em instaurar, no que diz respeito ao funcionamento cognitivo, o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Por pensamento reflexivo compreende-se processo que se constitui a partir do deslocamento do pensamento do indivíduo de um plano de reflexão sobre objetos e fenômenos do mundo (plano cognitivo), para um nível metacognitivo de reflexão sobre seu próprio pensamento e

⁵ Núcleo de Pesquisa da Argumentação. Grupo de pesquisa em funcionamento na Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva desde 1994 e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq a partir de 2004, sob a coordenação da pesquisadora Dr^a Selma Leitão. Grupo de pesquisa do qual a presente pesquisadora faz parte.

ponto de vista, possibilitando a análise dos fundamentos e limites de seus argumentos (Leitão, 2007). Dito de outro modo, os movimentos argumentativos instalados a partir do confronto com uma oposição (real ou potencial), geram a necessidade dialógica de se posicionar e responder a esta oposição, instaurando processos de reflexão e revisão do ponto de vista. Estes processos são recurso privilegiado para construção do conhecimento, na medida em que possibilitam a revisão do ponto de vista inicial a luz das contestações levantadas, tendo como consequência também o desenvolvimento do pensamento reflexivo levando o argumentador a refletir sobre os fundamentos de suas afirmações.

A compreensão aqui formulada da argumentação em sua conexão com processos mais amplos de desenvolvimento humano levanta questões sobre a gênese das condutas argumentativas e sua relação com o desenvolvimento infantil. Esta dissertação surge, portanto, como tentativa de refletir sobre a gênese de condutas argumentativas procurando compreender seu desenvolvimento enquanto antecedente mais remoto do que se constituirá como discurso argumentativo – Proto-argumentações. Na tentativa de construir análises que alimentem esta discussão, a presente dissertação parte do pressuposto de que a *oposição* é elemento fundamental para a argumentação. Por isto, focaliza a gênese de condutas proto-opositivas procurando compreendê-la enquanto antecedente dos movimentos contra-argumentativos, que se constituirão, ao longo do desenvolvimento, como elemento-chave no discurso argumentativo.

Argumentação na criança e protoargumentação

Nas investigações que focalizam a argumentação infantil não há consenso sobre a partir de quando crianças se mostram capazes de justificar posições e considerar perspectivas alternativas (Leitão & Banks-Leite, 2010). Investigações conduzidas a partir da teoria piagetiana, que subordina o desenvolvimento da linguagem ao desenvolvimento cognitivo, sugerem que crianças não se engajam completamente em argumentação antes do

desenvolvimento do pensamento operacional formal, o que, nesse quadro teórico, ocorreria por volta dos 10 a 11 anos (Castro, 1996; 2005; Banks-Leite, 1996).

Observações contrárias, entretanto, são apresentadas por estudos como o de Bernas, Calicchia e Wright (1996, citado em Leitão, 2010), que aponta como crianças de dois anos e meio de idade oferecem justificativas para metas que desejam atingir e são capazes de defender escolhas diante de um oponente. Esses resultados confirmam os descritos por Eisenberg e Garvey (1981, citado em Leitão, 2010) com base em pesquisa sobre a argumentação infantil realizada com crianças de três a seis anos (Leitão, 2010). Estes autores argumentam que crianças não só são capazes de justificar posições desde muito cedo, como também esperam o mesmo de seus interlocutores e compreendem que justificativas são elementos decisivos para ‘vencer’ uma argumentação.

Pirchio e Pontecorvo (1997) também discutem como crianças em interação com os pais à mesa de jantar usam complexas estratégias conversacionais de oposição e recusa, bem como recursos de intensificação e atenuação da oposição, sendo capazes de gerar explicações e justificativas para suas discordâncias em relação às afirmações de seus interlocutores. Leitão e Ferreira (2006), em estudo sobre condutas opositivas, investigam também como crianças produzem enunciados contra-argumentativos na hora do almoço. Nesta investigação, situações de conflito eram geradas a partir da ação dos pais de colocarem no prato das crianças alimentos que eles gostariam que elas comessem, mas que as crianças normalmente recusavam-se a comer. Através desta investigação, as referidas autoras pontuaram como naquelas situações as crianças produziram recursos discursivos de oposição. A este estudo seguiu-se outro realizado por Leitão (2008a) que focalizou especificamente a antecipação de contra-argumentos por crianças com idade entre dois e cinco anos, na mesma situação construída na investigação anterior: momento de alimentação em que os pais introduziam um alimento que as crianças normalmente se

recusavam a comer. Através desta nova investigação, a autora foi capaz de descrever diferentes condutas opositivas usadas pelas crianças, bem como episódios de antecipação de oposição. Estes episódios caracterizaram-se por momentos nos quais as crianças responderam a um elemento contrário ao seu próprio ponto de vista, sem que este tivesse sido enunciado por nenhum interlocutor na situação observada. Esta observação sugere que, nestes momentos, as crianças antecipavam possíveis oposições que poderiam ser levantadas por seus interlocutores (Leitão, 2008a). Este estudo sugere, portanto, que não somente estas crianças argumentam desde muito cedo, como também são capazes de antecipar oposições.

Vieira (2010) em análise de dados videografados produzidos com uma criança desde seus 20 meses até 33 meses de idade, também questionou o posicionamento comumente adotado de que a argumentação teria aparecimento tardio no desenvolvimento infantil. Esta autora defende que desde muito cedo a criança é capaz de reproduzir elementos prosódicos (como a entonação da fala de adultos) ligados a argumentação, sugerindo que o desenvolvimento da (proto)argumentação tem lugar mesmo nos momentos iniciais de desenvolvimento infantil quando a criança ainda não faz uso da linguagem verbal.

Todos os estudos aqui apresentados defendem que crianças parecem captar desde muito cedo o jogo da argumentação, compreendendo a existência de diferentes pontos de vista e a necessidade de oferecer justificativas para que seu ponto de vista seja considerado. A presente dissertação discute especificamente o desenvolvimento destas condutas argumentativas, compreendendo que sua história de desenvolvimento se constitui ao longo das interações e rotinas que se estabelecem entre a criança e seus interlocutores desde seu nascimento. O interesse específico deste estudo recai sobre a emergência de condutas opositivas, procurando compreender como os adultos começam a interpretar

determinadas ações infantis (como o choro, vocalizações e agitações) como oposições às suas ações (Leitão, 2010).

Propõe-se aqui, a partir das afirmações de Wertsch (1978) sobre a gênese de condutas autorreguladas na criança, que inicialmente a criança age ‘como se’ estivesse engajada em condutas afirmativas e opositivas, antes que, de fato, tenha consciência deste processo. Entretanto, os adultos interpretam as ações infantis como se elas fossem intencionalmente produzidas com a finalidade de se opor ou concordar com as ações adultas. Sugere-se que estas interpretações construídas pelos adultos, bem como os enunciados que eles endereçam às crianças, possibilitam com que as crianças de fato venham a desenvolver a capacidade de se engajar em condutas argumentativas (Leitão, 2010; Castro, 2005).

MÉTODOS

A perspectiva metodológica adotada nesta dissertação é a **idiográfica**, caracterizada pela análise sistêmica de fenômenos em sua variabilidade e contexto. Nesta perspectiva, o ser humano é investigado em seu funcionamento único, em contraste a uma perspectiva nomotética que o investiga em suas similaridades com um grupo ou população. Dito de outro modo, segundo a perspectiva idiográfica, o ser humano é investigado em sua constituição particular, resultado de sua história de vida construída no contexto (espacial e temporal) específico que ocupa (Yin, 2009; Sato et al., 2007).

A perspectiva idiográfica caracteriza-se por um modelo específico de generalização. Nele, casos singulares (do fenômeno estudado) têm suas idiossincrasias analisadas em detalhes para construção de um modelo analítico de funcionamento. Em continuidade, a partir da análise de outros casos cada vez mais distintos do caso inicial, este modelo é alterado. Por fim, a generalização se dá na medida em que o modelo, em suas reformulações, se mostra capaz de explicar não somente casos semelhantes, mas casos

cada vez mais distintos, possibilitando uma compreensão tanto da organização genérica quanto das particularidades de funcionamento deste fenômeno em casos individuais. Deste modo, é possível observar como na perspectiva idiográfica a variabilidade e diversidade de modos de funcionamento dos fenômenos, que são normalmente considerados 'ruído' ou falha nas análises nomotéticas, tornam-se a essência das investigações realizadas (Thelen & Corbetta, 2002).

Exemplo do emprego deste modelo de generalização são as pesquisas realizadas por Lyra (2000; 2006; 2007) em seus estudos sobre o processo de desenvolvimento da comunicação entre mãe e bebê. Através de programa de pesquisa composto por diferentes estudos que se dedicaram a análise de casos múltiplos deste fenômeno, a autora construiu um modelo de funcionamento que apresenta o desenvolvimento deste processo de comunicação em três padrões de organização da comunicação: Estabelecimento, Extensão e Abreviação (modelo EEA).

Resumidamente, o estabelecimento da comunicação entre mãe-bebê, segundo este modelo, caracteriza-se inicialmente pelo estabelecimento da atenção conjunta e compartilhamento de interesses (Estabelecimento). Posteriormente, pela extensão que acrescenta variabilidade e novos elementos aos estabelecidos na fase anterior (Extensão) e, por fim, pela comunicação rápida e suave que se estabelece entre mãe e bebê, sem a necessidade de negociações características de fases anteriores (Abreviação). É possível observar, analisando o desenvolvimento deste programa de pesquisa, como a generalização deste modelo foi possibilitada justamente por sua aplicação e alteração a partir das análises de casos cada vez mais distintos. O Modelo EEA foi desenvolvido a partir da investigação de diferentes díades pertencentes a subgrupos culturais, bem como díades que apresentavam diferentes déficits em alguma função (crianças e/ou mães surdas, bebês com

síndrome de Down, por exemplo) entre outras, focalizando, deste modo, díades cada vez mais diversas.

Adotando esta mesma perspectiva metodológica e observando também as construções desta autora no que diz respeito ao desenvolvimento da comunicação entre mãe e bebê, a presente dissertação se dedica a investigação da emergência de condutas proto-opositivas, analisando o desenvolvimento das ações infantis interpretadas como oposições (a desejos e comandos). Esta dissertação trabalha, neste primeiro momento, com duas díades no esforço de ‘rastrear’ variabilidades entre díades possibilitando o levantamento de hipóteses iniciais sobre o desenvolvimento do fenômeno em questão.

Procedimento de Construção dos dados

A partir destas considerações, a presente dissertação elege o Estudo de Caso como *locus* para a investigação da emergência de condutas proto-opositivas. A escolha dos casos a serem estudados, ou seja, a delimitação da amostra segundo a perspectiva idiográfica é pautada pela preocupação em selecionar casos que representem a heterogeneidade do fenômeno estudado, possibilitando a observação do fenômeno em sua variabilidade para construção teórica robusta. Sendo assim, diferentes tipos de amostra podem ser usados de acordo com os objetivos de casa estudo, pode-se, por exemplo, trabalhar somente com casos extremos ou desviantes, casos típicos ou casos que variem segundo a intensidade com a qual apresentam características de determinado fenômeno.

Nesta dissertação optou-se pela chamada Amostra por Conveniência, ou seja, pela escolha de casos acessíveis em circunstâncias específicas (Flick, 2009). Optando-se por trabalhar com famílias que já tenham alguma familiaridade com a pesquisadora e com o estudo, possibilitando a realização das filmagens com o menor desconforto possível para a família. Adicionalmente, em decorrências das especificidades deste estudo (que objetiva realizar levantamento de hipóteses iniciais sobre o fenômeno da protoargumentação,)

torna-se interessante trabalhar com casos típicos, ou seja, crianças sem patologias ou atrasos conhecidos no desenvolvimento. Ressalta-se que estudos posteriores podem e devem trabalhar com casos cada vez mais diversos, incluindo crianças com distúrbios específicos de desenvolvimento como portadoras de síndromes, por exemplo. Entretanto, aqui, em consequência do interesse em fazer descrições e levantamentos iniciais sobre o processo de desenvolvimento de condutas protoargumentativas, os casos de desenvolvimento típico surgem como opção mais adequada.

Esta dissertação discute a análise de dois casos, um dos quais pertence ao banco de dados do Núcleo de Pesquisa da Argumentação (NupArg, sob coordenação da pesquisadora Dr^a Selma Leitão, do qual a autora deste trabalho faz parte) e outro registrado especificamente para este estudo e também incorporado ao bando de dados deste núcleo. Os critérios de exclusão/inclusão dos participantes foram os mesmos para os dois casos. Além do acima indicado (familiaridade com a pesquisadora e/ou com o núcleo de pesquisa), os critérios de inclusão das famílias foram: ter uma criança em seus momentos iniciais de desenvolvimento; estar disponível e concordar em participar da pesquisa; ser uma família que já tinha a intenção de realizar filmagens domésticas de suas crianças e que permitissem a realização de filmagens para fins da pesquisa e/ou fornecessem vídeos produzidos pela família. Como critério de exclusão, não participaram da pesquisa crianças com qualquer distúrbio de desenvolvimento conhecido.

Como dito anteriormente, a opção pelo trabalho com dois caso objetiva agregar o elemento da variabilidade às análises. Para tanto, primeiramente foi realizado levantamento de hipóteses iniciais sobre o desenvolvimento da protoargumentação a partir da análise do primeiro caso, em continuidade, estas hipóteses foram ampliadas e alteradas a partir da análise do segundo caso. Fundamentando-se na análise das idiosincrasias destes casos, as hipóteses levantadas foram robustecidas (Yin, 2009).

A primeira criança participante do estudo, cujo registro videográfico pertence ao banco de dados do NupArg, é filha única de uma família de nível sócio-econômico médio da cidade do Recife. Além da criança participante, a partir de agora chamada de Lara (nome fictício), os participantes incluem os adultos que interagiram com ela durante as observações, seus pais, a pessoa responsável pelo manuseio da câmera e tias da criança. A criança foi acompanhada desde sua quarta semana de nascimento até um ano de idade. Os registros videográficos tiveram duração aproximada de 20 minutos, realizados na residência da criança, de forma quinzenal, e produzidos, de maneira alternada, pelos pais e por uma assistente de pesquisa. As situações registradas foram aquelas que pertenciam ao cotidiano da criança, abrangendo refeições, banho e brincadeiras. É importante ressaltar que as decisões quanto à natureza das situações cotidianas que seriam videogravadas foram tomadas pelas famílias participantes sem que essas tivessem sido predefinidas pela pesquisadora.

Todos os procedimentos gerais de construção dos dados realizados no primeiro caso foram aplicados ao segundo caso. A segunda criança é filho único proveniente de família de nível socioeconômico médio da cidade de Maceió. Além da criança participante, a partir de agora chamada de Pedro (nome fictício), também participaram das filmagens seus pais e os dois casais de avós da criança. Pedro também foi acompanhado desde sua quarta semana de vida até um ano de idade. Os registros videográficos tiveram a mesma duração e características do caso anterior.

Em ambos os casos, a opção pela videogravação de situações cotidianas decorreu da necessidade de focalizar a ocorrência de interações entre adultos e crianças em situações familiares. Esta opção decorre da compreensão de que o contexto no qual estas interações ocorrem condiciona e possibilita o desenvolvimento infantil. Logo, uma pesquisa que

tenha por objetivo compreender o desenvolvimento de condutas protoargumentativas deve analisá-las nos contextos em que têm lugar (Bruner, 1984).

A escolha pela videografia decorreu da compreensão de que no caso específico de pesquisas com bebês, em que as interações se estabelecem de maneira não verbal com transformações sutis e rápidas, somente a videogravação e a observação direta (com registro escrito) surgem como ferramentas que possibilitam a apreensão dos movimentos interacionais da díade. Neste sentido, a videogravação foi escolhida enquanto ferramenta que permite a captura de ações verbais e não verbais, olhares, expressões e entonações, bem como elementos contextuais, de maneira eficaz e pouco incômoda para a díade. Adicionalmente, a videogravação possibilita visualizações repetidas que auxiliam na identificação dos processos de transformação, bem como dos elementos que deflagram estes processos (Meira, 1994).

Corpus

O *corpus* específico deste estudo restringiu-se aos vídeos produzidos a partir da quarta semana até o sexto mês de vida de cada uma das duas crianças focalizadas. Com relação ao primeiro caso, todas as videogravações produzidas neste período (da quarta à vigésima quarta semana de vida da criança) foram analisadas. No caso de Pedro, entretanto, o número de registros videografados superou aqueles produzidos no caso de Lara, pois a família participante produziu diversas videogravações familiares e as ofereceu para fins de análise. Na tentativa de evitar grande disparidade no número de eventos analisados nos dois casos, optou-se por analisar somente aquelas videogravações de Pedro realizadas em períodos de tempo que correspondessem ou fossem aproximados àqueles realizados no caso de Lara. Deste modo, somente foram analisadas as videogravações realizadas no caso de Pedro quando este tinha idade igual ou aproximada, em semanas e dias, das idades de Lara em suas videogravações.

Ao todo foram analisados 15 Eventos de Lara e 14 Eventos de Pedro, totalizando 29 eventos transcritos e analisados, todos anexados a esta dissertação. A pequena diferença no número de eventos de Lara e Pedro ocorre porque no caso de Lara dois eventos (uma situação de banho e outra de alimentação) foram registrados no mesmo dia (quando a criança tinha um mês de vida, eventos 01 e 02). Como as videografações de Pedro foram escolhidas pela equivalência de idade (em semanas e dias) com Lara, no caso de Pedro somente um registro correspondente à idade que Lara tinha nestes dois eventos (realizados no mesmo dia) foi realizada, gerando esta pequena diferença no número de eventos. Três das vinte e nove transcrições realizadas serão apresentados na seção *Resultados*⁶. A seguir apresenta-se pequeno quadro que resume o *corpus* desta dissertação, descrevendo as idades e situações nas quais cada criança foi observada.

Quadro 1
Corpus

Criança	Seção	Idade (mês/semanas/dias)	Situação
Lara	1	0m/3s/3d	Banho
	2	0m/3s/3d	Alimentação
	3	1m	Alimentação
	4	1m/3d	Alimentação
	5	1m/2s/3d	Alimentação
	6	1m/3s/5d	Banho
	7	2m/3d	Troca de fralda
	8	2m/1s/5d	Brincadeira tios
	9	2m/2s/5d	Cortar unhas
	10	3m/2s/5d	Banho e alimentação
	11	3m/3s/6d	Tomar suco
	12	4m/1s/2d	Brincadeira mãe
	13	4m/3s/5d	Tomar sopa
	14	5m/3s/2d	Brincadeira pais
	15	5m/3s/6d	Tomar sopa

⁶ Em decorrência do volume de páginas das transcrições realizadas, estas são anexadas à dissertação em DVD. Nele, cada transcrição é identificada como arquivo individual. No DVD são encontradas duas pastas, uma referente às transcrições do caso Pedro e outra do caso Lara. Dentro destas pastas as transcrições dos eventos são devidamente numeradas possibilitando sua consulta. Deste modo, o Evento 06, aqui referido, pode ser encontrado no DVD com este mesmo nome.

Pedro	1	0m/3s/6d	Banho
	2	1m/1s	Acalmando Pedro
	3	1m/1s/4d	Acalmando Pedro
	4	1m/2s/4d	Acordando
	5	1m/3s/4d	Brincadeira Pai
	6	2m/2d	Banho
	7	2m/1s/3d	Passeando
	8	2m/2s/2d	Brincadeira Pais
	9	3m	Brincadeira Mãe
	10	3m/1s	Brincadeira Pais
	11	4m/5d	Brincadeira Mãe
	12	4m/4s	Banho e alimentação
	13	5m/2s	Alimentação
	14	5m/3s/2d	Alimentação

Procedimentos de Análise

Perspectiva analítica

Para analisar o eventual surgimento, desaparecimento, adensamento e/ou modificação de condutas protoargumentativas, foram conjugadas perspectivas macro e microgenética de análise. A perspectiva microgenética caracteriza-se por três aspectos básicos (Granott & Parziale, 2002). Um deles é a *focalização nos momentos iniciais de um processo de mudança*, até o período de estabilização destas mudanças. No caso da presente investigação, pela focalização do período inicial de emergência de condutas protoargumentativas de oposição, ou seja, o momento em que mãe/cuidadores começam a interpretar ações verbais e não verbais da criança como oposições, até o momento em que algumas destas ações eventualmente começam a adquirir o *status* de signo opositivo. Outra característica desta análise é a *densidade das observações*, focalizando pequenas escalas de tempo usualmente através de análises de segundo a segundo de interação. Por fim, esta análise caracteriza-se pelo *foco intensivo na identificação dos processos* por meio dos quais ocorre transformação, ou seja, a tentativa de identificar aquilo que deflagra o processo de mudança (Granott & Parziale, 2002; Meira, 1994).

Através da análise microgenética é possível observar a emergência de condutas proto-opositivas a partir de cinco parâmetros: 1. Observação do curso de desenvolvimento, ou seja, identificação da sequência nas quais condutas emergem. 2. Do ritmo, através da identificação de momentos de maior e menor intensidade de transformações. 3. Da extensão, observação do alcance e do quanto às mudanças se generalizam para diferentes contextos e momentos. 4. Da variabilidade, através da identificação de idiosincrasias pertencentes a díades particulares e 5. Identificação das origens destas mudanças (Granott & Parziale, 2002). A partir destas cinco referências preliminares, esta dissertação descreve quais elementos são negociados e estabelecidos pela díade como proto-opositivos (gestos, expressões e entonações).

Em nível macrogenético, buscou-se observar a estabilização, ao longo do tempo (durante o qual os registros videográficos foram feitos) de algumas ações co-construídas pela díade como condutas protoargumentativas de oposição infantil, possibilitando assim a observação do quanto estas condutas protoargumentativas, capturadas pela análise microgenética, se integram ao funcionamento psicológico da criança. Através destas análises, são levantadas hipóteses iniciais sobre a gênese das condutas protoargumentativas de oposição infantil.

O procedimento de análise nos dois casos foi realizado em três etapas. Na primeira foram identificados os episódios protoargumentativos⁷, através da observação atenta e repetida de todos os momentos videografados até os seis meses de idade das crianças. A

⁷ Cada transcrição realizada é chamada de *Evento* e corresponde a uma situação do cotidiano infantil videografado (banho, alimentação ou brincadeira). Dentro da descrição de cada evento (cada transcrição) são delimitados os *Episódios Protoargumentativos*, ou seja, os episódios propriamente focalizados nas análises que abarcam as ações infantis interpretadas como oposições (desde seu início até sua finalização). Nestes episódios pode haver um ou mais *ciclos argumentativos*, composto pela ação infantil interpretada como oposição, interpretação dos pais e reação da criança à intervenção/interpretação parental. Cada nova ação da criança interpretada como oposição dá início a um novo ciclo argumentativo. Os Episódios somente se encerram quando a argumentação é finalizada.

segunda etapa consistiu na transcrição detalhada destes episódios tendo especial atenção na identificação de movimentos interpretados como oposições infantis. Posteriormente, a última etapa foi a de levantamento de hipóteses sobre a gênese e os processos que regulam o desenvolvimento de condutas proto-opositivas.

Unidade de Análise

Tendo estes aspectos em mente é necessário definir a unidade de análise deste estudo, delimitando como foram identificados os episódios argumentativos na fala do adulto e nas ações infantis. Unidade de análise é aqui definida a partir de Vygotsky (2001), como o menor recorte possível de determinado fenômeno que conserve suas características definidoras. Partindo desta compreensão, Leitão (2000; 2007) estabelece como unidade de análise em argumentação seus três movimentos constituintes: O argumento (ponto de vista e elementos de apoio), o contra-argumento (ações verbais ou não verbais que desafiem o argumento) e a resposta (reações ao contra-argumento) (Leitão, 2007). No presente trabalho, a argumentação na fala do adulto é delimitada pela presença destes três movimentos. Com relação às crianças, esta unidade de análise é adaptada pela mesma autora de modo que os episódios proto-argumentativos são delimitados a partir da observação de quais ações infantis são interpretadas pelos adultos como protoasserções (argumento), proto-oposições (contra-argumento) e proto-respostas (resposta) (Leitão, 2010). Focaliza-se especificamente, de acordo com o interesse deste estudo, as ações interpretadas como proto-oposições.

Para que os episódios de protoargumentação fossem delimitados e transcritos, foi necessário demarcar a partir de quais elementos os movimentos argumentativos e protoargumentativos poderiam ser identificados nos enunciados adultos. Em pesquisas que trabalham a partir de dados verbais, a delimitação de episódios argumentativos pode ocorrer a partir da identificação de *operadores argumentativos* (Koch, 1984). Estas

pesquisas trabalham a partir da compreensão de que o enunciado argumentativo em geral apresenta alguns marcadores que o caracterizam enquanto tal, como, por exemplo: o *porque*, indicando uma justificção; o *mas*, demarcando a contraposição e o *portanto*, introduzindo uma conclusão a argumentos apresentados anteriormente; entre inúmeros outros. Entretanto, estes elementos não podem ser considerados obrigatórios ou universalmente presentes, havendo pesquisas que trabalham a partir da compreensão de que nem toda argumentação apresenta estes operadores argumentativos lógicos, mas que a oposição, por exemplo, pode ocorrer sem o uso explícito de marcadores de negação, como o *não* ou *mas* (Van Eemeren, & Grootendorst, 1992).

Estas afirmações encontram fundamento na perspectiva pragmática segundo a qual a ação ganha sentido no contexto em que ocorre. Segundo esta perspectiva, é necessário focalizar o contexto imediato (o ambiente, objetos, pessoas) e o contexto macro (histórico-cultural) que constituem as situações investigadas. Não se restringindo, portanto, a identificação e análise de elementos puramente verbais como marcadores enunciativos específicos (Bates, Camaioni & Volterra, 1975). Esta compreensão norteou a análise das falas dos participantes neste estudo, no qual foram observados operadores argumentativos, sem perder de vista o contexto discursivo em que estes surgem.

Transcrições

As transcrições dos eventos serão apresentadas respeitando a sequência cronológica em que os eventos foram videogravados. Todas as transcrições são numeradas respeitando esta sequência. No caso de Lara, esta numeração vai do 01 ao 15 e, no caso de Pedro, do 01 ao 14. Deste modo, os primeiros eventos registrados (quando as crianças tinham quatro semanas de vida) serão inicialmente apresentados e por fim, os últimos eventos registrados (quando cada criança atingiu seis meses de idade) serão discutidos.

Cada transcrição realizada é chamada de *Evento* e corresponde a uma situação do cotidiano infantil videografada (banho, alimentação ou brincadeira). A apresentação de cada Evento seguirá a seguinte sequência: 1- *cenário* identificando o contexto doméstico em que o evento ocorre; 2- *transcrição narrativa* das ações dos participantes que antecedem e/ou sucedem a ocorrência de episódios de protoargumentação – alvo específico das análises apresentadas; 3- identificação, transcrição e análise dos *episódios de protoargumentação* identificados no evento em questão, interpostos pelas análises realizadas. Em cada transcrição está registrado também a data em que a videogravação foi realizada, bem como a idade da criança no momento da videogravação (em meses, semanas e dias).

Nos episódios protoargumentativos (dentro de cada evento), as ações infantis interpretadas como oposições (desde seu início até sua finalização) são focalizadas e descritas. Nos episódios são descritas também as interpretações e ações realizadas pelo adulto sobre estas ações opositivas infantis. Por fim, descreve-se a reação da criança à ação adulta, conforme esquema a seguir:

A: Ação da criança

B: Interpretação (descrição das falas e ações específicas dos adultos)

C: Reação da criança

Este ciclo protoargumentativo pode repetir-se várias vezes em um mesmo episódio, pois os episódios somente são encerrados quando a argumentação é finalizada e a interação tem continuidade (voltando a ser descrita através da transcrição narrativa da interação). Adicionalmente, os episódios protoargumentativos podem apresentar pequenas variações, por exemplo, podem ter início com uma ação do adulto, seguida por ação infantil e interpretação adulta, dentre outras variações possíveis, desde que se observe a existência dos movimentos que caracterizam o ciclo protoargumentativo. Ressalta-se que tanto na

transcrição dos episódios protoargumentativos quanto nas análises realizadas, toda vez que uma ação infantil foi qualificada como *oposição*, leia-se *proto-oposição* (ações infantis interpretadas pelos adultos como oposições), salvo alguma consideração contrária tenha sido feita. A seguir será apresentado esquema de como as transcrições dos eventos serão apresentadas, bem como uma pequena descrição dos sinais e símbolos utilizadas nas transcrições.

Evento

(Situações do cotidiano infantil, por exemplo, banho, alimentação, brincadeira)

- Data da videogravação (idade da criança em meses/semanas/dias)
- Descrição do contexto

- Transcrição narrativa
- Transcrição narrativa
- Transcrição narrativa

- Episódio Protoargu.

Ciclo argumentativo 1:
A: Ação da criança
B: Interpretação (ações adultas)
C: Reação da criança

Ciclo argumentativo 2:
A: Ação da criança
B: Interpretação (ações adultas)
C: Reação da criança

(...)⁸

- Análise

- Transcrição narrativa
- Transcrição narrativa
- Transcrição narrativa

Sinais usados nas transcrições:

As transcrições dos eventos são divididas entre ‘Narrações’, momentos nos quais as ações são registradas, sem que nenhum episódio opositivo seja delimitado, e ‘Episódios’, momentos nos quais os episódios opositivos são delimitados e registrados. Nos episódios,

⁸ São descritos todos os ciclos proto-argumentativos até que a argumentação se encerre, passando-se a análise do episódio.

cada linha da transcrição é numerada com o objetivo de facilitar referências durante as análises. As análises são interpostas às transcrições e delimitadas pelo título ‘Análises’. As transcrições das ações verbais dos pais e demais adultos participantes dos eventos foram realizadas de maneira ortográfica. Na interação com a criança, os pais muitas vezes fazem uso de falsetto, infantilizando suas falas através do uso de diminutivos, com entonações um pouco mais altas e agudas que o normal e, às vezes, trocando a letra “R” pela “L”. Nos momentos nos quais os pais fazem uso deste tipo de alteração em suas falas, o uso do falsetto é marcado entre colchetes. As ações verbais dos adultos são marcadas em itálico e antecedidas pela marcação de tempo na qual ocorreram.

Entre [] estão comentários da pesquisadora quanto às falas dos participantes, marcação da fala em falsetto e marcação da duração do choro/choramingo e expressão de choro de Lara em segundos.

Entre () estão registradas as ações não verbais dos participantes durante os episódios.

O sinal (!) marca os enunciados exclamativos.

O sinal (:) a direita de uma letra, indica alongamento desta letra.

O sinal ([) marca ações que ocorreram simultaneamente.

O sinal (+) marca pequenas pausas de até 2 segundos.

O sinal (++) marca pausas com duração superior a 2 segundos.

O sinal (...) marca fala incompreensível.

O sinal (/...) marca fala interrompida ou inacabada.

O sinal (↑) marca subida rápida na entonação, normalmente usada para repreensão.

RESULTADOS

Através da análise dos eventos videografados e narrativamente transcritos, é possível observar como nos dois casos analisados (tanto de Lara quanto de Pedro), as ações infantis interpretadas como oposições se alteram ao longo do tempo observado. Nesta seção, este processo de desenvolvimento será explicitado primeiramente através da descrição das análises microgenéticas realizadas, apresentando 03 das 29 transcrições analisadas (as demais transcrições estão nos anexos desta dissertação). Em continuidade, a macroanálise realizada será apresentada e discutida através da apresentação de gráficos que ilustram os resultados construídos a partir do conjunto total das análises microgenéticas.

Início da Oposição: choro, choramingo e expressão de choro

Analisando os primeiros registros videográficos dos dois casos analisados foi possível observar como o choro, choramingo e expressão de choro são as ações infantis mais frequentemente interpretadas como oposições neste período. O choramingo é aqui definido em suas distinções com o choro, tendo menor altura e duração, bem como apresentado elevações súbitas. O choro distinguiu-se por ser produzido de modo rítmico e duradouro. Esta distinção entre choro e choramingo assemelha-se àquela utilizada por pesquisadoras como Fonte (2011) e Cavalcante (1999), que compreendem o choramingo como ‘choro de manha’ normalmente utilizado pela criança para chamar atenção do adulto. Complementarmente, a quietude das crianças é neste momento interpretada, em oposição ao choro, choramingo e expressão de choro, como anuência e consentimento. Embora seja possível observar que outras ações infantis também são significadas como oposição neste período inicial, como por exemplo, derrubar uma chupeta ou brinquedos (interpretadas como oposições a estes objetos), o choro/choramingo e expressão de choro são as ações mais marcadamente interpretadas como oposições nestes momentos iniciais do período analisado (observar gráficos 1 e 2, página 125).

Adicionalmente, ainda nestes momentos iniciais, é possível observar como as ações infantis interpretadas como oposições caracterizam-se por certa qualidade ‘demandante’. Nestes momentos, os pais interpretam que a criança não é ainda capaz de afastar-se de objetos/pessoas/situações que rejeitam, expressando sua oposição através destas ações (choro, choramingo e expressão de choro), por não conseguirem opor-se de maneira mais efetiva (afastando-se de pessoas, situações e objetos que rejeitam). Esta caracterização das primeiras interpretações das oposições infantis como demandas é capturada através da observação dos enunciados e movimentos interpretativos construídos pelos pais das crianças. Eles, ao observarem que as crianças choram, choramingam ou fazem expressão de choro, interpretam estas ações como oposições, procurando agir pelas crianças, por acreditarem que elas não são ainda capazes de agir sozinhas. Neste sentido, é possível observar como os adultos parecem sentir a necessidade de ‘complementar’ às ações infantis agindo e falando por elas.

Inicialmente é possível observar como os pais demarcam, através do uso de elementos discursivos específicos, os momentos nos quais falam pelas crianças, tentando comunicar aquilo que eles acreditam que a criança gostaria de expressar, mas é ainda incapaz de dizer. Para tanto, um dos elementos discursivos mais frequentemente utilizados é a fala em falsetto, caracterizada pela substituição da letra “R” pela “L”, pelo uso de diminutivos e tons altos e agudos. Ao fazer uso do falsetto, os adultos marcam os momentos nos quais falam pela criança, em contraste com os momentos nos quais ‘falam por si mesmos’. Em determinados momentos, é possível inclusive observar como um mesmo enunciado é ‘dividido’ pelos pais entre dois enunciadores distintos. Deste modo, determinada parte do enunciado é pronunciada com falsetto (como se a criança fosse o enunciador) enquanto outra não o é (demarcando que o adulto passa a ser o enunciador).

Exemplo deste tipo de enunciado pode ser observado no Evento 06 do caso de Pedro (Evento 06, episódio 01, linhas 2 e 3, em anexo), neste momento, a mãe de Pedro enuncia *‘diga [sem falsetto] eu tô me aperreando já, eu quero me levantar eu quero, você não tá me entendendo não mamãe? Eu quero me levantar é: [falsetto]’*. Sendo possível observar como neste enunciado a mãe de Pedro inicialmente pronuncia *‘diga’*, sem fazer uso do falsetto, demarcando que neste momento falava por si mesma dirigindo uma solicitação a Pedro. Neste momento ela parecia orientar Pedro a *‘dizer’* o que ela mesma pronuncia em seguida (como se falasse por ele). Em continuidade ela enuncia, *‘eu tô me aperreando já, eu quero me levantar eu quero, você não tá me entendendo não mamãe? Eu quero me levantar é:’*, fazendo uso do falsetto, demarcando que neste momento falava por Pedro enunciando uma reclamação dirigida a ela mesma, neste caso, um pedido para que ela o levantasse já que ele seria incapaz de fazê-lo sozinho. É possível observar como a construção deste enunciado é completamente dialógica, de modo que nele, a mãe encena um pequeno diálogo entre ela e Pedro.

É possível hipotetizar que no momento deste enunciado, a mãe de Pedro interpretava que ele sentia determinado desconforto (relacionado à vontade de se levantar), bem como começava a irritar-se com ela por demorar em atendê-lo (já que ele não conseguiria levantar-se sozinho). A partir desta interpretação, a mãe de Pedro elabora este enunciado (que ela acredita representar o ponto de vista de Pedro), dando voz a ele. Pois, segundo sua interpretação, Pedro não é capaz de levantar-se, nem tão pouco falar por si mesmo. Através deste exemplo, ressalta-se aqui como, a partir da observação das características dos enunciados do adulto (especialmente da fala em falsetto), é possível captar os momentos nos quais os pais falam pela criança. Nestes momentos, eles interpretam seu ponto de vista e agem por elas, interpretando sua oposição como uma demanda para que eles façam algo que a criança é incapaz de fazer sozinha.

Em continuidade, é possível também observar como mesmo sem fazer uso da fala em falsetto, os pais demarcam de diversas outras maneiras o fato de estarem dando voz e agindo pelas crianças, assumindo o ponto de vista delas. Exemplos destes marcadores discursivos são o uso de palavras infantilizadas (como *pepeta* em lugar de chupeta), diminutivos (como barriguinha ao invés de barriga) e o fato de muitas vezes referirem-se a si mesmos como ‘mamãe, mamãezinha e papai’, como se literalmente ocupassem o lugar da criança e estivessem falando por ela, dirigindo um pedido, ordem ou reclamação a eles mesmos (pais) por elas. Nestes momentos, os pais parecem assumir o lugar da criança na interação, complementando suas ações com enunciados que ‘explicitam’ e ‘descrevem’ o ponto de vista infantil, segundo a interpretação dos pais. Adicionalmente, agem por elas enquanto falam, tentando, por exemplo, movimentar as crianças do modo como acreditam que elas gostariam de serem movidas.

Adicionalmente, é possível observar neste momento como as ações infantis são de fato ainda pouco claras e diferenciadas, ou seja, surgem de maneira muito semelhante em diversas situações, sem qualquer elaboração ou diversificação aparente que facilite sua interpretação. Dito de outro modo, as crianças inicialmente realizam um número muito limitado de ações, repetindo as mesmas ações de maneira semelhante nos mais diversos contextos. Esta indiferenciação dificulta a apreensão do sentido particular de cada ação, de modo que o choro, por exemplo, pode ser interpretado como tristeza, raiva, fome ou dor, nas mais diversas situações, mesmo que o choro em si mesmo não varie ou apresente qualquer elemento que possibilite a apreensão de seu sentido particular.

Como consequência, para construírem suas interpretações sobre as ações infantis, os adultos parecem elaborar certo ciclo interpretativo caracterizado pela presença de três movimentos. Inicialmente eles elaboram hipótese sobre o sentido do comportamento infantil. Em seguida, como que para “comprovar” esta hipótese, agem fundamentados nela,

observando como a criança reage a sua ação. Por exemplo, quando hipotetizam que a criança tem fome, em seguida tentam alimentá-la observando como ela reage. Por fim, caso a criança se acalme, interpretam que ela aceitou a intervenção adulta e “comprovam” sua hipótese (com relação ao exemplo formulado, se a criança acalma-se e come, concluem que ela realmente tinha fome). Mas, se por outro lado, a criança reage chorando ou choramingando, interpretam que a criança se opõe à intervenção elaborada. Neste caso, os pais são levados a abandonar a hipótese inicial, elaborando nova hipótese, dando início a novo ciclo interpretativo.

Observa-se assim, como as características das ações infantis delimitam os movimentos interpretativos construídos pelos adultos. Esta observação sugere que há correção entre a ação adulta e infantil, ressaltando-se mais uma vez como a criança não é participante passiva em seu processo de desenvolvimento. São as características das ações iniciais infantis que possibilitam as interpretações e intervenções adultas. Do mesmo modo, na medida em que a ação infantil se altera e começa a diferenciar-se, possibilita também modificações na ação adulta que acompanha este desenvolvimento e também se altera. Nesse sentido, é possível observar como, em decorrência da já destacada indiferenciação das ações iniciais infantis, os adultos inicialmente têm que apoiar-se em diversos elementos contextuais na tentativa de construir suas interpretações. Neste momento, fundamentam-se principalmente em seu conhecimento sobre crianças em geral e sobre aquela criança em particular, bem como em seu próprio ponto de vista e elementos do cenário da interação para construir suas hipóteses sobre o sentido do comportamento infantil.

De modo geral conclui-se que, nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil, as oposições infantis são construídas em conjunto pela associação entre às ações da criança e as ações (verbais e não verbais) adultas. Como anteriormente já destacado, o

choro/choramingo infantil adquire diversos sentidos na interação (tristeza, raiva, reclamação), assumindo o status opositivo a partir da interpretação e ação parental. Observa-se assim, como o lugar proto-discursivo infantil é neste momento construído em cooperação com o adulto, pois, enquanto o adulto dispõe de uma série de recursos para comunicar-se (enunciados, gestos, artefatos e outros), a criança ainda tem sua gama de ações muito limitada e indiferenciada, sendo constantemente interpretada e complementada pela ação adulta.

Ilustrando as construções aqui formuladas sobre os primeiros momentos do desenvolvimento da oposição infantil, reproduz-se aqui a transcrição e análise de um dos primeiros eventos registrados no caso de Pedro. Ressalta-se que este evento reflete também aspectos observados no caso de Lara.

Evento 02 - Acalmando Pedro

Data: 15/01/12 – 01m/01s

Cenário: Este evento acontece na casa dos avôs paternos de Pedro. Inicialmente Pedro e sua mãe estão no sofá da sala, neste momento mãe brinca com Pedro, sua avó também interage com ele em alguns momentos. Durante a brincadeira, Pedro parece se interessar por algumas bonecas de barro que estão em uma estante ao lado do sofá. Depois de algum tempo, a avó de Pedro o pega e anda um pouco com ele pela casa. Por fim, ela o leva para o jardim e anda um pouco com ele, neste momento o vídeo se encerra. O pai da criança manipula a câmera, sua voz é ouvida em alguns momentos. O vídeo tem duração de 10 minutos e 13 segundos.

Narração:

Quando a filmagem tem início mãe e Pedro estão no sofá da sala. Mãe está sentada no sofá segurando Pedro em pé em seu colo, ela olha para Pedro enquanto ele tem a cabeça voltada para trás, mãe fala (03s) *hum? Hein?* Pedro permanece com a cabeça voltada para

trás, mãe fala (5s) *hein filho?* Pedro volta a cabeça para mãe que beija sua testa. Mãe deita Pedro em seu colo e fala (9s) *ai papai*. Pedro olha para a mãe que olha para ele e fala (12s) *Hum? Chore não, você quer sua chupetinha, é? você quer a chupetinha, é?* Pedro move a cabeça, mãe brinca passando o dedo no lábio inferior de Pedro. Pedro coloca a língua para fora, mãe fala (19s) *dá uma risadinha (!) dá uma risadinha (!)* Pedro olha para a mãe e faz alguns sons, mãe olha para ele e fala (22s) *o que foi? Hum? Hum?* Mãe faz alguns sons como respirações fortes [parecendo imitar os sons que Pedro faz] move a cabeça de cima para baixo. Pedro fica quieto. Mãe olha para ele e fala (35s) *o que foi que você tava reclamando tanto e agora ficou quietinho?* Pedro vira a cabeça, mãe olha seu pescoço e fala (39s) *Deixa a mamãe ver aqui (...)* Pedro olha para o lado e está quieto, mãe fala (50s) *hum? Você agora não quer não conversar é? hein? É filho? Hein? Puiu? Ei?* Mãe levanta Pedro colocando em pé em seu colo e segurando-o diante dela. Mãe beija sua bochecha, Pedro olha para mãe. Mãe olha para ele e fala (1m 08s) *o que foi?* Mãe aproxima seu rosto do rosto de Pedro, tocando seu nariz no nariz dele e fala (1m 10s) *o que foi?* Mãe novamente aproxima seu rosto do rosto de Pedro, cheira seu pescoço e fala (1m 12s) *hum? Hum?* Mãe repete esta ação de cheirar o pescoço de Pedro algumas vezes. Pedro olha para cima e abre a boca enquanto sua mãe beija seu pescoço, sua mãe sorri e vira Pedro para câmera falando (1m 19s) *olha, olha, olha*. Mãe repete esta ação beijando o pescoço de Pedro que olha para cima e abre a boca. Pai fala (1m 26s) *abre a boquinha*. Pedro olha para trás, mãe olha para ele e fala (1m 29s) *cadê a vovó?* Pedro continua olhando para trás, o enquadramento da câmera é ampliado e é possível ver que a avó de Pedro está atrás dele e olha para ele falando (1m 32s) *Cadê a vovó? Tem que falar espanhol (!) (...)* Pedro olha para avó. Avó olha para Pedro e faz alguns sons, Pedro olha para ela. Mãe fala (1m 45s) *o que você tá olhando?* Pedro continua olhando para avó. Avó olha para Pedro e manda beijos. Mãe beija pescoço de Pedro e fala (1m 56s) *eu sou curioso eu, eu sou curioso*.

Pedro move a cabeça virando-a ainda mais para trás, mãe fala (1m 59s) *olha eu to seguindo a vovó, eu to curioso querendo saber (...) quem é que fica conversando comigo?* [falsetto] Mãe deita Pedro em seu colo, Pedro boceja e mãe fala (2m 09s) *ei? que foi? O que foi? Você quer sua chupetinha? Quer sua chupetinha, é? a mamãe vai pegar* Pedro permanece quieto, boceja. Mãe fala (2m 214s) *E:i:ta que sono gra:nde mamãe (!)* Pedro olha para mãe, mãe move a cabeça de cima para baixo e fala (2m 29s) *você ta com sono é bebê? Você tá com sono?* Pedro olha para mãe, move o braço e sorri. Mãe olha para ele e fala (2m 34s) *há (!) há (!) o quê que você quer? Diga?* Mãe levanta Pedro colocando-o em pé em seu colo, Pedro está com o rosto vermelho, mãe fala (2m 39s) *eita, ta fazendo cocô, é? Tá fazendo cocô, é? ta fazendo cocozinho?* Mãe olha para Pedro e o segura diante de seu rosto, ele está quieto olhando para ela, mãe olha para Pedro e move a cabeça de cima para baixo enquanto fala (2m 45s) *hum? Diga pra mamãe (!) você ta fazendo um cocozinho, é? um cocozinho, é? Você tava fazendo um monte de birra, não quer mais fazer (!) só porque a mamãe pediu pro papai filmar (!) Você tá um cara muito lisa* [pausado]

Análise:

Analisando a transcrição do registro videográfico dos primeiros momentos deste evento, é possível supor que, antes do início da filmagem, Pedro agia de modo interpretado por sua mãe como ‘birra’, visto que ela enuncia ‘você tava fazendo um monte de birra, não quer mais fazer, só porque a mamãe pediu pro papai filmar’. Embora não seja possível assegurar quais seriam as ações anteriormente realizadas por Pedro e interpretadas como ‘birra’, é possível hipotetizar quais seriam estas ações através do contraste que sua mãe estabelece entre aquelas e as ações que Pedro realiza no início da filmagem. Logo no início deste evento, a mãe de Pedro enuncia ‘chore não, você quer sua chupetinha, é? você quer a chupetinha, é?’, entretanto Pedro naquele momento já não chorava, mas estava quieto. Este enunciado sugere que Pedro chorava nos momentos imediatamente anteriores ao início da

filmagem, sugerindo que este choro anterior foi interpretado por sua mãe como ‘birra’, ou seja, como capricho e irritação. Entretanto, a partir do início da filmagem, quando Pedro parece tranquilo, sua mãe contrasta sua tranquilidade atual com seu comportamento anterior e o questiona ‘o que foi que você tava reclamando tanto e agora ficou quietinho?’, sugerindo que a quietude e tranquilidade de Pedro são interpretadas como sinais de que Pedro agora está calmo.

Em continuidade, ainda sobre a quietude e olhar fixo de Pedro, estas ações parecem ser interpretadas como interesse e curiosidade, pois quando Pedro olha para avó, sua mãe enuncia ‘olha eu to seguindo a vovó, eu to curioso querendo saber (...) quem é que fica conversando comigo?’. Deste modo, parece ser possível observar que o choro de Pedro é interpretado como reclamação, enquanto sua tranquilidade e olhar fixo são interpretados como interesse e curiosidade.

Adicionalmente observa-se que a mãe de Pedro faz uso constante de tom interrogativo na interação com ele. Ela parece a todo o momento tentar certificar-se de que suas interpretações estão corretas solicitando sinais de Pedro. Ela constantemente o questiona ‘o que foi?’ e ‘o quê que você quer? Diga?’ parecendo assinalar a necessidade de que Pedro forneça mais elementos na interação para serem interpretados. Observa-se como a mãe de Pedro tenta estimulá-lo a agir e expressar-se fazendo uso de gestos, de tom interrogativo e de pausas, criando espaços (pausas) na interação para serem preenchidos por possíveis reações de Pedro. Deste modo, a mãe de Pedro solicita constantemente que ele atue e assim forneça mais elementos a serem interpretados por ela na interação.

Narração:

Pedro olha para mãe e coloca a língua para fora, mãe vira Pedro, deitando-o em seu colo e fala (3m 09s) *E mostrando a língua (!) mostre a língua pro papai (!)* Mãe passa o dedo no lábio inferior de Pedro e fala (3m 12s) *mostre a língua (!)* Pedro está quieto e

coloca a língua para fora, mãe faz alguns sons *i: eita (!) e essa linguinha?* Pedro move a cabeça, move o braço e coloca a língua para fora, mãe fala (3m 23s) *hum? Você quer pepeta?* Pedro olha para mãe, mãe olha para ele e faz alguns sons enchendo a boca de ar e soltando o ar em seguida, Pedro olha para mãe abre e fecha a boca, Pedro coloca a língua para fora, meche a cabeça e abre a boca. Mãe fala (3m 29s) *você quer o peitinho da mamãe, é?* Pedro se move e faz alguns sons, mãe questiona (3m 32s) *Você quer mamar? Hein? Hum?* Mãe passa a mão na barriga de Pedro, depois meche seus dedos em frente ao rosto de Pedro e toca seu nariz. Pedro está quieto olhando para a mãe. Mãe olha para Pedro, move a cabeça de cima para baixo e fala (3m 45s) *psiu, cadê a vovó? Cadê a vovozinha? A vovó? Vovó: cadê a vovó?* Pedro se move um pouco e boceja.

Episódio 01:

- 1- **Mãe** (3m 57s): (Olha para Pedro, move a cabeça de cima e para baixo) *A vovó onde ela tá? Hein? Hein meu amor?*
- 2- **Pedro** (3m 59s): (Pedro se agita e faz alguns sons, faz expressão de choro)
- 3- **Mãe** (4m 03s): *Cadê a vovó? Quero não saber de vovó não agora, eu quero é ficar em pé* (Coloca Pedro em pé em seu colo)
- 4- **Pedro** (4m 06s): (Olha para mãe)
- 5- **Mãe** (4m 09s): (Olha para Pedro) *hum? Hum?*
- 6- **Pedro** (4m 10s): (Faz expressão de choro)
- 7- **Mãe** (4m 11s): *o que foi? O que é que você quer? Diga pra mim*
- 8- **Pedro** (4m 13s): (Continua com expressão de choro)
- 9- **Mãe** (4m 15s): (beija Pedro, vira-o em direção à câmera) *olha o papai (!)*
- 10- **Pedro** (4m 17s): (Acentua expressão de choro e começa a fazer alguns sons)
- 11- **Mãe** (4m 18s): *Diga pa:pai: (!)*
- 12- **Pedro** (4m 20s): (Faz alguns sons)
- 13- **Mãe** (4m 22s): (O balança) *o que é que você quer?*
- 14- **Pedro** (4m 24s): (Desfaz expressão de choro e olha para trás)
- 15- **Mãe** (4m 26s): (O segura novamente de frete para ela) *Você quer chupetinha?*
- 16- **Pedro** (4m 27s): (Olha para trás, coloca a língua para fora)
- 17- **Mãe** (4m 28s): (O balança) *hein? Hum hum*

20- Pedro (4m 32s): (Move a cabeça e faz som como choramingo)

21- Mãe (4m 33s): *não (!) e você num quer não? Diga pra a mamãe vá (!)* (virando

22- Pedro e balançando-o)

23- Pedro (4m 35s): (Olha para a mãe quieto)

Análise:

No primeiro episódio deste evento, a mãe de Pedro o questiona e parece tentar chamar sua atenção para a avó (Linhas 1 e 2), talvez por ter interpretado anteriormente que Pedro olhava para ela com curiosidade. Neste momento, Pedro se agita, faz alguns sons e expressão de choro (Linha 3). A mãe de Pedro então enuncia ‘quero não saber de vovó não agora, eu quero é ficar em pé’ (Linhas 4 e 5), parecendo interpretar estas ações de Pedro (agitação, sons e expressão de choro) como oposições, como se Pedro estivesse se opondo a sua tentativa de distraí-lo e mantê-lo deitado, hipotetizando que Pedro gostaria de ser mantido em pé. Neste momento, a mãe de Pedro o levanta tentando atribuir sentido à sua ação e solucionar o desconforto de Pedro, agindo por ele. Pedro, entretanto, não se acalma, mas faz nova expressão de choro (Linha 8). Diante desta ação, sua mãe o questiona ‘o que foi? O que é que você quer? Diga pra mim’ (Linha 9), a partir deste enunciado, é possível concluir que a mãe de Pedro abandona sua interpretação anterior, acreditando que ela estava equivocada e que Pedro opunha-se a ela. Pois, solicita que Pedro expresse o que deseja (‘diga pra mim’), deste modo afirmando que sua interpretação anterior, segundo a qual Pedro queria ficar em pé, estava equivocada, buscando novo sentido para suas ações.

Em continuidade, a mãe de Pedro o vira para o pai enunciando ‘olha o papai’ (Linha 11), aparentemente atribuindo novo sentido ao comportamento de Pedro e interpretando que ele gostaria de ver o pai. Pedro, entretanto, mais uma vez não se acalma, o que possibilitaria com que sua mãe concluísse que sua interpretação estava correta. Ao contrário, Pedro continua com expressão de choro e faz alguns sons (Linha 12). Sua mãe então volta a perguntar ‘o que é que você quer?’ e ‘você quer chupetinha?’ (Linhas 15 e

17) parecendo mais uma vez interpretar estas ações de Pedro como oposições e sinais de que sua interpretação anterior estava incorreta. A mãe de Pedro abandona a hipótese anterior de que Pedro queria o pai, estabelecendo nova hipótese segundo a qual Pedro quer a chupeta. Pedro, entretanto, choraminga (Linha 20) e sua mãe enuncia ‘não (!) e você num quer não? Diga pra a mamãe vá (!)’ (Linhas 21 e 22) mais uma vez interpretando o choramingo de Pedro como oposição e sinal de que sua interpretação anterior não estava correta.

Neste episódio é possível observar a dificuldade que a mãe de Pedro encontra para interpretar suas ações. Ela parece solicitar que Pedro fale e atue no sentido de auxiliá-la a compreendê-lo, solicitando sinais mais claros que a possibilitem compreender e atender suas demandas. Adicionalmente, é possível observar como a mãe de Pedro instala certo ciclo interpretativo na interação com ele. Inicialmente ela parece propor certo sentido às ações de Pedro, elaborando asserção sobre seu comportamento (quer ver a avó, ficar em pé, ver o pai e quer a chupeta), entretanto, diante de cada uma destas asserções, Pedro faz expressão de choro, alguns sons ou choraminga, em ações interpretadas por sua mãe como oposições que a fazem abandonar sua asserção inicial e hipotetizar novo sentido para o comportamento de Pedro.

Este ciclo parece refletir os três elementos mínimos que definem a argumentação segundo Leitão (2007). Observa-se como inicialmente é elaborada uma Asserção/Argumento, uma afirmação da mãe de Pedro sobre seu comportamento. Em continuidade, observa-se que Pedro age (principalmente choramingando e fazendo expressão de choro) em ações interpretadas por sua mãe como oposição. Esta oposição levanta dúvidas sobre a asserção inicial elaborada pela mãe, levando-a a elaborar uma Resposta, abandonando sua asserção inicial e elaborando nova asserção sobre o comportamento de Pedro. Deste modo, este episódio parece ilustrar os movimentos

interpretativos realizados pela mãe de Pedro nos episódios proto-argumentativos, mostrando como ela interpreta determinadas ações da criança (choramingo e expressão de choro) como oposições, falando por Pedro (por exemplo, quando enuncia ‘Quero não saber de vovó não agora, eu quero é ficar em pé’ - Linha 4) e agindo por ele.

Narração:

Mãe faz alguns sons e cheira Pedro, fala (4m 42s) *um cheirinho* (!) Mãe cheira Pedro novamente e fala (4m 43s) *outro cheirinho*. Pedro estica as pernas, mãe fala (4m 44s) *e você empurrou a mamãe* [pausado] (!) *empurrou a mamãe* (!) *você tá muito esperto* [pausado] (!) Pedro está quieto e olha para o lado, há uma estante com algumas bonecas de barro neste lugar. Mãe segue a direção do olhar de Pedro, volta a olhar para ele e fala (4m 55s) *você tá procurando o quê filho?* Pedro continua olhando para o mesmo lado, mãe fala (4m 58s) *tá curioso, é? hum?* Pedro continua quieto olhando para o mesmo ponto, mãe vira o rosto acompanhando seu olhar e fala (5m) *é a boneca da vovó*. Mãe olha para Pedro e fala (5m 02s) *é bonita, né? É bonita ela* [pausado] (!) Pedro permanece quieto olhando para as bonecas e mãe olha para ele. Mãe fala (5m 10s) *Tá vendo?* Mãe olha para avó que entra na sala e fala (5m 15s) *ele gostou da boneca*. Avó fala (5m 13s) *é grande (...)* Mãe (5m 19s) *ô ele tá encantado*. Mãe olha para Pedro que continua olhando para as bonecas. Mãe fala (5m 26s) *psiu, psiu*. Pai fala (5m 30s) *ficou estátua, foi?* Mãe fala (5m 33s) *Ele tá prestando atenção* (!) Pedro continua quieto olhando para as bonecas. Mãe fala (5m 38s) *Tá vendo filho? Tá gostando?* Vó fala (...)

Episódio 02:

- 24- Pedro** (5m 42s): (vira a cabeça desviando o olhar das bonecas, bocejando)
- 25- Mãe** (5m 46s): (Deita Pedro em seu colo e fala com a avó)
- 26- Pedro** (5m 50s): (abre a boca, move a cabeça e faz alguns sons)
- 27- Mãe** (5m 53s): (olha para ele) *o que é? diga pra mim* (!) *Você não quer não que*
- 28- a mamãe vire, é?**

- 29- **Pedro** (5m 56s): (Faz alguns sons)
- 30- **Mãe** (5m 57s): (Olha para ele) *o que foi?*
- 31- **Pedro** (5m 58s): (Faz expressão de choro e alguns sons)
- 32- **Mãe** (6m): (O coloca em pé em seu colo) *o que é? Diga pra mamãe*
- 33- **Pedro** (6m 02s): (Ainda faz alguns sons)
- 34- **Mãe** (6m 06s): (levanta Pedro e o beija, faz alguns sons enquanto beija Pedro)
- 35- **Pedro** (6m 12s): (faz expressão de choro)
- 36- **Mãe** (6m 14s): *ouxi que bico que eu fiquei triste* [falsetto] (deita Pedro em seu
- 37- colo) *Quer o peitinho? Mamãe vai dar chegue*
- 38- **Pedro** (6m 19s): (esta quieto, olha para cima e boceja)
- 39- **Mãe** (6m 22s): *é o peitinho que você quer, é? hein?*
- 40- **Pedro** (6m 26s): (Se move e faz alguns sons)
- 41- **Mãe** (6m 27s): (Olha para ele) *diga mamãe, ou que manha gostosa que eu tô*
- 42- **Pedro** (6m 28s): (Faz expressão de choro)
- 43- **Mãe** (6m 31s): (Olha para ele) *é (!) era assim que você tava (!) reclamam:do*
- 44- (Deita Pedro em seu colo)
- 45- **Pedro** (6m 32s): (Faz expressão de choro e alguns sons)
- 46- **Mãe** (6m 35s): *era reclamando (!)*
- 47- **Pedro** (6m 36s): (Começa a chorar [25s])
- 48- **Mãe** (6m 38s): *não é mais não, vamo, vamo, mamãe vai dar o peitinho chega*
- 49- (arruma Pedro para amamentá-lo)
- 50- **Pedro** (6m 42s): (Continua chorando)
- 51- **Mãe** (6m 43s): (Deita Pedro em seu colo) *ê: dá peitinho do Pedrinho*
- 52- **Pedro** (6m 46s): (Chora mais alto)
- 53- **Mãe** (6m 48s): (Pega uma fralda de pano, o levanta) *vem cá, vem cá (!)*
- 54- **Pedro** (6m 50s): (Continua chorando)
- 55- **Mãe** (6m 55s): (Arruma Pedro) *é, eu acho que eu não quero mais brincar disso*
- 56- *não, eu quero comer* [falsetto] (dá o seio a Pedro) *venha, venha, venha, venha*
- 57- **Pedro** (7m 05s): (Faz alguns sons e se agita, chora [4s] e move a cabeça)
- 58- **Mãe** (7m 08s): (Imita o movimento de cabeça de Pedro) *eita (!) eita (!) que*
- 59- *raiva grande (!) que raiva grande (!)* [falsetto]
- 60- **Pedro** (7m 09s): (Continua fazendo alguns sons)
- 61- **Mãe** (7m 10s): (olha para ele, move a cabeça de cima para baixo) *foi? O que foi?*

62- *Por que você tá assim reclamando?* [pausado]

Análise:

Nos momentos imediatamente anteriores a este segundo episódio, é possível observar que Pedro olha para algumas bonecas de barro que ficam na estante da sala ao lado do sofá. A mãe de Pedro interpreta que ele se interessa pelas bonecas, interpretando sua ação (quietude e olhar fixo) como admiração pelos objetos. No início do segundo episódio, Pedro desvia o olhar das bonecas (Linha 24) e só então sua mãe o muda de posição deitando-o em seu colo parecendo hipotetizar que Pedro já não as observava e, portanto, poderia deitá-lo. Pedro, entretanto, faz alguns sons (Linha 26) e sua mãe enuncia ‘o que é? diga pra mim (!) você não quer não que a mamãe vire, é?’ (Linhas 27 e 28), parecendo interpretar esta ação de Pedro como oposição, como se ele estivesse se opondo ao fato de ter sido afastado das bonecas. Em continuidade, Pedro faz alguns sons e expressão de choro (Linhas 29 e 31), sua mãe o questiona ‘o que é?’ e ‘diga pra mamãe o que foi?’ (Linhas 30 e 32) parecendo mais uma vez assinalar sua dificuldade em interpretar as ações de Pedro solicitando que ele se expresse. É possível observar como a mãe de Pedro novamente interpreta sua expressão de choro como oposição à sua asserção inicial, questionando o que Pedro queria ‘o que é?’ e ‘diga pra mamãe o que foi?’ (Linhas 30 e 32), demarcando através deste enunciado que sua interpretação anterior estava equivocada.

Em continuidade, Pedro faz expressão de choro (Linha 35) e sua mãe enuncia ‘ouxi que bico que eu fiquei triste’ (Linhas 36 e 37) usando voz em falsetto parecendo falar por Pedro e interpretar sua ação não mais como oposição, mas como expressão de tristeza. Adicionalmente, a mãe de Pedro hipotetiza que a causa de seu desconforto é fome, oferecendo o seio a Pedro e questionando-o ‘quer o peitinho? Mamãe vai dar cheque’ (Linhas 36 e 37). Neste momento, a mãe de Pedro olha para ele e parece esperar por algum sinal que a possibilite comprovar se sua hipótese estava correta ou não, ela então volta a

questioná-lo ‘é o peitinho que você quer, é? hein?’ (Linha 39), assinalando a necessidade de que Pedro atue de modo a corroborar sua interpretação ou se opor a ela.

Pedro então reage desfazendo a expressão de choro e voltando a produzir alguns sons (Linha 40). A mãe de Pedro parece interpretar esta ação como sinal de que Pedro na verdade não experimentava nenhum desconforto, mas somente tentava chamar atenção, pois enuncia ‘diga mamãe, ou que manha gostosa que eu tô’ (Linha 41), qualificando seu comportamento como ‘manha’, ou seja, capricho e irritação sem causa específica. Em seguida, Pedro se move e faz expressa de choro (Linha 42) e sua mãe parece então encontrar semelhança entre estas ações e as ações que Pedro realizava antes do início desta filmagem, pois enuncia ‘é (!) era assim que você tava (!) reclaman:do’ (Linhas 43 e 44). Neste momento a mãe de Pedro parece interpretar suas ações (vocalizações e expressão de choro) como ‘birra’, interpretando que Pedro irrita-se, mas sem que nada estivesse realmente o incomodando, somente por ‘manha’.

Em seguida, Pedro começa a chorar de modo prolongado (Linha 47) e sua mãe volta a interpretar esta ação como fome, apressando-se em tentar atendê-lo. A mãe de Pedro começa então a preparar-se para amamentá-lo, enquanto ele continua chorando. Ela enuncia ‘é, eu acho que eu não quero mais brincar disso não, eu quero comer’ (Linhas 55 e 56) usando voz em falsetto parecendo tentar delimitar que naquele momento falava por Pedro interpretando que já não havia espaço para ‘brincadeira’, ou seja, para tentativas de distrair Pedro, pois ele estava sentido desconforto causado pela fome e deveria ser atendido. Observa-se assim, como o choro prolongado de Pedro, em contraste com sua expressão de choro anterior, é interpretado como queixa e reclamação legítima, enquanto seu comportamento anterior esta sendo interpretado somente como birra. Sugere-se assim que pequenas alterações nas ações de Pedro possibilitam alterações nas interpretações construídas por sua mãe.

Em seguida neste episódio, Pedro continua chorando e começa a mover sua cabeça em ações interpretadas por sua mãe como raiva (Linha 57). A mãe de Pedro enuncia ‘eita (!) eita (!) que raiva grande (!) que raiva grande (!)’ parecendo interpretar que Pedro se aborrece com sua demora em atendê-lo. De modo geral, observa-se como a mãe de Pedro encontra dificuldade para interpretá-lo, formulando diferentes hipóteses na tentativa de compreender seu comportamento. Algumas ações de Pedro são interpretadas de diferentes maneiras, como por exemplo, sua expressão de choro, interpretada como oposição, tristeza e fome em diferentes momentos. Esta variação nas interpretações construídas pela mãe de Pedro parece ser consequência da própria indiferenciação de suas ações, pois Pedro age de modo semelhante em contextos diversos levando sua mãe a construir suas interpretações fundamentando-se principalmente em elementos contextuais. Deste modo, a mesma ação de Pedro é interpretada de modo diverso dependendo da situação contextual em que surge.

Entretanto, de modo geral, determinadas ações de Pedro são interpretadas de modo mais ou menos constante. Especialmente sua expressão de choro, choro e vocalizações, são constantemente interpretadas como expressão de algum desconforto (como tristeza ou reclamação), sendo às vezes interpretados também como oposição. Ilustrando a hipótese aqui levantada de que as interpretações construídas pela mãe de Pedro fundamentam-se principalmente em elementos contextuais, observa-se como, nos momentos iniciais deste episódio, a mãe de Pedro interpreta sua movimentação como oposição ao fato de ter sido afastado das bonecas. Neste momento, a mãe de Pedro o vira de costas para estes objetos e Pedro abre a boca, move a cabeça e faz alguns sons (Linha 26), ela então interpreta estas ações como oposições de Pedro ao fato de ter sido virado (e afastado das bonecas). Esta interpretação parece ser construída não somente a partir das ações de Pedro, mas, a partir de elementos contextuais, visto que Pedro movimenta-se assim que sua mãe o vira, afastando-o das bonecas, possibilitando esta interpretação. A mãe de Pedro parece assim,

comparar seus comportamentos, observando quando sua movimentação teve início, apoiando-se nestes elementos para interpreta esta ação de Pedro como oposição.

Narração:

Mãe fala (7m 15s) *mô filma aqui de cima pra você ver a cara que ele faz*. A câmera se aproxima focalizando o rosto de Pedro.

Episódio 03:

- 63- Mãe** (7m 22s): (Olha para Pedro) *oi (!) oi (!) é o que foi reclamando? Oi, diga?*
- 64- Pedro** (7m 27s): (Olha para mãe e tem a boca aberta, faz alguns sons)
- 65- Mãe** (7m 29s): *oi (!)*
- 66- Pedro** (7m 30s): (Move-se e faz alguns sons)
- 67- Mãe** (7m 31s): *oi mamãe (!) Você ficou chateado que a mamãe demorou em dar*
- 68- o seu peitinho?** (coloca o seio na boca de Pedro) *tome (!)*
- 69- Pedro** (7m 35s): (Não pega o peito, faz alguns sons e expressão de choro)
- 70- Mãe** (7m 38s): *a mamãe demorou, aí eu fico assim com raiva (!) [falsetto]*
- 71- Pedro** (7m 40s): (Chora alto [26s])
- 72- Mãe** (7m 41s): (Coloca o seio em sua boca) *é (!), tome, tome, tome, tome (!)*
- 73- Pedro** (7m 43s): (Continua chorando e não pega o seio)
- 74- Mãe** (7m 45s): (Continua tentando fazê-lo pegar o seio) *tome, tome, tome (!)*
- 75- Pedro** (7m 47s): (Continua chorando e não pega o seio)
- 76- Mãe** (7m 48s): *o que foi? O que foi? Oi, oi, oi*
- 77- Pedro** (7m 49s): (Continua chorando)
- 78- Mãe** (7m 50s): (Tenta lhe dar o seio) *tome, tome, tome (!)*
- 79- Pedro** (7m 53s): (Continua chorando e não pega o seio)
- 80- Mãe** (7m 55s): *ele é assim*
- 81- Avó** (7m 57s): *será que ele não quer leite?*
- 82- Mãe** (8m): *é não, é que eu demorei em dar o peito a ele* (Levanta Pedro,
- 83- colocando-o em pé em seu colo)**
- 84- Pedro** (8m 02s): (Continua chorando)
- 85- Mãe** (8m 03s): (Balança Pedro) *ê, ê, ê, é mamãe você demorou, aí eu fico bravo*
- 86- num é?** [falsetto]
- 87- Pedro** (8m 06s): (Olha para a mãe e para de chorar, mantém expressão de choro)

88- Mãe (8m 09s): (Olha pare ele e move a cabeça de cima para baixo) *é (!) é (!) eu*

89- *fico (!) eu fico bravo quando você demora a dar meu peitinho, fica me*

90- *enganando (!)*

Mãe deita Pedro em seu colo, Pedro está quieto.

Análise:

No terceiro episódio deste evento, a mãe de Pedro continua interpretando suas ações como reclamações (Linha 63) e parece interpretar que ele protesta contra a demora em ser alimentado. A mãe de Pedro enuncia ‘oi mamãe (!) você ficou chateado que a mamãe demorou em dar o seu peitinho?’ (Linha 67) e ‘a mamãe demorou, aí eu fico assim com raiva (!)’ (Linha 70), interpretando a vocalização de Pedro (Linhas 64 e 66), bem como sua expressão de choro (Linha 69) como ‘raiva’ e protesto. A mãe de Pedro passa então a tentar fazê-lo mamar, mas Pedro chora e não pega o seio materno (Linhas 69, 71, 73, 75, 77 e 79). A avó de Pedro discorda da interpretação realizada pela mãe (de que Pedro estaria com fome) e questiona ‘será que ele não quer leite?’ (Linha 81), interpretando o choro constante de Pedro e o fato dele não ter pegado o seio, como oposição e sinal de que Pedro não tinha fome, mas rejeitava as tentativas de sua mãe de alimentá-lo. A mãe de Pedro, entretanto, mantém seu ponto de vista afirmando ‘é não, é que eu demorei em dar o peito a ele’ (Linhas 82 e 83) e ‘ê, ê, ê, é mamãe você demorou, aí eu fico bravo num é?’ (Linhas 84 e 86), interpretando o choro de Pedro como raiva e protesto por sua mãe ter demorado a alimentá-lo. Pedro em seguida para de chorar, mas mantém a expressão de choro (Linha 87) que é ainda interpretada por sua mãe como raiva, visto que enuncia ‘é (!) é (!) eu fico (!) eu fico bravo quando você demora a dar meu peitinho, fica me enganando (!)’ (Linhas 88 e 89). Observa-se assim como a mesma ação de Pedro em um mesmo contexto pode ser interpretada de maneiras diferentes. Enquanto

sua mãe interpreta seu choro como raiva, como protesto por ela ter demorado a alimentá-lo. A avó de Pedro, entretanto, parece interpretar estas mesmas ações como oposições, como rejeições de Pedro às tentativas de sua mãe de alimentá-lo. Mais uma vez ressalta-se aqui que a indiferenciação das ações de Pedro dificulta sua interpretação. Deste modo, sua ação somente adquire determinado sentido na interação a partir do contexto em que ocorre e, principalmente, através da interpretação construída pelo adulto. No presente episódio, segundo a perspectiva da mãe, o choro de Pedro adquire status de expressão de raiva e incômodo. A partir da perspectiva de sua avó, entretanto, esta mesma ação adquire status opositivo.

Episódio 04:

- 91- Pedro** (8m 16s): (Volta a chorar [15s])
- 92- Mãe** (8m 18s) *oi meu queixo como treme (!) Oia, oia, oia, que raiva mamãe (!)*
- 93-** (tenta dar o peito a Pedro)
- 94- Pedro** (8m 21s): (Não pega o peito, continua chorando)
- 95- Mãe** (8m 23s): *ô: é não, não é não*
- 96- Avó** (8m 26s): *ou quero não, deve ser a barriguinha dele*
- 97- Pedro** (8m 28s): (Chora mais alto)
- 98- Mãe** (8m 30s): (Levanta-o) *eu quero é ficar em pé (!)*
- 99- Pedro** (8m 31s): (Continua chorando)
- 100- Avó** (8m 32s): *me dê, eu levo ele lá fora*
- 101- Mãe** (8m 35s): (olha para Pedro) *ô: meu amor*
- 102- Pedro** (8m 36s): (continua chorando)
- 103- Mãe** (8m 40s): (entrega Pedro para avó) *vá passear com a vovó*
- 104- Avó** (8m 44s): (pega Pedro) *passear lá fora, com a vovó (!)*
- 105- Pedro** (8m 46s): (para de chorar)
- 106- Avó** (8m 49s): *vamo lá, eu não quero saber de ficar aí em cima*

Avó leva Pedro para fora, passa pelo avô de Pedro e fala *olha aí o nono, olha o nono*. Vira Pedro para o avô. Pedro está quieto. Avó fala com avó que fala com Pedro (9m)

o que você tá fazendo? Avó fala (9m 10s) *ele não gosta de ficar muito tempo ali (...)* Pedro está quieto, avó anda com ele e fala (9m 22s) *ele quer olhar, que mais tem por aí? Tá olhando as coisas aí.* Avó sai da casa com Pedro e fala (9m 41s) *vamo dar um passeio (!) que coisa nova a por aqui?* Pedro está quieto, fecha os olhos. Avó fala (9m 49s) *o sol, o sol, tem que se acostumar com o sol (!)* Avó anda com Pedro e fala (10m) *passeio (!) Olha como ta fresquinho aqui: gostoso (!) hum?* Pedro está quieto. Mãe fala (10m 12s) *que bochecha linda da minha mãe: (!)* vídeo se encerra.

Análise:

No quarto episódio deste evento, Pedro volta a chorar (Linha 90) e sua mãe enuncia ‘oi meu queixo como treme (!) Oia, oia, oia, que raiva mamãe (!)’ (Linhas 91 e 92), voltando a tentar amamentar Pedro. Neste momento, a mãe de Pedro interpreta que há certa intensificação nas ações de Pedro, interpretando que sua raiva aumenta, assinalando como sua raiva está ‘grande’ e parecendo interpretar esta intensificação a partir da ação de Pedro de tremer o queixo. Deste modo, a mãe de Pedro mais uma vez interpreta seu choro como protesto contra a demora em ser alimentado. Pedro, entretanto, continua chorando e não aceita o seio que a mãe oferece (Linha 93). A avó da criança mais uma vez discorda da interpretação realizada pela mãe de Pedro e enuncia ‘ou quero não, deve ser a barriguinha dele’ (Linha 95), mais uma vez interpretando que Pedro se opõe às tentativas de sua mãe de alimentá-lo. A avó de Pedro inicialmente enuncia ‘ou quero não’ (Linha 95) como se falasse por Pedro assinalando que ele não quer leite. Em seguida, completa ‘deve ser a barriguinha dele’ (Linha 95) marcando que a interpretação realizada pela mãe não foi efetiva, visto que algo mais o incomodava, hipotetizando que ele talvez estivesse com dor de barriga. Neste momento, a mãe de Pedro parece também retificar sua interpretação afirmando ‘eu quero é ficar em pé (!)’ levantando Pedro (Linha 97) interpretando o choro de Pedro como oposição à sua interpretação anterior. A partir desta oposição, a mãe de

Pedro abandona sua interpretação anterior de que Pedro tinha fome, sem assumir também a interpretação realizada pela avó da criança (de que ele teria dor de barriga), mas hipotetizando que Pedro protestava porque queria ficar em pé. Deste modo, é possível observar como o fato de Pedro não aceitar o seio materno e continuar chorando, é agora interpretado por sua mãe e avó como oposições, embora com sentidos diversos. Por fim, a avó de Pedro o leva para andar pela casa (Linha 99) e, como Pedro para de chorar (Linha 104), conclui que seu choro decorria do incômodo de estar parado e que ele na verdade queria passear. A avó de Pedro então enuncia ‘vamo lá, eu não quero saber de ficar aí em cima’ (Linha 105), interpretando que Pedro protestava por não gostar de ficar muito tempo parado naquele local.

Neste episódio, é possível observar como mais uma vez a mãe de Pedro repete o ciclo interpretativo realizado no primeiro episódio. Inicialmente ela propõe certo sentido às ações de Pedro, elaborando asserção sobre seu comportamento (que Pedro tem fome e raiva por sua mãe demorar a alimentá-lo). Entretanto, como Pedro não aceita o seio materno, mas continua chorando, sua mãe interpreta estas ações como oposições que a levam a abandonar sua asserção inicial e hipotetizar novo sentido para o comportamento de Pedro (que ele quer ficar em pé e passear). Deste modo, é possível observar como a mãe de Pedro procura atribuir sentido às suas ações, complementando-as e elaborando asserções sobre elas. Especialmente seu choro é interpretado como oposição, entretanto é interpretado também como raiva, tristeza e fome, de modo que é possível concluir que a ação infantil adquire status opositivo na interação a partir da interpretação e ação adulta.

Estabelecimento de rotinas: Oposição como Recusa

Ao longo do processo de desenvolvimento infantil, é possível observar como as crianças prosseguem realizando as mesmas ações que anteriormente já eram interpretadas como oposições (choro/choramingo e expressão de choro). Entretanto, as interpretações

construídas sobre estas ações começam a apresentar pequenas variações. Inicialmente, observa-se como os pais de Pedro e Lara passam a interpretar que suas crianças começam a fazer uso proposital destes comportamentos para ‘conseguir aquilo que querem’ ou chamar atenção. Estas novas características das construções interpretativas adultas são captadas a partir da observação de elementos discursivos específicos que passam a ser utilizados por eles na interação.

Inicialmente observa-se como os pais começam, a partir aproximadamente do terceiro mês de vida das crianças, a repreendê-las através de entonações e ações específicas. Através destas ações, os adultos recriminam e tentam fazer com que as crianças cessem determinado comportamento considerado inadequado. Exemplo do uso deste tipo de entonação é encontrado no Evento 11, no caso de Lara, no episódio 05 (Linhas 78 e 79, exibido abaixo na página 79) quando Lara agita-se, choraminga e derruba sua chupeta. Neste momento, a mãe de Lara enuncia ‘*Olha, oxi Lara*⁹’, tentando recolocar a chupeta em sua boca. Observa-se, como a mãe de Lara a repreende por ter derrubado a chupeta e choramingado, adicionalmente tenta recolocar a chupeta em sua boca, agindo de maneira diretamente oposta à Lara, tentando fazê-la aceitar este objeto. Através da observação desta ação, hipotetiza-se que a mãe de Lara atribui certa responsabilidade a ela, interpretando que Lara tem controle sobre seu próprio choramingo e sobre a ação de aceitar/derrubar a chupeta, tentando levá-la, através de seu enunciado e ações, a encerrar o choramingo e aceitar a chupeta. Ações semelhantes podem ser observadas tanto no caso de Lara quando de Pedro. Ressalta-se que a partir da observação destas ações (entonação de repreensão e oposição direta), é possível concluir que os pais começam a atribuir certa intencionalidade à ação infantil. De modo geral, os adultos começam a responsabilizar às

⁹ Sinal que marca entonação de repreensão.

crianças por seus atos, tentando convencê-las a realizar ação contrária (através da oposição direta) ou encerrar determinada ação (através da repreensão) considerada inadequada.

Estas interpretações parecem contrastar com aquelas realizadas nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil, quando os pais interpretavam que as crianças eram ainda imaturas e dependentes, sem repreendê-las ou tentar convencê-las a agir, mas agindo por elas. Aqui, entretanto, quando os pais observam o desenvolvimento de suas crianças, começam a atribuir certa intencionalidade a elas, repreendendo-as quando agem de maneira considerada inadequada. Adicionalmente, é possível observar como os pais interpretam que seus filhos começam a desenvolver alguma capacidade de compreensão, pois fazem uso de enunciados específicos e tentam convencê-los a agir, parecendo esperar que elas compreendam suas ações e encerrem seu comportamento.

Em continuidade, é possível observar que além da entonação de repreensão e oposição direta, os adultos começam a fazer uso de outros elementos atribuindo intencionalidade à ação infantil. Os adultos começam, por exemplo, a fazer uso de adjetivos/verbos que sugerem intencionalidade para qualificar as ações infantis. A mãe de Lara, no mesmo Evento 11 (Episódio, 06, linha 98, página 81) interpreta a vocalização e agitação de Lara como ‘briga’, enunciando *‘Brigando? Por que brigando?’*, como se interpretasse a ação de Lara como tentativa deliberada de afrontar e atacar. Deste modo, a mãe de Lara parece mais uma vez interpretar suas ações como se elas fossem deliberadamente produzidas por Lara com finalidades específicas. Ainda no caso de Lara, no décimo segundo evento (Evento 12, episódio 08, linhas 52 e 53, em anexo), Lara, que estava deitada, estica o corpo e pernas levantando-se. Neste momento, a mãe de Lara tenta sentá-la e enuncia *‘Senta (!) Eita tá botando força (!)’* mais uma vez parecendo afirmar que Lara age de modo intencional e ‘bota força’ para manter-se em pé e não sentar. Deste

modo, é possível observar como os pais começam a atribuir maior intencionalidade às oposições infantis.

Adicionalmente, é possível observar também como outras ações e elementos começam a surgir e se integrar ao “repertório opositivo” infantil, como, por exemplo, a Recusa. Rastreando o processo de emergência desta conduta opositiva é possível observar como, desde os momentos iniciais da interação entre adultos e crianças, os pais começam a estabelecer rotinas na interação com a criança objetivando regulamentar e regularizar o cotidiano infantil. As características e ações que compõe estas rotinas modificam-se e desenvolvem-se ao longo do período analisado, de maneira que, conforme a criança avança em seu desenvolvimento e começa realizar novas ações, os adultos passam a complexificar as rotinas que compõem seu cotidiano, delegando ações específicas a serem realizadas por elas. A partir deste momento, quando as crianças reagem do modo esperado, cumprindo seu papel em determinada rotina, esta reação é considerada apropriada e interpretada como aceitação e acordo. Entretanto, quando as crianças não reagem do modo esperado, esta recusa é interpretada como oposição. Deste modo, observa-se como a recusa, ou seja, a não execução de ações específicas, passa a ser interpretada como oposição.

Exemplo deste tipo de interação é observado no evento 08 do caso de Pedro (Evento 08, episódio 01, linhas 1, 2, 3 e 4, em anexo) quando o pai de Pedro tenta lhe dar a chupeta, mas Pedro não a pega. Neste momento, o pai de Pedro recoloca a chupeta sobre a cama e enuncia ‘*quer não? Hein gostosinho?*’, parecendo interpretar esta ação de Pedro (o fato dele não pegar a chupeta), como oposição que o leva a concluir que Pedro não a quer. Em outros momentos neste mesmo evento, o pai de Pedro repete esta ação, oferecendo a chupeta a Pedro e parecendo esperar que ele reaja aceitando-o. Em determinado momento, no sétimo episódio deste evento (Evento 08, episódio 07, linhas 62, 63, 64 e 65, em anexo), o pai de Pedro mais uma vez lhe oferece a chupeta e ele de fato reage abrindo a boca e

aceitando-a. Neste momento, o pai de Pedro enuncia ‘*chupetinha papai [falsetto] tome, melhor? Hum?*’ interpretando esta reação de Pedro como aceitação e sinal de que Pedro a queria. Observa-se assim, como os pais de Pedro repetem determinadas rotinas na interação, como o oferecimento de determinados objetos, esperando que a criança realize ações específicas diante deste oferecimento. Quando a criança age do modo esperado (no exemplo aqui apresentado, quando Pedro abre a boca e aceita a chupeta) interpretam esta ação como concordância. Entretanto, quando as crianças não reagem, mas recusam os objetos e estímulos oferecidos pelos pais, interpretam esta ação como oposição.

Observa-se neste momento, que os adultos parecem interpretar a ausência de ação infantil, ou seja, a não realização de determinada ação, não como incapacidade da criança, ou seja, como se a criança não realizasse determinado movimento por ser incapaz de fazê-lo. Mas, ao contrário, esta ausência de reação é interpretada como uma escolha deliberada feita pela criança, como se ela não agisse como forma de demonstrar oposição à ação parental. Observa-se assim, como esta interpretação afasta-se daquelas construídas nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil, quando os pais interpretavam a limitada capacidade de movimentação infantil como demanda, levando-os a agir pelas crianças. Aqui, entretanto, a ausência de ação infantil diante de determinados estímulos (recusa) é interpretada enquanto oposição. Para tanto, os adultos fundamentam-se no fato de que as crianças muitas vezes reagem positivamente diante destas mesmas situações, ou seja, realizam a ação esperada pelos pais. Por isso, quando a criança não reage do modo esperado, os pais não interpretam esta não reação como incapacidade, mas sim como recusa, interpretando que a criança ativamente se opõe e recusa-se a agir do modo como os pais solicitam.

Esta complexificação do papel ocupado pelas crianças nas rotinas estabelecidas com os adultos, bem como as novas interpretações construídas sobre suas ações, são

possibilitadas pelo próprio desenvolvimento infantil. Na medida em que as crianças se desenvolvem e ampliam as ações que são capazes de realizar, possibilitam com que os adultos alterem suas ações e interpretações, bem como as rotinas interativas, atribuindo ações a serem realizadas pela criança. Observa-se deste modo como o desenvolvimento infantil se desdobra de maneira corregulada. Os adultos estimulam este desenvolvimento, criando situações na tentativa de incitar a movimentação infantil, sendo também regulados pelo desenvolvimento infantil, alterando suas ações e distribuindo papéis, ou seja, delegando ações específicas a serem realizadas pelas crianças na medida em que observam seu desenvolvimento.

Exemplo deste tipo de estimulação é encontrado também no oitavo evento no caso de Pedro (Evento 08, episódio 08, linhas 77, 78 e 79, em anexo), quando Pedro está deitado na cama e seu pai tenta levantá-lo. Neste momento, o pai de Pedro não o manipula passivamente, colocando-o no colo e levantando-o. Mas, segura os braços de Pedro e começa a puxá-los para levantá-lo, levando Pedro a contrair o pescoço e levantar a cabeça. Deste modo, o pai de Pedro o estimula a realizar determinada ação, participando, mesmo que ainda de modo muito incipiente, do processo de levantar-se. Hipotetiza-se que, através deste tipo de ação, os adultos tentam estimular às crianças a desenvolverem-se, ampliando seu papel na interação.

Entretanto, neste momento do desenvolvimento infantil, as ações realizadas pelas crianças não são ainda completamente livres. Mas, possibilitadas pelos pais, ou seja, são delimitadas pelas situações e contextos que os pais criam especificamente para fazer as crianças agirem de determinada maneira em determinado momento. A fim de exemplificar as construções aqui formuladas, reproduz-se a seguir transcrição e análise de evento registrado no caso de Lara.

Evento 11 - Lara tomando suco

Data: 9/05/2009 – 3m/3s/6d

Cenário: A videogravação deste evento acontece no sofá da sala da casa da avó de Lara. Somente mãe e Lara aparecem neste evento. Quando a filmagem tem início, a mãe de Lara tentava fazê-la beber o restante de suco que estava em sua mamadeira, Lara já havia tomado a maior parte do suco e há somente um pouco na mamadeira. Uma tia da criança manipula a câmera. Durante a filmagem alguns sons chamam a atenção de Lara, como o som de um liquidificador na cozinha e um carro de som que passa na rua. Um quadro na parede da sala e a própria câmera também parecem chamar a atenção de Lara. Este evento tem duração de 11 minutos e 29 segundos.

Narração:

Quando o vídeo tem início mãe e Lara estão no sofá da sala. Lara está sentada no colo de sua mãe apoiada em uma almofada, sua mãe tem uma mamadeira na mão. Há uma fralda em cima do sofá. Lara está quieta e olhando para frente.

Episódio 01:

- 1- **Mãe** (5s): (Começa a deitar Lara em seu colo) *Tá olhando pra câmera, é? Tome*
- 2- *o suquinho (!)*
- 3- **Lara** (7s): (Se agita, estica o corpo para trás e faz expressão de choro)
- 4- **Mãe** (8s): (Coloca a mamadeira na boca de Lara) *suquinho de melão que você*
- 5- *gosta [sem falsetto] Abuso não, abuso, abuso [falsetto]*
- 6- **Lara** (11s): (Tem a mamadeira na boca e se aquieta (++) agita-se, mexe os
- 7- braços e tronco)
- 8- **Mãe** (15s): *Hum que delícia de suquinho (!) [falsetto]* (Segurando a mamadeira
- 9- na boca de Lara)

Lara bebe o suco quieta e olha para algum ponto fora do enquadramento do vídeo. Mãe segura a mamadeira de Lara com uma mão e com a outra pega a fralda que estava no sofá e fala *hum, que delícia de suquinho, né mamãe?* [falsetto] Mãe coloca fralda no

pescoço de Lara e a levanta um pouco. O vídeo é interrompido, mas logo religado, Lara tosse e sua mãe tira a mamadeira de sua boca dizendo *opa* (!) Lara move os braços, sua mãe recoloca a mamadeira na boca de Lara e ela se aquieta. Lara está quieta bebendo o suco.

Episódio 02

- 10- Mãe** (38s): *O meu suco preferido* [falsetto] (Segurando a mamadeira na boca de
11- Lara)
12- Lara (39s): (Se agita, move os braços e estica o corpo para trás, faz alguns sons,
13- vira a cabeça para o lado)
14- Mãe (41s): (Tira a mamadeira da boca de Lara) *Quer mais não, é?*
15- Lara (46s): (Aquieta-se e une as duas mãos)
16- Mãe (48s): (Começa a limpar a boca de Lara com a fralda)
17- Lara (49s): (Volta a mover os braços e virar o rosto)
18- Mãe (51s): *Tá soninho é mamãe? tá com soninho* (!) [falsetto]

Análise:

No primeiro episódio deste evento, a mãe de Lara tenta deitá-la em seu colo, preparando-a e configurando a situação de alimentação para tentar fazê-la beber o restante do suco (Linhas 1 e 2). Neste momento, Lara, ao invés de aceitar a mamadeira e beber ser conteúdo, não reage da maneira esperada por sua mãe, mas joga o corpo para trás e faz expressão de choro (Linha 3), em ações interpretadas por sua mãe como oposição. A mãe de Lara então enuncia ‘suquinho de melão que você gosta’ (Linha 4) parecendo tentar convencer Lara a tomar o suco, colocando a mamadeira em sua boca e novamente recriando a situação de alimentação (deitando Lara e lhe oferecendo a mamadeira), aparentemente esperando que Lara reaja a esta situação aceitando o alimento.

Através da observação destes momentos iniciais de interação, é possível concluir que Lara vinha tomando o suco até então (visto que resta somente um pouco de suco na mamadeira), e, aparentemente, só agora começou a apresentar os primeiros sinais de

oposição. Talvez por isso, sua mãe continua insistindo para que ela o termine, parecendo acreditar que ainda é capaz de convencê-la a continuar alimentando-se. Em continuidade, Lara realmente volta a beber o suco, reagindo do modo esperado por sua mãe (Linhas 6 e 7). Sua mãe então enuncia ‘que delícia de suquinho’ parecendo interpretar a ação de Lara como acordo e sinal de que ela gosta daquele suco e por isso o bebe (Linha 8). Neste momento, Lara reage à situação criada por sua mãe aceitando sua intervenção e alimentando-se, em oposição aos momentos imediatamente anteriores quando Lara não aceitou a mamadeira, em ação interpretada como oposição.

No início do episódio 02, a mãe de Lara continua enfatizando as qualidades do suco. Ela enuncia ‘o meu suco preferido’ (Linha 10) com falsetto, parecendo falar por Lara e segurando a mamadeira em sua boca. Neste momento, a mãe de Lara interpreta que ela tem predileção por aquele suco e, por isso, responde aos seus estímulos (oferecimento da mamadeira), aceitando-a e bebendo seu conteúdo. Entretanto, em seguida, Lara volta a agitar-se, esticando o corpo e virando a cabeça (Linhas 11 e 12) em ações que sugerem tentativas de se esquivar da mamadeira. Sua mãe parece interpretar suas ações como oposição, pois tira a mamadeira da boca de Lara e enuncia ‘quer mais não, né?’ (Linha 13), concluindo que Lara já não quer o suco. Em continuidade, quando sua mãe tira a mamadeira de sua boca, Lara aquietou-se (Linha 14) corroborando a interpretação de sua mãe de que Lara realmente não queria mais o suco, acalmando-se após ser afastada dele.

Em seguida, Lara volta a mover os braços e virar o rosto (Linha 16), sua mãe então enuncia ‘tá soninho é mamãe? tá com soninho!’ (Linha 17) parecendo interpretar estas ações de Lara como nova manifestação de incômodo, entretanto já não mais como oposição à alimentação, que já havia sido encerrada, mas como sono. Deste modo, observa-se que a ação específica de Lara de afastar-se da mamadeira (virando a cabeça) é interpretada como oposição ao suco, enquanto sua agitação posterior não mais é

interpretada desta maneira. Observa-se assim, que somente a movimentação de Lara em contexto específico é interpretada como oposição. Quando sua mãe lhe ofereceu o suco (que Lara anteriormente bebia), mas Lara não o aceita, esta ação é interpretada como oposição.

Narração:

Lara ainda move a cabeça, para quando sua mãe para de limpar sua boca. Lara olha para a câmera. Mãe pega a mamadeira e tenta colocá-la na boca de Lara falando: *Tá olhando pra titia, é?* [sem falsetto] *Titia tais fazendo o quê aí?* [falsetto].

Episódio 03:

- 19- Mãe** (57s): (Segurando a mamadeira na boca de Lara)
- 20- Lara** (1m): (Tem a mamadeira na boca, mas não parece beber o suco, faz alguns
- 21- sons)**
- 22- Mãe** (1m 3s): (Tira a mamadeira da boca de Lara) *Quer não, é?*
- 23- Lara** (1m 5s): (Quieta olhando para a câmera)
- 24- Mãe** (1m 7s): (Se arruma um pouco no sofá) *tome* (!) (Recoloca a mamadeira na
- 25- boca de Lara)**
- 26- Lara** (1m 8s): (Tem a mamadeira na boca, mas não parece beber (+) Move os
- 27- braços e cabeça levemente)**
- 28- Mãe** (1m 12s): (Tira a mamadeira da boca de Lara) *Acho que ela não quer não,*
- 29- ela não toma** [bem baixo]
- 30- Lara** (1m 13s): (Está quieta olhando para a câmera)
- 31- Mãe** (1m 16s): (Olha para a mamadeira e verifica quanto de suco há nela, olha
- 32- para Lara, coloca a mamadeira na boca de Lara)**
- 33- Lara** (1m 20s): (Não se mexe ou reage, parece não beber o suco)
- 34- Mãe** (1m 26s): (Tira a mamadeira da boca de Lara, olha para ela, recoloca a
- 35- mamadeira em sua boca)**
- 36- Lara** (1m 28s): (Joga a cabeça levemente para trás e sua mão toca a mão da mãe
- 37- que segura a mamadeira)**
- 38- Mãe** (1m 29s): (Tira a mamadeira de sua boca)
- 39- Lara** (1m 31s): (Se agita esticando o corpo)

- 40- Mãe** (1m 35s): (Olha para a mamadeira e coloca-a novamente na boca de Lara)
- 41- Lara** (1m 40s): (Toca a mão da mãe e aceita a mamadeira na boca, mas não
- 42-** parece bebê-la, olha para a câmera)
- 43- Mãe** (1m 43s): (Tira a mamadeira de sua boca, olha para ela, coloca a
- 44-** mamadeira na boca de Lara novamente)
- 45- Lara** (1m 49s): (Se agita, mexe braços e pernas e faz alguns sons como
- 46-** gemidos)
- 47- Mãe** (1m 51s): (Tira a mamadeira de sua boca e a coloca no sofá, limpa a boca
- 48-** de Lara com a fralda)
- 49- Lara** (1m 55s): (Está quieta e olha para a câmera)
- 50- Mãe** (2m): *Quer mais não, é?* (Coloca a fralda do lado do rosto de Lara [como
- 51-** normalmente faz quando vai alimentá-la]) *é Lara?*
- 52- Lara** (2m 2s): (Se agita, vira a cabeça, mexe os braços e faz expressão de choro)
- 53- Mãe** (2m 3s): *Pêra aí mulher (!)* (Arrumando Lara em seu colo)

Análise:

Neste episódio, a mãe de Lara mais uma vez tentar fazer com que ela termine de tomar o suco (Linha 18). Ela parece se aproveitar do fato de Lara estar aparentemente distraída olhando para a câmera para colocar a mamadeira em sua boca. Lara, entretanto não reage a esta ação e não toma o suco (Linha 19), sua mãe então tira a mamadeira de sua boca e enuncia ‘quer não, é?’ (Linha 20) interpretando sua falta de reação à mamadeira como oposição. Entretanto, a mãe de Lara não parece convencida de que ela não quer o suco, pois volta a tentar colocar a mamadeira em sua boca, parecendo tentar convencer Lara a terminar de tomá-lo (Linhas 22 e 23). Lara mais uma vez não reage, após um breve momento, somente move os braços e a cabeça levemente (Linhas 24 e 25). A mãe de Lara tira a mamadeira de sua boca e enuncia ‘acho que ela não quer não, ela não toma’ (Linhas 26 e 27), explicitando o modo como interpreta as ações de Lara, concluindo que ela não quer o suco por observar que Lara não o bebe. Entretanto ainda enuncia ‘acho’ como se não estivesse completamente convencida deste fato.

Em seguida, a mãe de Lara olha para a mamadeira parecendo constatar que há pouco suco nela, voltando a tentar colocá-la na boca de Lara (Linhas 29 e 30) talvez acreditando que, por restar somente uma pequena quantidade de suco, deveria insistir para que Lara o terminasse. Lara mais uma vez não reage (Linha 31) e sua mãe repete a mesma ação, olha para a mamadeira (Linhas 32 e 33), talvez também para verificar seu volume, ou seja, verificar se Lara havia bebido alguma quantidade do suco ou não, voltando a colocá-la na boca de Lara. Lara então joga a cabeça para trás e toca a mão de sua mãe (Linhas 34 e 35), que retira a mamadeira de sua boca (Linha 36) para em seguida voltar a colocá-la (Linha 38). Somente quando Lara se agita e vocaliza (sons que se assemelham a gemidos - Linha 43) sua mãe coloca a mamadeira no sofá e limpa sua boca sem tentar lhe dar a mamadeira novamente (Linhas 44 e 45). Neste momento, a mãe de Lara interrompe suas tentativas de alimentá-la, talvez em consequência da repetição das oposições de Lara, bem como de sua vocalização, que não havia surgido anteriormente, e surge como intensificação de sua oposição.

Após esta interrupção, Lara fica quieta (Linha 46) em ação que parece corroborar as interpretações de sua mãe de que ela já não queria o suco e, por isso, agitava-se em oposição as suas tentativas de alimentá-la. A mãe de Lara volta a questioná-la ‘quer mais não é?’ (Linhas 47 e 48), concluindo que Lara já não queria o suco. Entretanto, não parece completamente convencida, pois coloca uma fralda ao lado do rosto de Lara (Linhas 47 e 48), como normalmente faz antes de alimentá-la, em um sinal de que tentará alimentá-la novamente. Deste modo, a mãe de Lara volta a preparar o ‘cenário’ da alimentação, tentando levá-la a alimentar-se. Lara, entretanto, reage agitando-se e fazendo expressão de choro (Linha 49) e sua mãe solicita que ela espere ‘pera aí mulher’ (Linha 50), parecendo opor-se a este comportamento de Lara.

De maneira geral, embora as ações de Lara levem sua mãe a interromper momentaneamente sua alimentação, não são interpretadas como oposições com força suficiente para convencê-la a desistir de lhe dar o suco de modo definitivo. Esta hesitação parece ser fruto do próprio comportamento de Lara que em alguns momentos chega a aceitar a mamadeira. Adicionalmente, a mãe de Lara parece ‘comparar’ a oposição intermitente de Lara com a pouca quantidade de suco restante, optando por continuar tentando fazê-la terminar de bebê-lo.

Narração:

Lara se aquieta e olha para mamadeira. Mãe pega a mamadeira e fala *tome* (!) Colocando-a na boca de Lara. Lara tenta pegar a mamadeira com as duas mãos, mãe afasta as mãos de Lara e tenta colocar a mamadeira em sua boca.

Episódio 04:

- 54- Mãe** (2m 9s): *Uma tentativa* [falsetto] (Coloca a mamadeira na boca de Lara)
- 55- Lara** (2m 11s): (Abre a boca, pega a mamadeira com as duas mãos e a empurra)
- 56- Mãe** (2m 13s): (Tira a mamadeira da boca de Lara, tenta recolocá-la)
- 57- Lara** (2m 14s): (Empurra a mamadeira novamente e faz alguns sons)
- 58- Mãe** (2m 16s): (Coloca a mamadeira em cima do sofá) *Quer a chupeta, é?*
- 59- Lara** (2m 17s): (Olha para câmera, mexe os braços)
- 60- Mãe** (2m 21s): (Pega a mamadeira e a coloca na boca de Lara)
- 61- Lara** (2m 24s): (Se agita, estica o corpo pra trás, mexe os braços e faz alguns
- 62- sons)**
- 63- Mãe** (2m 28s): (Tira a mamadeira da boca de Lara, a coloca em cima do sofá e
- 64- limpa a boca de Lara com a fralda)**
- 65- Lara** (2m 30s): (Agita-se mais e faz expressão de choro)
- 66- Mãe** (2m 35s): *Tô com soninho* (!) *Tô com soninho* (!) [falsetto] (Olha para a
- 67- mamadeira e volta a colocá-la na boca de Lara)**
- 68- Lara** (2m 32s): (Agita-se, estica o corpo para trás, move braços e faz sons
- 69- baixos)**
- 70- Mãe** (2m 35s): *Tô com sono, com soninho, com fome não, não tá vendo que eu*

- 71- *não quero? Quero minha pepeta, minha pepeta* [falsetto] (Tira a mamadeira da boca de Lara e coloca-a no sofá)

Análise:

Nos momentos imediatamente anteriores ao quarto episódio, Lara olha para a mamadeira e sua mãe parece interpretar esta ação como sinal de que Lara volta a interessar-se pelo suco, voltando a oferecê-lo e enunciando ‘tome’ de modo exclamativo tentando chamar sua atenção e estimulando-a a tomá-lo. Lara realmente parece se interessar pela mamadeira, pois tenta pegá-la. Entretanto, sua ação sugere interesse pelo objeto em si e não pelo suco propriamente. A mãe de Lara então interpreta este movimento como um empecilho às suas tentativas de alimentar Lara, chegando a afastar suas mãos da mamadeira e tentando colocá-la na boca de Lara dando início, deste modo, ao episódio 04.

Neste episódio, a mãe de Lara segue em suas tentativas de fazer com que ela tome o restante do suco. Inicialmente, a mãe de Lara enuncia ‘uma tentativa’ (Linha 51), entretanto fala com falsetto, o que sugere que neste momento fala por Lara, talvez esperando que Lara faça certo esforço para tentar finalizar o restante do suco apesar de suas oposições. Em seguida, Lara abre a boca e pega a mamadeira, entretanto, logo a empurra (Linha 52) em ação interpretada por sua mãe como oposição. A mãe de Lara retira a mamadeira de sua boca, mas, em seguida volta a levá-la a boca de Lara (Linha 53). Lara empurra a mamadeira e vocaliza (Linha 54), sua mãe reage colocando a mamadeira no sofá (Linha 55), parecendo interpretar estas ações de Lara (empurrar a mamadeira e vocalizar) como oposições, levando-a a momentaneamente desistir de lhe dar o suco e questionar ‘quer a chupeta, é?’.

Em seguida neste episódio, a mãe de Lara volta a tentar lhe dar a mamadeira (Linha 57) e Lara reage agitando-se, vocalizando e jogando o corpo para trás em uma aparente tentativa de esquiva (Linha 58). Sua mãe interpreta esta ação como oposição, retirando a

mamadeira da boca de Lara e a colocando em cima do sofá (Linhas 59 e 60). Entretanto, desta vez, Lara não encerra seus ‘protestos’ após a mamadeira ser retirada de sua boca, mas continua agitada e faz expressão de choro (Linha 61). Talvez por isso a mãe de Lara enuncia ‘tô com sono’ (Linhas 62 e 63), usando voz em falsetto e parecendo falar por Lara, aparentemente interpretando que algo mais a incomoda.

Neste momento, a mãe de Lara enuncia ‘Tô com sono, com soninho, com fome não, não tá vendo que eu não quero? Quero minha pepeta, minha pepeta’ (Linhas 62 e 63), usando voz em falsetto e fazendo uso palavras infantilizadas como ‘soninho’ e ‘pepeta’ (em referência a sono e chupeta), possibilitando a interpretação de que neste momento falava por Lara. Através deste enunciado, a mãe de Lara parece concluir que ela não somente se opõe ao suco, mas irrita-se com a insistência de sua mãe em tentar fazê-la bebê-lo. O enunciado ‘não tá vendo que eu não quero?’ sugere irritação de Lara, como se ela estivesse questionando como sua mãe não havia ainda observado suas repetidas oposições, expressando, assim, irritação com a insistência de sua mãe e sua aparente dificuldade em interpretar suas ações como oposições.

Observa-se ao longo deste episódio o papel da repetição nas interações da díade. A mãe de Lara se repete em suas tentativas de fazer Lara terminar de beber o suco, o que aparentemente têm efeito sobre Lara, pois ela parece robustecer sua oposição começando a movimentar-se e vocalizar ao longo do evento. Adicionalmente, Lara também se repete em suas oposições, o que parece contribuir para a interpretação de sua mãe de que ela realmente ‘rejeita’ o suco.

Narração:

Mãe limpa a boca de Lara com a fralda. Lara ainda se agita e faz expressão de choro. Mãe fala (2m 59s) *pêra aí Lara*. Lara se agita mais e choraminga. Mãe fala algo de difícil

compreensão, parece se referir a chupeta de Lara. Mãe pega a chupeta e coloca na boca de Lara falando *Tome, tome, tome*. Lara pega a chupeta.

Episódio 05:

- 73- Mãe (3m 5s): (Arruma Lara, coloca uma fralda sobre ela que acaba cobrindo seu
74- rosto) *Eita vou dormir um sono* [falsetto]
75- Lara (3m 7s): (Agita-se movendo braços e fazendo sons como gemidos)
76- Mãe (3m 9s): (Tira a fralda do rosto de Lara)
77- Lara (3m 18s): (Agita-se, choraminga [4s] e a chupeta cai de sua boca)
78- Mãe (3m 21s): *Olha, oxi Lara*↑ (Tenta colocar a chupeta na boca de Lara) *Quer*
79- *pepeta ou não?*
80- Lara (3m 23s): (Continua agitada e não pega a chupeta)
81- Mãe (3m 24s): *Toma a chupeta* (!)
82- Lara (3m 25s): (Acalma-se um pouco)
83- Mãe (3m 26ss): (Tenta colocar a chupeta na boca de Lara)
84- Lara (3m 27s): (Continua agitada e não pega a chupeta)
85- Mãe (3m 28s): *Quer ou não?*
86- Lara (3m 29s): (Pega a chupeta e se aquieta)
87- Mãe (3m 32s): (Deita Lara em seu colo e a balança)
88- Lara (3m 34s): (Agita-se e faz sons como gemidos)
89- Mãe (3m 42s): (Para de balançá-la, tira a chupeta de sua boca) *oxi que abuso,*
90- *que abuso* [falsetto]
91- Lara (3m 43s): (Continua agitada e vocalizando)
92- Mãe (3m 45s): (Tenta recolocar a chupeta na boca de Lara) *Quer o quê? Quer o*
93- *suco?*
94- Lara (3m 47s): (Pega a chupeta, aquieta-se e fecha os olhos)
95- Mãe (3m 50s): *É não, Quer dormir, né?*

Análise:

Nos momentos imediatamente anteriores a este episódio, a mãe de Lara interpreta suas agitações como sono, pois coloca a chupeta na boca de Lara e, no início deste episódio, parece tentar colocá-la para dormir (Linhas 68 e 69). Inicialmente, a mãe de Lara coloca uma fralda sobre ela e enuncia ‘Eita vou dormir um sono’, com falsetto, como se

falasse por Lara, interpretado sua agitação como sono. Logo em seguida, entretanto, Lara não se acalma para dormir, mas agita-se e vocaliza (Linha 70). Sua mãe interpreta estas ações como oposição buscando sua causa e, ao observar que um pedaço da fralda havia ficado sobre o rosto de Lara (linha 71), o retira parecendo interpretar as ações de Lara como oposição a este fato. Em seguida, Lara começa a choramingar (Linha 72) e não parece ficar muito claro para sua mãe qual seria o sentido deste comportamento. Inicialmente a mãe de Lara enuncia ‘Olha, oxi Lara’ (Linha 73), enunciando ‘oxi’, uma interjeição que sugere surpresa. Adicionalmente, faz uso de uma entonação de repreensão parecendo não reconhecer motivo para aquele choro e, portanto, se opondo a ele. Em continuidade, como a chupeta cai da boca de Lara, ela questiona ‘quer pepeta ou não?’ (Linhas 73 e 74) parecendo interpretar esta ação como sinal de que Lara não aceita a chupeta, rejeitando-a.

Lara continua agitada e não pega a chupeta (Linha 75), sua mãe insiste em suas tentativas e enuncia ‘toma a chupeta’ (Linha 76) em tom exclamativo parecendo tentar convencer Lara a aceitá-la, preparando-se para dormir. Lara acalma-se, mas ainda não pega a chupeta, por isso sua mãe volta a questioná-la ‘quer ou não?’ (Linha 80), tentando compreender a causa de suas ações. Neste momento, é possível observar como a mãe de Lara tenta criar cenário de preparação para dormir, tentando levar Lara a aceitar a chupeta e acalmar-se. Lara, em seguida, realmente aceita a chupeta (Linha 81), reagindo ao oferecimento da mãe e ao contexto criando por ela. Em consequência, sua mãe interpreta esta ação como aceitação de Lara e sinal de que ela quer dormir, pois a deita em seu colo e começa a balançá-la, niná-la, para que ela durma (Linha 82).

Lara volta a agitar-se e vocalizar (como gemidos – Linha 83). Sua mãe então para de balançá-la, tira a chupeta de sua boca e enuncia ‘oxi que abuso, que abuso’ (Linhas 84 e 85) parecendo novamente surpreender-se com as ações de Lara e interpretá-las como

‘abuso’, ou seja, como irritação e posição à tentativa de sua mãe de colocá-la para dormir. Fundamentada nesta interpretação, a mãe de Lara para de balançá-la e tira a chupeta de sua boca, desfazendo o cenário de preparação para dormir. Como Lara persiste em suas ações (Linha 86), sua mãe volta a tentar colocar a chupeta em sua boca e a questiona ‘quer o quê?’ ‘quer o suco?’ (Linha 87) hipotetizando diferentes sentidos para as ações de Lara e tentando mais uma vez recriar o cenário de preparação para dormir. Logo em seguida, Lara pega a chupeta e fecha os olhos (Linha 88) possibilitando a interpretação de que ela aceita a intervenção de sua mãe e reage ao cenário criado por ela de maneira apropriada. Sua mãe enuncia ‘É não, quer dormir, né?’ (Linha 89), concluindo que o sono era a causa do comportamento de Lara.

Narração:

Lara volta a agitar-se e choramingar. Sua mãe a balança enquanto ela chora, para de balançá-la, olha para ela.

Episódio 06:

96- Lara (3m 55s): (Está agitada e faz sons [altos como gritos], a chupeta cai de sua boca)

98- Mãe (3m 57s): (Pega a chupeta) *Brigando? Por que brigando?*

99- Lara (4m): (Continua agitada e vocalizando)

100- Mãe (4m 2s): (Coloca Lara em pé em seu colo, de modo que seu rosto fica

101- diante do dela) *por que uma briga? Por que uma briga?*

102- Lara (4m 3s): (para de chorar, fica quieta e olha para o sofá e parede, olha

103- para mãe e sorri)

104- Mãe (4m 9s): *ei, ei ei (!)*

105- Lara (4m 10s): (sorri)

Análise:

Neste episódio, observa-se que Lara se agita e vocaliza de modo mais alto (Linha 90), semelhante a um grito, sua mãe então interpreta esta ação como ‘briga’, questionando: ‘brigando? Por que brigando?’ olhando para Lara e parecendo procurar por

sinas que a auxiliem na construção de uma interpretação. Como Lara continua agitada e vocalizando (Linha 92), sua mãe a levanta, olha para seu rosto e novamente questiona ‘por que uma briga? Por que uma briga?’ (Linhas 93 e 94), tentando convencê-la a encerrar sua ação. Lara então interrompe suas ações (Linhas 95 e 96) e sua mãe para de questioná-la e movimentá-la, enunciando somente ‘ei, ei, ei’ e olhando para Lara, talvez interpretando que ela tenha se acalmado e que sua intervenção foi efetiva.

Narração:

Mãe fala *ei safada, ei e o suquinho que não tomou?* Lara coloca a mão na boca e sua mãe tira. Lara arrotou. Mãe fala *eita arrotou o suquinho, arrotou o suquinho (!)* Lara olha para a câmera e sorri, mãe fala *é a titia, é?* Mãe beija a barriga de Lara que olha para algo na parede. Mãe fala *e aí o sono?* Mãe senta Lara em seu colo e fala *passou o sono, foi?* Mãe pega a mamadeira e leva a boca de Lara *e o suquinho?* Lara fica quieta e olha para a câmera, mexe levemente a cabeça. Mãe afasta a mamadeira da boca de Lara e limpa sua boca com a fralda. Lara está quieta olhando para a câmera. Mãe coloca a fralda em volta do pescoço de Lara como um babador, Lara olha para o lado. Mãe coloca a mamadeira na boca de Lara que abre a boca e pega a mamadeira. Mãe segura a mamadeira na boca de Lara, mas ela não parece beber, olha para o lado e está quieta. Um liquidificador é ligado na casa e Lara se agita. Mãe tira a mamadeira da boca de Lara e fala *ui susto (!) Me assustei (!) Me assustei com o liquidificador (!) [falsetto].*

Episódio 07:

106- Mãe (5m 30s): (Recoloca a mamadeira na boca de Lara)

107- Lara (5m 32s): (Abre a boca e pega a mamadeira, mas não se mexe, parece

108- não beber o suco, move os braços e segura a mão da mãe que está segurando a

109- mamadeira)

110- Mãe (5m 35s): (Afasta a mamadeira da boca de Lara e olha para Lara)

111- Lara (5m 36s): (Fica quieta, suco escorre de sua boca)

112- Mãe (5m 37s): (Coloca a mamadeira no sofá) *quer não (!) Tá botando pra fora*

- 113-** *o suquinho* (!) (Limpendo a boca de Lara com a fralda)
114- Lara (5m 39s): (Lara está quieta olhando para a câmera)
115- Mãe (5m 47s): (Tira a fralda do pescoço de Lara e a coloca no sofá)
116- Lara (5m 50s): (Permanece quieta e olhando para a câmera)
117- Mãe (5m 54s): (Pega a mamadeira e coloca na boca de Lara)
118- Lara (5m 56s): (Abre a boca e pega a mamadeira, move os braços e toca a mão
119- da mãe, tem as sobrancelhas franzidas)
120- Mãe (6m 3s): (Afasta a mamadeira da boca de Lara, recoloca a mamadeira na
121- boca de Lara)
122- Lara (6m 5s): (Continua com as sobrancelhas franzidas, pega a mamadeira e
123- com a mão toca a mão da mãe, suco escorre de sua boca)
124- Mãe (6m 7s): (Tira a mamadeira da boca de Lara e a coloca sobre o sofá, limpa
125- a boca de Lara com uma fralda)

Análise:

Neste episódio observam-se mais uma vez as tentativas da mãe de Lara de fazê-la beber o suco. Ela inicialmente coloca a mamadeira na boca de Lara (Linha 99) e, ao observar que Lara não bebe o suco (Linhas 100 e 101), afasta a mamadeira dela, interpretando esta falta de reação a mamadeira como oposição. A mãe de Lara volta a observá-la (Linha 102), aparentemente esperando por alguma reação de Lara. Em seguida, suco começa a escorrer da boca de Lara (Linha 103) e sua mãe coloca a mamadeira no sofá e enuncia ‘quer não! Tá botando pra fora o suquinho!’ (Linhas 104 e 105) concluindo que Lara não mais quer o suco, por vê-lo escorrendo de sua boca, interpretando esta ação como sinal de que Lara não o está engolindo, logo se opõe a ele.

Em seguida, Lara aquietar-se e olha para a câmera (Linhas 106 e 108). Sua mãe observa esta ação e volta a tentar colocar a mamadeira em sua boca (Linha 109), aparentemente interpretando a tranquilidade de Lara como sinal de que ela poderá aceitar sua intervenção. Lara de fato não choraminga nem se agita, ações normalmente interpretadas por sua mãe como oposição, mas aceita a mamadeira e somente franze as

sobrancelhas. Entretanto, não bebe o suco (Linhas 110 e 111). A mãe de Lara então afasta a mamadeira de sua boca, observando sua reação e interpretando-a como oposição. Em seguida, volta a colocar a mamadeira na boca de Lara. Desse modo, a mãe de Lara parece oscilar em sua interpretação, pois mesmo observando que Lara não bebe o suco, insiste em tentar alimentá-la, esperando que Lara aceite suas intervenções. Lara, de fato, chega a tocar a mão da mãe e a mamadeira, ações que normalmente realiza quando está se alimentando, possibilitando a interpretação de que está um pouco mais confortável com a mamadeira e, por isso, talvez voltasse a aceitá-la. A repetição das ações da mãe de Lara, especialmente sua ação de repetidamente colocar a mamadeira na boca de Lara, parece ter o efeito de acostumá-la ao objeto e torná-la mais tolerante, possibilitando com que Lara reagisse a esta situação do modo como sua mãe gostaria, aceitando a mamadeira e parecendo beber seu conteúdo.

Narração:

Lara está quieta e com a boca aberta. Mãe levanta Lara e a coloca em pé em seu colo, Lara olha para a câmera. Mãe beija a barriga de Lara e fala *olhe pra mamãe* (!) Lara continua olhando para a câmera. Mãe fala *Lara* (!) Mãe beija Lara e fala *e o sono passou foi? E o sono passou foi?* Mãe beija a barriga de Lara e fala *então a gente vai passear, vai passear*. Mãe senta Lara em seu colo, Lara continua olhando para a câmera. Mãe levanta Lara e tenta sentá-la em seu colo novamente, mas Lara tem as pernas esticadas. Mãe tenta sentá-la duas vezes e fala *opa, opa* (!) *Quer ficar em pé* (!) Mãe senta Lara que está quieta. Mãe tampa a mamadeira. Lara olha para a mamadeira. Mãe fala *não tomou o suco todinho* (!) *Não tomou o suco todinho* (!) [sem falsetto] *Mas, eu não quero mais e pronto* (!) [falsetto] Lara olha para a mamadeira. Mãe levanta Lara e a coloca em pé em seu colo, Lara permanece olhando para a mamadeira, mãe acompanha seu olhar e fala *quer, é? Tá*

olhando pra onde? Mãe senta Lara em seu colo pega a mamadeira e a segura bem próxima ao rosto de Lara. Lara move os braços e o corpo em direção a mamadeira.

Episódio 08:

- 126- Lara** (7m 7s): (Pega a mamadeira sem tirá-la da mão da mãe)
- 127- Mãe** (7m 8s): (Tira a tampa da mamadeira e continua segurando-a junto a
- 128- Lara**)
- 129- Lara** (7m 10s): (Pega a mamadeira com as duas mãos)
- 130- Mãe** (7m 13s): (Vira um pouco a mamadeira, sem tirá-la da mão de Lara e a
- 131- coloca** na boca de Lara)
- 132- Lara** (7m 15s): (Franze as sobrancelhas segurando a mamadeira)
- 133- Mãe** (7m 16s): (Tira a mamadeira da boca de Lara e a recoloca)
- 134- Lara** (7m 17s): (Olha para a mamadeira e a segura com as duas mãos)
- 135- Mãe** (7m 18s): (Levanta um pouco mais a mamadeira tentando colocá-la na
- 136- boca** de Lara)
- 137- Lara** (7m 21s): (Segura a mamadeira e olha para a câmera, abre a boca e
- 138- coloca** o bico da mamadeira na boca)
- 139- Mãe** (7m 23s): (Levanta a mamadeira um pouco para que o suco desça e Lara
- 140- beba**)
- 141- Lara** (7m 25s): (Afasta a cabeça e tira a mamadeira da boca)
- 142- Mãe** (7m 27s): (Coloca a mamadeira no sofá, deita Lara)

Análise:

É possível observar como o oitavo episódio deste evento transcorre sem que nenhuma ação verbal seja realizada, entretanto, através dele é possível observar como a mãe de Lara renova suas tentativas de fazê-la tomar o suco. Inicialmente, Lara toda a mamadeira (Linha 118). Sua mãe permite esta manipulação, ao contrário do que ocorre nos momentos imediatamente anteriores ao quarto episódio, quando Lara tenta tocá-la, mas sua mãe afasta suas mãos. Agora, ela parece modificar sua ‘estratégia’ permitindo com que Lara brinque com a madeira, tirando sua tampa e parecendo esperar de certa forma que, através da brincadeira, Lara chegue a beber o suco. A mãe de Lara sonda seu aparente

interesse pelo objeto, permitindo com que ela o pegue e, assim que ela o faz, vira sutilmente a mamadeira em sua boca, mas sem tirá-la da mão de Lara (Linhas 121 e 122). Deste modo, ela tenta simular uma situação na qual Lara se alimentaria sozinha, tentando mais uma vez convencê-la a beber o suco. Lara somente franze as sobrancelhas e continua segurando o objeto, mas não bebe o suco. Sua mãe afasta a mamadeira de sua boca, interpretando o fato de Lara não beber seu conteúdo como oposição. Em seguida, recoloca a mamadeira na boca de Lara (Linha 124). Lara, continua observando o objeto (Linha 125). A mãe de Lara mais uma vez tenta virar a mamadeira em sua boca (Linhas 126 e 127) e Lara de fato a segura e chega a colocar seu bico na boca (Linha 128), aparentemente aceitando as intervenções de sua mãe, entretanto, quando sua mãe levanta a mamadeira um pouco mais e o líquido escorre, Lara afasta a cabeça e tira a mamadeira da boca (Linha 131), ação que acaba por encerrar as tentativas da mãe de Lara que parece interpretar esta última ação como oposição mais enfática, como se Lara realmente só quisesse brincar com a mamadeira, mas não beber seu conteúdo.

Neste episódio, em continuidade com o episódio anterior, é possível observar como Lara parece mais confortável com a mamadeira, tocando-a e observando-a, sem apresentar sinais de oposição diante do objeto, mesmo quando sua mãe tenta colocá-la em sua boca. Em decorrência deste fato, a mãe de Lara muda sua estratégia, aproveitando-se da brincadeira de Lara para tentar fazê-la beber o suco. Embora estas ações não sejam efetivas, visto que Lara não bebe o suco.

Narração:

Lara faz expressão de choro e contrai o corpo para frente levantando a cabeça. Faz sons como gemidos. Suco escorre da boca de Lara, mãe pega a fralda e limpa sua boca. Lara se mexe, agita braços e pernas, contrai o corpo para trás e move a cabeça, faz alguns sons. Mãe para de limpar sua boca e fala *quer o quê? Tome (!)* Pega a mamadeira e entrega

a Lara. Lara olha para a câmera, pega a mamadeira com uma mão, mãe tenta colocá-la em sua boca. Lara olha para a mamadeira e estica os dois braços em direção a ela, faz alguns sons. Mãe tenta colocar a mamadeira em sua boca, mas Lara não abre a boca. Alguém entra na sala e mãe fala com essa pessoa, enquanto isso afasta um pouco a mamadeira de Lara. Lara se inclina em direção a mamadeira. Mãe olha para Lara e volta a colocar a mamadeira próxima a ela. Lara olha para a mamadeira e a toca. Mãe tenta colocar a mamadeira na boca de Lara, mas rapidamente a afasta. Lara olha para a mamadeira. Mãe fala *quer o quê? Só brincar, né? Com a mamadeira?* Mãe tampa a mamadeira e segura próximo a Lara. Lara olha para mamadeira e se inclina em direção a ela. Mãe fala *têm os bichinhos, é? o passarinho, uma tartaruga.* Mãe limpa a boca de Lara e segura a mamadeira diante dela. Lara olha para a mamadeira. Mãe fala *na mamadeira de Lara tem uma tartaruga (!)* Lara estica os braços em direção a mamadeira e faz alguns sons, mãe limpa a boca de Lara. Mãe senta Lara em seu colo, coloca a mamadeira no sofá próxima a Lara e fala *aqui (!)* Lara olha a mamadeira e estica os braços. Mãe fala: *é a mamadeira mesmo que você quer brincar, né?* Mãe pega a mamadeira e a segura próxima a Lara e fala *Não quer mais dormir não.* Lara olha para a mamadeira e a toca com as duas mãos. Mãe fala *desistiu de dormir (!)* Lara segura a mamadeira com os dois braços. Mãe fala *e abraçando a mamadeira, segura essa mamadeira* [falsetto]. Mamadeira cai dos braços de Lara, mãe pega e a segura diante de Lara novamente. Lara segura a mamadeira com as duas mãos. Mãe destampa a mamadeira e a inclina em direção a boca de Lara *você vai querer? Vai querer?* Mãe coloca o bico da mamadeira nos lábios de Lara. Lara olha para a mamadeira, estica seus braços em direção a ela, não abre a boca. Um carro de som passa na rua, com música alta. Lara se agita e vira a cabeça para o lado, para o que parece ser a janela [não é possível ver a janela no vídeo, mas é possível observar uma claridade vinda da direção pra onde Lara olha], fica quieta. Mãe fala *o que danado é isso?* Mãe tampa a

mamadeira e a coloca em cima do sofá. Lara se agita, mãe a levanta colocado-a em pé em seu colo e fala *venha cá (!) Você só quer saber da titia e da mamadeira (!)* Mãe beija a barriga de Lara, Lara olha para um quadro na parede. Mãe fala *é o quê? o quadro, é?* Mãe senta Lara em seu colo e fala *tais babando é Lara?* Mãe limpa a boca de Lara e entrega a mamadeira para ela, fala *tome (!)* Lara olha para mamadeira e estica os braços em direção a ela. Mãe fala *segure (!) Bote força (!)* Lara segura a mamadeira, mamadeira cai e mãe a recoloca nas mãos de Lara. O vídeo se encerra.

Análise:

É possível observar como Lara desenvolve a capacidade de realizar novas ações que passam a ser interpretadas por seus pais, agregando-se ao seu repertório comunicativo. Nos eventos mais recentes, Lara começa a realizar pequenos gestos, como afastar as mãos, virar o rosto ou afastar os pés, separadamente e, às vezes, em conjunto (agitando as mãos e virando o rosto ao mesmo tempo, por exemplo). Estas ações possibilitam com que seus pais diversifiquem suas interpretações, principalmente no que diz respeito a sua oposição. Adicionalmente, os pais de Lara parecem interpretar a repetição de suas ações, bem como o fato de Lara às vezes combinar diferentes ações, como intensificação de seu posicionamento, como se Lara gradualmente intensificasse suas ações em protesto conforme determinada necessidade não é atendida.

Adicionalmente, observa-se como a mãe de Lara tenta criar a situação de alimentação. Ela organizando o cenário colocando uma fralda ao lado do rosto de Lara, deitando-a e colocando a mamadeira em sua boca na tentativa de fazê-la interagir aceitando a mamadeira e sugando seu conteúdo. Entretanto, mesmo quando Lara não se agita ou protesta (em ações normalmente interpretadas como oposições), mas somente não suga seu conteúdo, esta falta de reação ao objeto é interpretada por sua mãe como oposição. Em determinado momento, a mãe de Lara tenta também colocá-la para dormir.

Do mesmo modo ela organiza o ambiente lhe oferecendo a chupeta, cobrindo-a com a fralda e tentando deitá-la. Lara, entretanto, não aceita a chupeta nem se acalma, ou seja, não se integra ao cenário criado por sua mãe, em ações também interpretadas como oposições. Observa-se assim, como a mãe de Lara tenta criar diferentes situações, organizando cenário para alimentação e para o descanso, tentando comunicar de diferentes maneiras à Lara que determinada rotina (alimentação, dormir) seria realizada em seguida, tentando fazê-la engajar-se nela. Entretanto, mesmo quando Lara não se agita, realizando ações normalmente interpretadas como oposições, mas somente não age da maneira esperada (não aceita a chupeta ou não bebe o suco) esta recusa se integra ao repertório opositivo de Lara, sendo interpretada como oposição.

Oposição como agir criativo: de oponente à proponente

Por fim (do período analisado neste trabalho), é possível observar como as ações interpretadas como oposições alargam-se e variam bastante. As crianças tornam-se mais ativas, começando a agir mais livremente. Ou seja, não só agindo conforme a estimulação e situações criadas pelos pais, mas tomando a iniciativa de agir, e o fazendo de maneira criativa, muitas vezes surpreendendo-os. Neste momento, as crianças movimentam-se em direção a elementos do ambiente, fazendo uso de objetos que não aqueles mostrados/utilizados pelos pais, delimitando e distinguindo suas ações.

Exemplo deste tipo de ação é observado do décimo quarto evento no caso Lara (Evento 14, episódio 01, linhas 1 a 7, em anexo), quando Lara está no colo da mãe e parece interessar-se por um cordão de sua roupa. Neste momento, Lara pega este cordão e o puxa, surpreendendo sua mãe que enuncia '*Vai tirar minha roupa, é?*'. Neste momento, é possível observar como a mãe de Lara não manipulava este cordão ou tentava mostrá-lo a Lara de nenhuma forma, mesmo assim, Lara parece atrair-se por ele e tomar a iniciativa de manipulá-lo. Lara continua manipulando o cordão e sua mãe opõe-se a esta ação

enunciando *Nã:o↑* e tentando puxá-lo da mão de Lara. Observa-se como o discurso da mãe de Lara sugere que esta ação (manipulação do cordão) não era esperada, mas aparentemente caracteriza-se pelo agir ativo e criativo de Lara. Estas afirmações são capturadas a partir da observação do modo como a mãe de Lara protesta ‘*Vai tirar minha roupa, é?*’, questionando qual seria o sentido da ação de Lara (o porquê de puxar aquele cordão), sugerindo que esta ação não foi planejada por ela. Adicionalmente, a mãe de Lara opõe-se a esta ação, utilizando entonação de repreensão (*Nã:o↑*) e tentando puxar o cordão da mão de Lara, explicitando sua desaprovação, mais uma vez sugerindo que esta ação foi iniciada por Lara.

Um segundo episódio que ilustra o desenvolvimento deste tipo de ação infantil é encontrado no décimo terceiro evento no caso de Pedro (Evento 13, episódio 01, linhas 1 a 13, em anexo). Neste evento, Pedro está na cadeirinha em que é alimentado (que possui uma pequena bandeja, como uma mesa, que o prende à cadeira). Neste momento, sua mãe tenta alimentá-lo levando comida com uma colher à sua boca. Entretanto, Pedro não olha para o prato, para a colher ou para a mãe (elementos do cenário criado por sua mãe para alimentá-lo). Mas, olha para uma janela do ambiente, focalizando sua atenção, portanto, em elemento diverso daquele para o qual sua mãe tentava direcioná-lo. Neste momento, sua mãe enuncia ‘*olha*’ e leva a colher à boca de Pedro fazendo alguns sons e tentando, através destas ações, chamar sua atenção para aquele objeto. Observa-se assim, como neste momento o agir de Pedro é livre, divergindo das ações que sua mãe esperava que ele realizasse. Ainda neste episódio, sua mãe o alimenta e, em determinado momento, Pedro começa a bater na bandeja de sua cadeirinha. Neste momento, sua mãe o questiona ‘*tá fazendo graça ou você não quer mais?*’, parecendo surpreender-se com a ação de Pedro e questionar qual seria seu sentido. A mãe de Pedro chega a hipotetizar que esta ação teria sentido opositivo, questionando ‘*...ou você não quer mais?*’. Entretanto, não parece estar

certa disto, visto que faz uso de enunciado interrogativo, como se tentasse checar qual teria sido o objetivo de Pedro ao realizar esta ação. Deste modo, é possível supor que esta ação não foi de nenhuma forma planejada ou estimulada por sua mãe, que o questiona sobre seu sentido, sugerindo que seu significado é oculto para ela, mas seria claro para Pedro, que a teria executado de maneira intencional (segundo a interpretação de sua mãe).

Através destes exemplos, é possível observar como nos últimos momentos do período de desenvolvimento analisado, as crianças parecem desenvolver a capacidade de agir de modo mais livre e espontâneo. Este desenvolvimento (possibilitado também pela própria maturação física e desenvolvimento corporal infantil), é possibilitado também pela estimulação parental que, conforme assinalado na seção anterior deste trabalho, tentam a todo o momento estimular às crianças a movimentarem-se, participando de seu cotidiano de maneira mais expressiva. Em consequência deste desenvolvimento, observa-se também como as ações infantis interpretadas como oposições tornam-se mais amplas e complexas. Neste momento, as crianças parecem desenvolver a capacidade de agir de modo mais diretamente oposto ao adulto, realizando ações com direção contrária aquela proposta por seus pais. De maneira semelhante, as ações infantis que mais se aproximam dos gestos convencionais adultos, ou seja, dos gestos e ações com significado estabelecido para os adultos, são consideradas adequados e interpretadas como acordos e aceitaçãoes.

Ilustrando estas afirmações, observa-se no décimo quarto evento do caso Lara (Evento 14, episódio 02, linhas 1 a 14, em anexo), momento no qual Lara movimenta-se de maneira mais diretamente oposta àquela proposta por sua mãe. Neste episódio, a mãe de Lara tenta lhe oferecer um livro e Lara inicialmente o aceita. Entretanto, logo em seguida, levanta o livro e o solta ao seu lado no sofá. Neste momento, sua mãe enuncia ‘*Quer não?*’, interpretando esta ação de Lara como rejeição ao objeto e, portanto, oposição à ação proposta por sua mãe que pretendida que Lara o manipulasse. Observasse assim como a

ação de Lara tem direção oposta a de sua mãe, pois enquanto a mãe de Lara lhe oferece o livro e sugere que Lara o manipule, Lara afasta-se dele e o solta no sofá.

Na mesma direção, é possível observar como Pedro opõe-se às tentativas de sua mãe de alimentá-lo no décimo terceiro evento (Evento 13, episódio 11, linhas 87 a 90, em anexo). Neste episódio, enquanto a mãe de Pedro tentava alimentá-lo levando uma colher à sua boca, Pedro virou o rosto e o corpo para o lado, afastando-se da colher. Diante desta ação, a mãe de Pedro enuncia ‘*quer mais não, né?*’, afastando o prato de Pedro e encerrando sua alimentação. Observa-se assim como esta ação de Pedro, diretamente oposta àquela proposta por sua mãe (visto que Pedro afasta-se da colher ao invés de aproximar-se dela como sua mãe propunha), é rapidamente interpretada como oposição, levando sua mãe a encerrar sua alimentação. Observasse assim, que o desenvolvimento das ações infantis tem consequências nas interpretações construídas pelos adultos, que parecem ter mais clareza quanto ao seu sentido.

É possível observar como as interpretações aqui construídas pelos adultos contrastam com aquelas realizadas nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil. Naquele momento, o choro/choramingo e expressão de choro das crianças eram interpretados de diferentes maneiras, dependendo da situação em que surgiam, caracterizando-se, portanto, pela indiferenciação que dificultava sua interpretação. Aqui, as ações infantis tornam-se mais claras e contextualmente relacionadas, visto que as crianças se dirigem para o que chama sua atenção e afastam-se do que incomoda, possibilitando com que os adultos captem seu sentido mais facilmente.

À medida que as ações infantis adquirem significado mais claro para os pais, é possível observar também como eles começam a sentir cada vez menos necessidade de falar *pelas* crianças, sem complementar as ações infantis com seus enunciados (como faziam nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil). Mas, passam a falar *com* as

crianças, interagindo com elas. Deste modo, é possível concluir que conforme a criança começa a agir de modo criativo e contextualmente orientado, seus pais deixam de interpretar suas ações como imaturas e demandantes, ao contrário, interpretam suas ações como um todo com sentido completo. Assim, passam a concentrar-se em tentar defender seu próprio ponto de vista em oposição ao infantil, ao invés de dedicarem-se a tentar decifrar o ponto de vista infantil, falando e agindo pelas crianças.

Exemplo desta nova caracterização das interpretações adultas sobre as falas infantis pode ser observado no décimo quarto evento do caso Pedro (Evento 14, episódio 03, linhas 22 a 26, abaixo na página 104). Neste episódio, a mãe de Pedro tenta alimentá-lo levando uma colher à sua boca. Pedro inicialmente abre a boca e come, mas em seguida segura a colher e a retira da mão de sua mãe. Neste momento, a mãe de Pedro se opõe a esta ação, visto que através dela Pedro atrapalha seu processo de alimentação, e tenta puxá-la da mão de Pedro enunciando *'filho solte vá, pelo amor de Deus, você vai fazer uma meladeira'*. Observa-se assim, como a mãe de Pedro não parece ter dificuldade para interpretar sua ação, nem tenta falar ou agir por Pedro. Ao contrário, ela parece ter clareza de que Pedro quer brincar com a colher, concentrando-se em tentar fazê-lo soltá-la. É possível observar como o enunciado da mãe de Pedro *'filho solte vá, pelo amor de Deus, você vai fazer uma meladeira'*, reflete somente seu próprio ponto de vista em oposição ao de Pedro, sugerindo que neste momento ela concentrando-se em tentar convencê-lo a obedecê-la.

Adicionalmente, ainda sobre o desenvolvimento das ações infantis, é possível observar como as crianças começam a agir manipulando o ambiente humano e não humano ao seu redor experimentando lugar de agente na interação. Neste momento, as crianças atuam levando seus pais a agirem e conseguindo coisas através deles, começando a observar que suas ações têm efeito sobre os adultos. Este desenvolvimento possibilita certo descolamento discursivo infantil, de modo que as crianças se deslocam do lugar de

opponente (quando somente reagiam aos estímulos dos pais) ao lugar de proponente, agindo de modo criativo e livre, manipulando o ambiente ao seu redor.

Exemplo deste tipo de movimentação é observado no décimo quarto evento do caso Pedro (Evento 14, episódio 02, linhas 14 a 19, abaixo na página 99), ainda na situação em que Pedro é alimentado. Neste episódio, Pedro olha para o prato que a mãe segura e estica os braços em direção a ele. Sua avó então enuncia ‘... *bote comida na minha boca*’ interpretando esta ação de Pedro como solicitação para que sua mãe o alimentasse. Em continuidade, a mãe de Pedro leva a colher à sua boca e ele então come. Observa-se como neste momento não é a mãe de Pedro que dá início a sua alimentação, mas sim Pedro. A ação de Pedro é interpretada como tentativa de aproximar-se do alimento (prato que sua mãe segurava), levando sua mãe a alimentá-lo. Deste modo, observa-se como Pedro age, obtendo algo (alimento) através da mãe, começando a ocupar lugar de protagonista na interação (papel de proponente).

Neste sentido, é possível hipotetizar que o deslocamento discursivo do lugar ocupado pela criança na interação com o adulto, é consequência de certa apreensão pela criança dos modos de funcionamento adulto. Hipotetiza-se que a partir da interação contínua e corregulada entre adultos e criança, esta começa a compreender que certas ações, como as vocalizações, são especialmente importantes na interação com o adulto. Adicionalmente, começa a compreender que pode operar sobre o mundo a partir de ações específicas, bem como instrumentalizar o adulto, ou seja, conseguir com que os adultos façam por ela aquilo que é incapaz de fazer sozinha.

Nesta direção, é possível observar como as crianças começam a desenvolver a capacidade de comunicar-se e interagir com o adulto, ampliando o número de ações que realizam, bem como conjugando ações. As crianças começam, por exemplo, a vocalizar e gesticular ao mesmo tempo, agregando elementos do mesmo modo como o adulto faz.

Desde os momentos iniciais de interação entre adultos e crianças, os adultos fazem uso de diferentes elementos para comunicar-se com estas, organizando o ambiente, fazendo uso de artefatos, bem como conjugando ações verbais e não verbais na tentativa de interagir com as crianças. Da mesma maneira, as crianças gradativamente apreendem este modo de funcionamento adulto, começando a agregar ações e agindo sobre o ambiente.

Por fim, ainda sobre as ações infantis interpretadas como oposição neste período, é possível observar como o choro, choramingo e a expressão de choro começam a estabelecer-se como ações opositivas infantis. Estas ações, interpretadas como oposições desde os momentos iniciais nos dois casos analisados, continuam sendo interpretadas desta maneira. Entretanto, neste momento, é possível observar como os próprios pais passam a interpretar que seus filhos começam a fazer uso intencional destas ações, sugerindo que elas começam a estabelecer seu status opositivo na interação. Neste sentido, é possível observar como no Evento 14 de Pedro (a seguir) sua mãe parece ‘testar’ o uso que Pedro faz de seu choramingo, hipotetizando que ele começa a usá-lo intencionalmente para opor-se a ela.

Nos momentos finais deste evento, como poderá ser observado a seguir, Pedro manipulava o prato e a colher com os quais sua mãe o alimentava. Sua mãe decide então tomá-los de Pedro que começa a choramingar. Diante do choramingo de Pedro sua mãe volta a lhe oferecer aqueles objetos e Pedro imediatamente encerra sua ação (choramingo). Diante desta reação de Pedro, sua mãe parece surpreender-se interpretando que Pedro choramingou de modo intencional para opor-se ao afastamento dos objetos, visto que encerrou seu choramingo assim que os obteve de volta. Ela então passa a ‘testar’ as ações de Pedro e repetidamente afasta os objetos de Pedro (observando que ele volta a choramingar) em seguida, reaproxima o prato de Pedro (observando que ele encerra seu choramingo). Através da repetição destas ações, a mãe de Pedro parece tentar observar o

uso consistente e constante que Pedro começa a fazer de seu choramingo, surpreendendo-se com o fato de que Pedro o usa em seu sentido opositivo.

Deste modo, nos momentos finais do período aqui analisado, é possível observar o início do processo de estabelecimento destas ações (choro, choramingo e expressão de choro) como condutas opositivas. Hipotetiza-se que a partir da significação repetida e interação contínua com o adulto, que repetidamente interpreta estas ações como oposições, as crianças começam a apreender o significado específico destas ações na interação, começando a fazer uso delas. Este uso opositivo do choro é demarcado e ressaltado pelos próprios interlocutores de Pedro que buscam ‘testar’ o uso que ele faz destas ações concluindo que Pedro começa a usá-las de modo consistente. Esta alteração no modo como as crianças fazem uso destas ações, impacta as interpretações e reações adultas. Observa-se, por exemplo, que as interpretações construídas pelos pais não mais se fundamentam no ciclo interpretativo inicialmente utilizado (quando os pais construíam hipóteses sobre o sentido das ações infantis), mas passam a ser construídas mais rápida e assertivamente, sem a presença de oscilações e hesitações. Com a finalidade de ilustrar as construções aqui formuladas, reproduz-se a transcrição e análise do último evento videografado no caso Pedro.

Evento 14 - Alimentando Pedro

Data: 31/05/12– 05m/03s/02d

Cenário: Este evento acontece na casa de Pedro, mãe e avó da criança estão presentes e interagem com ele. Neste evento Pedro permanece em sua cadeirinha (usada para alimentá-lo, com uma bandeja na frente), sendo alimentado por sua mãe que lhe dá banana amassada com uma colher. Inicialmente Pedro está com sua avó no sofá da sala, sua mãe então o coloca em sua cadeirinha e começa a alimentá-lo. A cadeirinha de Pedro está diante do sofá onde sua mãe permanece sentada ao lado da avó de Pedro que conversa com

ela em alguns momentos. Pai da criança está na casa, mas não interage com Pedro, em determinado momento é possível somente ouvir sua voz quando ele parece estar ao telefone. Em alguns momentos a mãe de Pedro sai da sala. Nos momentos finais do evento, a alimentação de Pedro é encerrada e sua mãe permite que ele brinque um pouco com o prato. Por fim, a mãe de Pedro anuncia que o levará para o banho e a filmagem é encerrada. A câmera permanece em um tripé durante todo o evento. Este evento tem duração de 13 minutos e 07 segundos.

Narração:

Quando a filmagem tem início a câmera focaliza a cadeirinha de Pedro que está na sala de frente para o sofá. Pedro não está na cadeirinha, nela há um prato com um pouco de banana amassada e uma colher. Ouve-se a voz da mãe falando (03s) *filhote, vamo comer*. Mãe surge no vídeo, tira o prato da cadeirinha e o coloca no sofá, tira a bandeja da cadeirinha e assobia. Mãe pega Pedro que estava no colo da avó no sofá e o coloca na cadeirinha assobiando. Pedro vocaliza, mãe fala com a avó da criança (26s) *mainha, será que se eu desse o suco agora pra ele se acalmar será que ele comia?* Mãe prende Pedro na cadeirinha com a bandeja. Avó fala (28s) *como é?* Mãe (29s) *se a gente mudasse o horário do suco dele será que ele tomava? Agora eu não vou dar não*. Pedro vocaliza e bate na bandeja.

Episódio 01:

- 1- **Mãe** (37s): (pega o prato) *ó mãezinha (!)*
- 2- **Avó** (40s): *dar o suco depois da banana?*
- 3- **Pedro** (41s): (estica os braços em direção ao prato que a mãe segura)
- 4- **Mãe** (42s): *é*
- 5- **Avó** (43s): *não, é muita coisa. Dá a banana, um banho (...)*
- 6- **Mãe** (49s): (leva uma colher de banana à boca de Pedro) *a,a,a*
- 7- **Pedro** (50s): (abre a boca e come, vira o rosto para o lado, franze o nariz e testa,
- 8- vocaliza)

9- Mãe (52s): (limpa a boca de Pedro com a colher)

10- Avó (55s): *olha, foi assim que ele fez*

11- Mãe (56s): *mas ele faz, mas depois come*

12- Avó (57s): *sim, mas ele não comia ele ficou enguiando, e eu botava a chupeta, ele*

13- tirava a chupeta e fazia nhé [como se imitasse o som de Pedro cuspiendo a comida]

Análise:

No primeiro episódio deste evento, a mãe de Pedro, enquanto conversa com a avó da criança, dá início a sua alimentação levando uma colher à sua boca e enunciando ‘a, a, a’ (Linha 6), tentando fazer Pedro abrir a boca e comer, imitando o modo como ela mesma abre a boca para enunciar esta letra (a). Pedro abre a boca e come, mas em seguida vira o rosto, franze o nariz e testa e vocaliza (Linha 7). A avó de Pedro então anuncia que ele já reagiu deste modo anteriormente, parecendo interpretar esta ação de Pedro como oposição ao alimento. Ela enuncia ‘olha, foi assim que ele fez’ (Linha 9). A mãe de Pedro, entretanto, discorda desta interpretação explicitando que Pedro, apesar de fazer esta expressão, come a banana normalmente (Linha 10). Interessante observar que no evento anterior (Evento 13), Pedro fez esta mesma expressão e sua mãe pareceu também se surpreendeu com ela afirmando que Pedro fez ‘careta’ para comer, atribuindo conotação negativa a essa expressão. Entretanto, como Pedro alimenta-se após fazer esta expressão, sua mãe a interpreta como reação normal à alimentação e não como oposição. Em continuidade, a avó de Pedro enuncia ‘sim, mas ele não comia ele ficou enguiando, e eu botava a chupeta, ele tirava a chupeta e fazia nhé’ (Linhas 11 e 12). A palavra ‘enguiando’ e o som que a avó produz ‘nhé’ são usados para significar uma espécie de ânsia se vômito, como se Pedro não conseguisse engolir a comida, mas ameaçasse cuspi-la. Deste modo, a avó de Pedro adiciona à sua interpretação anterior desta expressão de Pedro como oposição, o fato de que Pedro não somente fazia aquela expressão, mas cuspiu a comida,

concluindo que embora esta expressão realizada por Pedro sugira oposição, ela sozinha não parece ser elemento suficiente para que a avó e mãe da criança a interpretem como tal.

Observa-se neste episódio, como a avó de Pedro parece listar os elementos que possibilitam a ela interpretar as ações de Pedro como oposições. A expressão de Pedro aliada à ânsia de vômito e ao som produzido por Pedro 'nhé', são os elementos que, em conjunto, possibilitam esta interpretação (Linhas 11 e 12). Observa-se assim, como a interpretação da avó de Pedro de certo modo acompanha o desenvolvimento de suas ações sugerindo que Pedro começar a agregar diferentes elementos, como ações verbais e não verbais, a sua comunicação. A avó de Pedro parece tentar esclarecer que não interpreta somente as ações isoladas de Pedro, mas sim, as ações que ele realiza em conjunto.

Narração:

Pedro levanta os braços, bate na bandeja. Mãe fala (1m 05s) *tá aparecendo na filmagem você* [falando com a avó da criança] Avó fala (1m 07s) *eita (!) ri*. Pedro estica as mãos para o prato que a mãe segura, abre a boca e vocaliza. Mãe ri e fala (1m 09s) *ele imita (!)*

Episódio 02:

14- Mãe (1m 10s): (pega mais banana com a colher)

15- Pedro (1m 11s): (olha para o prato e estica as mãos para ele)

16- Mãe (1m 12s): *como é Pedrinho? Nhé (!) faça, faça, nhé (!)*

17- Pedro (1m 15s): (olha para o prato, agita-se estica as mãos em direção a ele)

18- Avó (1m 19s): *fale, faça não, bote comida na minha boca*

19- Pedro (1m 19s): (vocaliza e leva as duas mãos à boca)

20- Mãe (1m 20s): (leva a colher a Pedro, afasta suas mãos da boca) *tome, tome, a, a*

21- Pedro (1m 22s): (olha para a câmera, tira as mãos da boca, abre a boca e come)

Análise:

Neste episódio, enquanto a mãe de Pedro coloca mais comida na colher (Linha 13), ele mais uma vez olha para o prato e estica as mãos em direção a ele, parecendo tentar

fazer sua mãe alimentá-lo (Linha 14). Sua mãe, entretanto, não leva a colher a Pedro imediatamente, mas conversa com ele e enuncia ‘como é Pedrinho? Nhé (!) faça, faça, nhé (!)’ (Linha 15), solicitando que Pedro imite os sons que sua avó acabou de produzir no episódio anterior (Linha 12). Entretanto, Pedro não vocaliza como sua mãe solicita, mas continua olhando para o prato e esticando as mãos em direção a ele (Linha 16). Sua avó então enuncia ‘fale, faço não, bote comida na minha boca’, como se falasse por Pedro, dando voz a ele e interpretando sua ação como solicitação para que sua mãe o alimentasse (Linha 17). Deste modo, a avó de Pedro interpreta que ele opõe-se a tentativa de sua mãe de conversar com ele e fazê-lo vocalizar, solicitando comida. Pedro, de fato, vocaliza e leva as mãos à boca (Linha 18), como se imitasse o gesto que deve ser realizado para alimentá-lo. A mãe de Pedro então acata a interpretação realizada pela avó, levando a colher a Pedro, afastando suas mãos (tentando impedi-lo de atrapalhar a alimentação segurando a colher) e alimentando-o. Observa-se assim como a ação de Pedro leva sua mãe a alimentá-lo, sugerindo que Pedro passa a ocupar lugar de protagonista na interação, dando início a rotinas (neste caso a sua alimentação) através de ações específicas, levando sua mãe a agir por ele, neste caso a levar a comida à sua boca.

Observa-se neste episódio, como a mãe de Pedro dirige-se a ele fazendo uso de diferentes elementos para comunicar-se. Ela prepara o ambiente para alimentá-lo, coloca-o na cadeirinha, senta-se em sua frente e segura o prato, adicionalmente age levando a colher à sua boca e também enuncia ‘tome, tome, a, a’. Deste modo, a mãe de Pedro comunica a ele, através de diferentes elementos, que irá alimentá-lo, tentando levá-lo a interpretar este cenário e engajar-se nesta rotina através de ações específicas (Linha 19). Pedro, por outro lado, começa a compreender estes modos de funcionamento, desenvolvendo seus gestos e associando ações, embora ainda não se comunique com a mesma sofisticação do adulto,

levando sua avó, neste episódio, a ‘complementar’ suas ações, falando por Pedro e agregando elementos a sua tentativa de comunicar-se.

Narração:

Pedro vocaliza, franze nariz e testa. Mãe limpa sua boca com a colher. Pedro ergue as mãos, move-se na cadeira e vocaliza de modo prolongado, leva as mãos à boca. Avó faz alguns sons. Mãe leva outra colher à boca de Pedro, a segura diante de sua boca. Pedro mastiga um pouco, abre a boca e come. Vira a cabeça para o lado e vocaliza, afasta-se da colher vocalizando. Mãe limpa sua boca com a colher. Pedro estica a mão direita em direção a colher e vocaliza. Pedro bate na bandeja. Mãe leva a colher vazia a sua boca para limpá-la, Pedro afasta um pouco a cabeça e vocaliza. Mãe pega mais banana no prato, Pedro olha para o prato, agita-se e estica as mãos em direção a ele. Mãe fala (1m 52s) *quer mais?* Mãe leva a colher a própria boca como se fosse comer, fala (1m 52s) *hum*: Leva a colher à boca de Pedro que abre a boca e come. Move-se, olha para a câmera, abre os braços e vocaliza. Mãe bate com a colher no prato, Pedro olha para o prato, tem os braços abertos. Mãe leva a colher à boca de Pedro fazendo alguns sons, Pedro abre a boca e come. Pedro vocaliza e bate na bandeja. Mãe limpa a boca de Pedro, Pedro olha para o prato, estica o braço em direção a ele e vocaliza. Mãe assobia e muda um pouco a cadeira de Pedro de lugar. Pedro bate na bandeja, avó faz alguns sons e Pedro olha para ela. Mãe levanta-se e sai da sala, Pedro agita-se e vocaliza. Mãe volta para sala e fala (2m 32s) *mamãe?* Mãe senta-se no sofá, pega mais uma colher de banana e fala (2m 35s) *cadê? Olha o avião, o avião, o avião mamãe, o avião (!)* Pedro olha para mãe, sorri, abre a boca e ergue os braços. Mãe leva a colher à boca de Pedro fazendo alguns sons. Pedro come, vocaliza, tem os braços erguidos. Mãe limpa a boca de Pedro com a colher, avó faz alguns sons, Pedro olha para ela. Pedro olha para a mãe, sorri, coloca a mão na boca. Mãe bate com a colher no prato, Pedro olha para ele, agita-se, ergue as mãos e vocaliza. Mãe

continua batendo a colher no prato, Pedro abre a boca, leva a mão à boca, vocaliza. Mãe pega a colher e leva-a a Pedro, fala (3m) *olha o avião* (!) avó fala (3m) (...) Pedro olha para a avó e mantêm as mãos na boca, mãe fala com a avó. Mãe aproxima a colher da boca de Pedro que tira a mão da boca, abre a boca e come. Pedro abre os braços e se move, bate na bandeja. Mãe fala com avó. Pedro olha para o prato e estica o braço em direção a ele, bate na bandeja. Mãe pega mais uma colher de banana amassada. Pedro olha para a colher e abre a boca, mantêm os braços levantados. Mãe aproxima a colher de Pedro e a coloca em sua boca. Pedro come, mãe limpa sua boca com a colher enquanto conversa com a avó sobre a cadeirinha de Pedro. Pedro olha para a colher e tenta pegá-la. Mãe leva a colher para o prato, limpa Pedro com a mão. Pedro movimenta-se e vocaliza. Pedro bate na bandeja, mãe fala (3m 38s) *é bom vovó? Ei* (!) Pedro olha para o lado e bate na bandeja. Mãe pega a colher e fala (3m 42s) *a*. Pedro olha para a colher, ergue os braços e abre a boca. Mãe aproxima lentamente a colher de Pedro falando (3m 44s) *a*: Pedro come, leva a mão à boca e vocaliza.

Análise:

Nos momentos que se seguem ao segundo episódio deste evento, é possível observar a sequência de ações que se estabelecem no processo de alimentação de Pedro. Sua mãe lhe oferece comida, levando a colher à sua boca e afastando suas mãos (para que Pedro não pegue a colher), enunciando ‘tome, tome, a, a’ e outros enunciados do gênero. Pedro então aceita o alimento, abrindo a boca e comendo. Estas ações se repetem com pequenas variações. Por exemplo, quando Pedro não olha para o prato, sua mãe bate com a colher no prato para fazer barulho e atrair sua atenção, levando Pedro a olhar para a colher e comer. É possível observar como estas ações se repetem criando uma espécie de ciclo que pode ser chamado como ciclo de *aceitação*, nos quais a mãe de Pedro lhe oferece comida e Pedro aceita.

Variações neste ciclo também surgem quando a mãe de Pedro interrompe sua alimentação, deixando a colher no prato e o limpando. Nestes momentos, Pedro movimenta-se, vocaliza e bate na bandeja, em ações interpretadas por sua mãe como solicitações, visto que ela volta a pegar a colher e alimentar Pedro. Observa-se como nestes momentos Pedro parece dar início a sua alimentação ao bater na bandeja, chamando a atenção da mãe e levando-a a alimentá-lo. Deste modo, é possível supor que Pedro começa a compreender que suas ações tem impacto sobre o ambiente, agindo sobre sua mãe e levando-a a fazer algo por ele, neste caso, levar a comida à sua boca. Assim o ‘ciclo de aceitação’ parece ampliar-se, de modo que não somente a mãe de Pedro o inicia. Mas, Pedro também o inicia dirigindo uma solicitação a sua mãe (batendo na bandeja, vocalizando e dirigindo-se para o prato) que o alimenta. Deste modo, Pedro passa a ocupar lugar de protagonista na interação, dirigindo-se a sua mãe de modo propositivo e não somente opositivo, aceitando ou opondo-se às suas ações.

Narração:

Mãe fala (3m 53s) *tire a mãozinha filho da boca*. Pedro tira a mão da boca, passa a mão no olho. Mãe fala (3m 55s) *tá morrendo de sono*. Pedro olha para o prato e ergue os braços. Mãe fala (3m 57s) *mais, mais, mais, mais*. Mãe pega outra colher e a segura ainda distante de Pedro, fala (4m) *a*. Pedro olha para a colher e coloca a mão na boca. Avó fala (4m) *depois dessa bananinha e do banho, uma aguinha*. Mãe aproxima a colher lentamente da boca de Pedro falando (4m 04s) *a*: Pedro ergue os braços, abre a boca e come, agita-se, vocaliza e inclina-se para frente estendendo os braços. Mãe bate a colher no prato, Pedro olha para o prato e mantém as mãos erguidas, vocaliza. Avó fala (4m 14s) *vou pegar o pezinho (!)* Pedro olha para o prato, bate na bandeja, ergue os braços. Mãe leva colher à boca de Pedro que abre a boca e come vocalizando. Pedro move-se, bate na bandeja. Mãe limpa sua boca com a colher. Mãe bate a colher no prato, Pedro olha para o

prato, ergue os braços e vocaliza. É possível ouvir o pai da criança falando ao telefone, Pedro olha para o lado [parece ser o lado onde o pai está]. Mãe segura a colher ainda distante de Pedro e fala (4m 30s) *psiu* (!) Pedro movimentava-se, ergue os braços e vocaliza. Mãe leva a colher à boca de Pedro. Pedro inclina-se para frente, ergue os braços, toca a mão da mãe. Mãe bate a colher no prato. Pedro olha para o prato e vocaliza de modo prolongado, Mãe enuncia (4m 45s) *engula meu amor*, leva a colher a Pedro que ainda vocaliza. Pedro abre a boca e mãe coloca a colher em sua boca. Pedro move-se, afasta-se da colher. Avó fala (4m 50s) *diga que você não precisa de tanta mastigada não mamãe já engoli*. Pedro coloca a mão na boca, vocaliza. Pedro olha para o prato com a mão na boca e vocalizando. Mãe mexe no prato com a colher e fala com a avó (5m 04s) *as vezes eu fico pensando que isso é muito para o Pedrinho comer*. Avó fala (5m 05s) *han?* Mãe (5m 06s) *Você fica falando que isso é muito pra o pedrinha tá comendo, ele é gordinho, ele pode*. Pedro tira a mão da boca, ergue os braços em direção ao prato e vocaliza. Mãe leva colher a Pedro que abre a boca e come. Mãe fala (5m 13s) *que antes era o meu peito não tinha como* (/...) Pedro move os braços e toca a colher. Mãe limpa Pedro com a colher. Pedro vocaliza e ergue os braços em direção ao prato, mãe bate no prato com a colher. Pedro continua vocalizando e olhando para o prato. Mãe pega mais comida com a colher e conversa com a avó.

Episódio 03:

22- Mãe (5m 25s): (leva a colher a Pedro)

23- Pedro (5m 27s): (ergue os braços, abre a boca e come vocalizando, move os braços

24- e segura a colher)

25- Mãe (5m 29s): (tenta puxar a colher de Pedro) *filho solte vá, pelo amor de Deus,*

26- *você vai fazer uma meladeira*

27- Pedro (5m 30s): (segura a colher vocalizando, coloca-a na boca)

28- Avó (5m 33s): (ri)

29- Pedro (5m 34s): (olha para avó, tira a colher da boca, continua segurando-a)

30-Mãe (5m 36s): *ê, ê, ê* (tira a colher da mão de Pedro, limpa a boca de Pedro com a **31-colher**)

Análise:

Neste episódio, a mãe de Pedro leva outra colher de banana amassada à sua boca (Linha 21), tentando fazer Pedro comer. Pedro mais uma vez reage erguendo os braços, abrindo a boca e comendo, aceitando a solicitação de sua mãe (Linhas 22 e 23). Entretanto, em seguida, Pedro segura a colher tomando-a de sua mãe (Linhas 22 e 23). A mãe de Pedro então tenta puxar a colher de sua mão enunciando ‘filho solte vá, pelo amor de Deus, você vai fazer uma meladeira’ (Linhas 24 e 25), opondo-se a esta ação de Pedro, interpretando que ele quer ficar com a colher, o que atrapalharia sua alimentação. Neste momento, é possível observar como a mãe de Pedro parece interpretar sua ação sem dificuldade, concentrando-se em tentar opor-se a ela, sem falar por Pedro ou tentar agir por ele complementando sua ação.

Pedro não solta a colher (Linha 26) e sua avó observa a situação e ri. Pedro parece atrair-se pelos sons produzidos pela avó e olha para ela, ainda sem soltar a colher, mas somente tirando-a de sua boca (Linhas 27 e 28). A mãe de Pedro então se aproveita deste momento de distração, tirando a colher da mão de Pedro (Linha 29). Neste momento, o fato de Pedro segurar a colher enquanto sua mãe tentava tirá-la dele é interpretado como oposição. Sua mãe, complementarmente, evita opor-se diretamente a ele, talvez interpretando que Pedro intensificaria sua oposição através do choro caso o fizesse, esperando um momento de distração para tomar.

Neste episódio, a ação de Pedro interpretada como oposição é claramente contrária àquela proposta por sua mãe, visto que Pedro segura a colher que sua mãe tenta fazê-lo soltar. Deste modo, as oposições de Pedro afastam-se cada vez mais de seu choro/choramingo, interpretados como demandas nos momentos iniciais de seu

desenvolvimento. Aqui, a oposição de Pedro passa a caracterizar-se pela oposição ativa, na qual Pedro concretiza gesto diretamente contrário àquele que sua mãe tenta executar. Adicionalmente, observa-se como Pedro agrega ações, segurando a colher e vocalizando ao mesmo tempo (Linha 26), opondo-se à sua mãe. A mãe de Pedro parece ceder a sua oposição, pois espera Pedro distrair-se para só então tomar a colher dele.

Narração:

Pedro continua olhando para avó que ri. Pedro sorri, leva a mão à boca. Mãe conversa com a avó. Pedro continua com a mão na boca e vocalizando. Mãe faz sons como um grito baixo e longo, segura a colher no prato. Pedro olha para mãe e sorri.

Episódio 04:

32- Mãe (6m 08s): (leva a colher a Pedro)

33- Pedro (6m 09s): (olha para avó)

34- Mãe (6m 10s): (segura a colher diante de Pedro) *tome*

35- Pedro (6m 11s): (continua olhando para avó)

36- Avó (6m 11s): *hoje a vovó vai fazer suco de laranja com cenoura*

37- Pedro (6m 12s): (olha para baixo e vocaliza, ergue as mãos e abre a boca)

38- Mãe (6m 13s): (coloca a colher na boca de Pedro)

Análise:

Ao longo deste evento, observa-se como Pedro age diante da colher executando uma sequência de ações específicas, olhando para ela, erguendo as mãos e abrindo a boca. Observando estas ações, é possível traçar certa continuidade entre o modo como Pedro agia diante do alimento no evento anterior (Evento 13) e o modo como ele age agora. Naquele evento, Pedro, ao visualizar a colher, erguia as mãos em direção a ela (tentando pegá-la) e abrindo a boca. Sua mãe então aproximava a colher de Pedro, afastava suas mãos da colher (para que ele não a pegasse) e, só então, colocava a colher em sua boca. Esta ação foi repetida várias vezes pela mãe de Pedro no evento anterior e, provavelmente, antes e depois daquele evento em outras situações nas quais alimentou Pedro usando uma colher.

No presente evento, entretanto, Pedro repete as mesmas ações diante da colher com exceção de uma: ao ver a colher, já não estende os braços em direção a ela, mas os levanta parecendo afastá-los da colher. É possível hipotetizar que esta modificação das ações de Pedro surge em decorrência das intervenções contínuas de sua mãe, visto que ela recorrentemente afastava as mãos de Pedro da colher antes de alimentá-lo, levando-o a compreender que deve afastar as mãos da colher para comer. Pedro, de fato, já apresentou esta variação em seu comportamento nos momentos finais do evento anterior (Evento 13, episódio 09, linhas 79 e 80, em anexo), quando afastou as mãos da colher ao invés de esticá-las em direção a ela. Deste modo, observa-se como Pedro altera sua ação em decorrência das intervenções constantes de sua mãe, de certo modo compreendendo que deve afastar as mãos da colher para alimentar-se.

É possível observar como as ações da mãe de Pedro orientam seu desenvolvimento possibilitando com que determinadas ações se estabeleçam enquanto gestos adequados, repetindo-se em situações semelhantes na interação. Por exemplo, o fato de Pedro abrir a boca diante da colher, estabelece-se enquanto gesto de aceitação do alimento de modo que Pedro o realiza mesmo quando a colher ainda está distante de sua boca, reagindo ao vê-la. Outras ações, entretanto, modificam-se ou terminam por desaparecer, como a ação de Pedro de estender os braços e tentar pegar a colher, que termina por modificar-se, visto que agora Pedro levanta os braços, afastando-os da colher, sem estendê-los em direção a ela.

Em continuidade, no quarto episódio, a mãe de Pedro leva mais uma colher à sua boca (Linha 30). Pedro, entretanto, não age como comumente, mas olha para a avó e não abre a boca como sua mãe parece solicitar, agindo de modo independente (Linha 31). Sua mãe permanece segurando a colher diante de sua boca e enuncia ‘tome’ tentando atrair a atenção de Pedro para o alimento (Linha 32). Pedro, entretanto, continua olhando para avó e não come, sem responder aos estímulos de sua mãe (Linha 33). A avó de Pedro fala com

ele e só neste momento Pedro desvia o olhar dela. Pedro então observa a colher, em seguida, ergue as mãos e abre a boca. É possível observar como neste momento, Pedro reage à colher como vem fazendo até então, aceitando o alimento. Sua mãe de fato interpreta sua ação como ‘aceitação’, colocando a colher em sua boca (Linhas 35 e 36). Observa-se assim, como a mãe de Pedro espera que ele reaja de determinada maneira, aceitando o alimento. Para tanto, ela o oferece a Pedro, segurando a colher diante de sua boca e falando com ele, tentando convencê-lo a comer. Quando Pedro não aceita o alimento, ou seja, não reage da maneira esperada (neste caso, não olha para a colher nem abre a boca), sua mãe interpreta que ele opõe-se a alimentação, rejeitando o alimento. Ela então tenta convencê-lo até que Pedro, por fim, aceita o alimento, erguendo as mãos e abrindo a boca.

Narração:

Mãe limpa sua boca com a colher. Pedro olha para o prato e inclina-se em direção a ele. Estica o braço em direção ao prato. Mãe limpa Pedro com a colher, Pedro ergue os braços, olha para o prato e vocaliza. Mãe bate no prato, Pedro olha para ele, agita-se e vocaliza. Mãe leva a colher a Pedro que ergue os braços, inclina-se para frente, abre a boca e come. Pedro olha para baixo e bate na bandeja. Mãe bate com a colher no prato, limpa Pedro com a colher. Pedro olha para o prato, ergue os braços e vocaliza. Pedro olha para o prato, bate na bandeja, ergue os braços e vocaliza. Mãe leva a colher à boca de Pedro, fala (6m 47s) *a, a, a*. Pedro abre a boca e come. Pedro olha para o prato, mantém as mãos erguidas e vocaliza. Mãe leva outra colher à boca de Pedro que abre a boca e come. Mãe limpa a boca de Pedro com a colher, Pedro bate na bandeja. Pedro olha para o prato, ergue o braço em direção a ele e vocaliza. Mãe bate com a colher no prato, fala com a avó. Pedro continua olhando para o prato com as mãos erguidas e vocalizando. Mãe leva a colher à boca de Pedro, Pedro encosta-se à cadeira, vocaliza alto. Pedro afasta-se um pouco do

encosto, abre a boca e come. Pedro ergue as mãos e vocaliza, mãe limpa sua boca com a colher. Avó fala (7m 16s) *que engraçado essa mãozinha (...)* Pedro olha para o prato, levanta os braços e vocaliza. Mãe deixa a colher no prato e fala com a avó (7m 28s) *ele tá acostumado a comer na cadeirinha (...)*

Episódio 05:

39- Pedro (7m 29s): (olha para o prato, vocaliza, ergue os braços, bate na bandeja)

40- Mãe (7m 30s): (leva a colher a Pedro) *já vai mãe, tome*

41- Pedro (7m 31s): (abre a boca e come, pega a colher e a segura em sua boca,

42- vocaliza)

43- Mãe (7m 37s): (tenta pegar a colher de Pedro) *o que foi filho? Você tá com sono,*

44- *né?*

45- Pedro (7m 38s): (continua segurando a colher na boca e vocalizando)

46- Mãe (7m 40s): (olha para Pedro e segura a colher, conversa com a avó)

47- Pedro (7m 47s): (olha para avó, continua segurando a colher)

48- Mãe (7m 53s): (puxa a colher e a tira de Pedro, limpa sua boca com a colher)

Análise:

Nos momentos imediatamente anteriores a este episódio, a mãe de Pedro conversa com a avó da criança e interrompe sua alimentação. Pedro então olha para o prato, vocaliza e ergue os braços, depois bate na bandeja (Linha 37). Diante destas ações, sua mãe reage levando a colher à sua boca e enunciando 'já vai mãe, tome' (Linha 38), apressando-se em alimentá-lo, interpretando as ações de Pedro como solicitações, como se Pedro batesse na bandeja e agisse tentando chamar sua atenção e convencê-la a voltar a alimentá-lo. Pedro, mais uma vez, parece agir na tentativa de influenciar sua mãe e conseguir com que ela lhe alimente, de certo modo começando a compreender o efeito que suas ações geram nos adultos a seu redor. Adicionalmente, Pedro começa a compreender que pode mobilizar o ambiente e conseguir algo através dos adultos com os quais interage, neste caso, obtendo alimento através de sua mãe. Deste modo, Pedro começa a ocupar papel protagonista na

interação (papel de proponente) ao invés de oponente aceitando ou recusando as ações do adulto.

Em continuidade neste episódio, após comer, Pedro segura a colher em sua boca vocalizando (Linha 39). A mãe de Pedro tenta tomar a colher de sua mão enunciando ‘o que foi filho? Você tá com sono, né?’ (Linha 40), interpretando a ação de Pedro como oposição, como se Pedro estivesse impedindo sua mãe de continuar a alimentá-lo. Talvez por isso, a mãe de Pedro questiona se ele está com sono, concluindo que Pedro não está com fome (já que se opõe a sua alimentação), hipotetizando que Pedro talvez esteja com sono. Pedro continua segurando a colher enquanto sua mãe também não a solta (Linhas 41 e 42). A mãe de Pedro parece permitir que ele brinque um pouco com a colher, entretanto, sem entregá-la a ele, mas esperando por um momento de distração para retirá-la dele. De fato, somente quando Pedro se distrai e olha para a avó, sua mãe puxa a colher de sua mão (Linhas 43 e 44).

Neste episódio é possível observar como Pedro dá início a sua alimentação, ao vocalizar e bater na bandeja, chamando a atenção de sua mãe e fazendo-a voltar a alimentá-lo. Em continuidade, é Pedro também quem interrompe sua alimentação, ao segurar a colher e impedir que sua mãe o alimente. Deste modo, Pedro participa como agente na interação, agindo livremente de maneira aparentemente inesperada por sua mãe. Ao iniciar e interromper sua alimentação, Pedro mostrando alterações no lugar que ocupa na interação, começando a ocupar o lugar de proponente. Pedro também desenvolve seu comportamento opositivo, opondo-se à sua mãe através de ações diretamente contrárias às dela, por exemplo, segurando a colher quando ela tenta tomá-la. Adicionalmente, Pedro conjuga ações verbais e não verbais. Com relação à colher, ele não se limita a segurá-la, mas também vocaliza, parecendo começar a compreender o papel das produções orais na interação com os adultos (Linhas 39 e 41) .

Narração:

Pedro ergue as mãos e vocaliza. Mãe coloca a colher em sua boca, Pedro come com as mãos erguidas. Comida cai no chão. Avó ri e fala (8m 06s) *olha o porquinho da vovó*. Mãe pega outra colher de banana, Pedro olha para a colher, ergue os braços, abre a boca. Mãe afasta a colher e fala (8m 09s) *olha o avião, a, ainda tem na sua boca que eu to vendo. O avião (!)* Mãe aproxima a colher de Pedro lentamente e fazendo alguns sons. Pedro olha para a colher, ergue os braços e abre a boca. Pedro come, segura a mão da mãe, olha para avó. Mãe afasta a mão de Pedro e fala (8m 21s) *bolinha (!)* Pedro olha para o prato e ergue os braços. Mãe canta um pedaço de uma música infantil. Mãe coloca mais comida na colher, mas ainda a mantém no prato, fala (8m 29s) *como é que faz? Como é que faz?* Pedro olha para o prato com as mãos erguidas e vocalizando. Mãe aproxima a colher de Pedro lentamente e enunciando (8m 32s) *a*: Pedro olha para a colher e estica os braços para ela, mãe afasta a colher de Pedro e fala (8m 33s) *cadê? Cadê? Abra a boca pra eu ver aí, a*: Mãe aproxima a colher da boca de Pedro. Pedro estica os braços para frente, vocaliza, abre a boca e come. Pedro vocaliza e ergue os braços. Mãe olha para Pedro e fala (8m 46s) *eu estou vendo que parece que você tá mastigando*.

Episódio 06:

- 49- Pedro** (8m 47s): (olha para o prato, vocaliza, bate na bandeja com a mão direita
- 50-** e ergue os braços, tosse, volta a bater na bandeja)
- 51- Mãe** (8m 50s): *quer mais não mãe?*
- 52- Pedro** (8m 51s): (olha para o prato, vocaliza e ergue os braços, vocaliza mais
- 53-** alto e faz leve expressão de choro)
- 54- Avó** (8m 55s): *ora não quer* [ironia]
- 55- Mãe** (8m 57s): (...)
- 56- Pedro** (8m 58s): (continua vocalizando, olhando para o prato e com os braços
- 57-** erguidos)
- 58- Mãe** (8m 59s): (leva colher à boca de Pedro) *e faz força porque a mamãe tá*
- 59-** *demorando, é?*

- 60- Pedro** (9m 01s): (abre a boca e come)
- 61- Mãe** (9m 02s): (limpa a boca de Pedro com a colher)
- 62- Pedro** (9m 03s): (vira um pouco a cabeça de lado, segura-se na cadeira e
- 63- vocaliza, move-se e vocaliza)**
- 64- Mãe** (9m 10s): *ou você quer o prato? Quer o prato?* [rápido] (bate no prato com
- 65- a colher e o aproxima de Pedro)**
- 66- Pedro** (9m 11s): (olha para o prato, inclina-se e estende a mão em direção a ele)
- 67- Mãe** (9m 11s): (afasta o prato de Pedro) *não pode*
- 68- Pedro** (9m 12s): (faz expressão de choro e choraminga)
- 69- Mãe** (9m 16s): *olha, olha, olha o prato, olha porque eu tirei o prato dele, viu*
- 70- mãe?** [falando com a avó de Pedro] (aproxima o prato de Pedro)
- 71- Pedro** (9m 17s): (olha para o prato, estende o braço em direção a ele, vocaliza,
- 72- desfaz expressão de choro)**
- 73- Mãe** (9m 18s): (afasta o prato de Pedro) *não pode o prato*
- 74- Pedro** (9m 19s): (olha para mãe, faz expressão de choro e choraminga. Desfaz
- 75- expressão de choro e para de choramingar, bate na bandeja)**
- 76- Mãe** (9m 22s): *não*
- 77- Pedro** (9m 23s): (volta a fazer expressão de choro e vocalizar)
- 78- Mãe** (9m 25s): (aproxima o prato de Pedro)
- 79- Pedro** (9m 25s): (desfaz expressão de choro, estica os braços e tenta pegar o
- 80- prato)**
- 81- Mãe** (9m 26s): (afasta o prato de Pedro) *na:o*
- 82- Pedro** (9m 27s): (olha para a mãe, faz expressão de choro e choraminga)
- 83- Mãe** (9m 31s): (leva colher à boca de Pedro) *mas, eu vejo cada uma (!) tem que*
- 84- bagunçar, é mãe?**
- 85- Pedro** (9m 32s): (come, olha para o lado, para de choramingar e desfaz
- 86- expressão de choro, bate na bandeja)**
- 87- Mãe** (9m 37s): (bate com a colher no prato)
- 88- Pedro** (9m 29s): (olha para o prato, estica o braço em direção a ele e faz
- 89- expressão de choro, vocaliza como gemidos)**
- 90- Mãe** (9m 40s): *tu chora, é? Ô filho, hoje não pra você fazer uma bagunça a*
- 91- mamãe tá dodói** (pega outra colher de banana)

Análise:

Neste episódio, Pedro novamente olha para o prato, vocaliza e bate na bandeja, exatamente como no episódio anterior (Linhas 45 e 46). Sua mãe interpreta esta movimentação como oposição questionando-o ‘quer mais não mãe?’ (Linha 47). Pedro volta a agitar-se, olha para o prato e vocaliza, ergue os braços, vocaliza mais alto e faz leve expressão de choro (Linhas 48 e 49). A avó da criança reage enunciando ‘ora não quer’ (Linha 50), de maneira irônica, discordando da interpretação realizada pela mãe de Pedro e interpretando que Pedro quer sim comida e, na verdade, agitava-se daquela maneira tentando fazer sua mãe voltar a alimentá-lo. Assim, a agitação de Pedro é mais uma vez interpretada como solicitação, como se Pedro tentasse convencer sua mãe a voltar a alimentá-lo.

Em seguida, Pedro continua agitado e vocaliza, ele olha para o prato e ergue os braços, agindo do mesmo modo como costuma reagir diante da colher (Linha 52). Neste momento, a mãe de Pedro leva a colher a ele e enuncia ‘e faz força porque a mamãe tá demorando, é?’ (Linhas 53 e 54), ratificando a interpretação realizada pela avó da criança, interpretando que Pedro agia daquela maneira tentando convencer sua mãe a voltar a alimentá-lo. Interessante observar que neste momento Pedro realiza as mesmas ações que normalmente executa diante da colher, olhando para o prato e levantando os braços. Deste modo, Pedro parece sofisticar seu ‘pedido’ para que sua mãe o alimente, pois não só vocaliza ou bate na bandeja, mas age como se sua mãe já estivesse com a colher diante dele, aparentemente tentando convencê-la a alimentá-lo.

Em continuidade, Pedro come e volta a vocalizar agitando-se (Linhas 55, 57 e 58). Sua mãe então enuncia ‘ou você quer o prato? Quer o prato?’ (Linha 59), interpretando o fato de Pedro voltar a agitar-se como nova solicitação, concluindo que Pedro quer também manipular o prato. Para testar sua hipótese, ela bate com a colher no prato e o aproxima de Pedro observando sua reação (Linhas 59 e 60). Pedro, de fato, olha para o prato, inclina-se

e estende a mão em direção a ele (Linha 61), levando sua mãe a concluir que Pedro realmente protestava por querê-lo. Neste momento, a mãe de Pedro afasta o prato e enuncia ‘não pode’, opondo-se a Pedro sem deixá-lo manipular o objeto (Linha 62).

Neste momento, Pedro, um segundo após sua mãe afastar o prato dele, faz expressão de choro e choraminga (Linha 63). Sua mãe parece surpreender-se com esta ação, voltando a aproximar o prato de Pedro e enunciando ‘olha, olha, olha o prato, olha porque eu tirei o prato dele, viu mãe?’ (falando com a avó da criança), hipotetizando que Pedro choramingava em protesto contra o afastamento do prato (Linhas 64 e 65). No momento em que sua mãe reaproxima o prato, Pedro volta a dirigir-se a ele vocalizando. Sua mãe novamente afasta o prato e enuncia ‘não pode o prato’ (Linhas 66 a 68), mais uma vez interpretando que Pedro quer o objeto, mas opondo-se a ele e o impedindo de manipulá-lo. Pedro novamente reage a este afastamento fazendo expressão de choro e choramingando (Linha 69). A mãe de Pedro volta a aproximar o prato de Pedro, aparentemente para observar sua reação e testar sua hipótese de que Pedro choramingava em oposição ao afastamento do prato (Linha 73). Adicionalmente, a mãe de Pedro chama pela avó da criança, tentando mostrar a ela esta nova reação de Pedro, o que sugere que este comportamento é novo e as surpreende.

Em continuidade, Pedro, novamente um segundo após sua mãe aproximar o prato dele, olha para o prato, desfaz expressão de choro, estende o braço em direção a ele e vocaliza (Linha 74). Sua mãe volta a afastar o prato e enuncia ‘na:o’, deixando sua oposição clara e observando a reação de Pedro à sua oposição (Linha 75). Pedro, um segundo após esta ação, olha para mãe, faz expressão de choro e choraminga (Linha 76). Após repetir este jogo, afastando o prato de Pedro e observando sua reação (choramingo), reaproximando o prato de Pedro e observando como ele rapidamente encerra sua oposição, sua mãe enuncia ‘mas, eu vejo cada uma (!) tem que bagunçar, é mãe?’ (Linhas 77 e 78),

mais uma vez expressando surpresa diante deste comportamento de Pedro, interpretando que ele começa a fazer uso intencional do choramingo, expressando sua oposição e tentando convencer sua mãe a deixá-lo com o prato.

Por fim, a mãe de Pedro conclui ‘tu chora, é? Ô filho, hoje não pra você fazer uma bagunça a mamãe tá dodói’ (Linhas 84 e 85), convencendo-se de que Pedro tenta usar o choramingo para persuadi-la a lhe dar o prato e opondo-se a ele. Deste modo, é possível hipotetizar que Pedro começa a fazer uso intencional do choramingo para obter algo e se opor à ação de sua mãe. Esta intencionalidade é presumida a partir da observação das próprias características das ações de Pedro, visto que ele as inicia (começa a choramingar) e as encerra (finaliza seu choramingo) muito rapidamente e em consonância com as intervenções de sua mãe. Ou seja, inicia o choramingo assim que o prato é afastado, encerrando-o no momento em que o objeto é reaproximado. Estes elementos sugerem certo autocontrole de Pedro sobre esta ação, como se ele compreendesse seu efeito sobre o ambiente, fazendo uso adequado e efetivo desta ação. Parece ser possível hipotetizar também que esta é a primeira vez que Pedro faz uso deste comportamento, pois a mãe de Pedro surpreende-se com ele, repetidamente testando as reações de Pedro e tentando exibi-las para a avó da criança.

Narração:

Pedro olha a colher, desfaz expressão de choro, vocaliza, ergue os braços e abre a boca. Mãe leva a colher à boca de Pedro e fala (9m 46s) *olhe, a, a, a: (!)*

Episódio 07:

92- Pedro (9m 48s): (come, toca a mão da mãe, faz expressão de choro e vocaliza,

93- inclina-se em direção ao prato e estica as mãos)

94- Mãe (9m 50s): *quer mais não, né? Pronto (!)* (limpa Pedro)

95- Pedro (9m 51s): (olha para o prato com expressão de choro, inclina a mão para

96- ele e vocaliza)

97- Mãe (9m 52s): *cadê? Ai, ai, ai*

98- Pedro (9m 56s): (inclina-se para o prato, faz expressão de choro e choraminga)

99- Mãe (9m 59s): (coloca o prato na bandeja de Pedro) *coma vá, tome*

100- Pedro (10m): (desfaz a expressão de choro e para de choramingar, olha para

101- o prato e coloca as mãos nele)

Análise:

Neste episódio, após comer, Pedro faz expressão de choro e vocaliza, inclina-se e estica as mãos em direção ao prato (Linhas 86 e 87). Sua mãe então enuncia ‘quer mais não, né? Pronto (!)’ (Linha 88), interpretando que Pedro já não quer alimentar-se. Em continuidade, Pedro volta a olhar para o prato com expressão de choro, inclina a mão em direção a ele e vocaliza (Linhas 89 e 90). Sua mãe então enuncia ‘cadê? Ai, ai, ai’ parecendo tentar distraí-lo (Linha 91). Pedro novamente inclina-se em direção ao prato, faz expressão de choro e choraminga (Linha 92). Sua mãe então entrega o prato a Pedro e enuncia ‘coma vá, tome’ (Linha 93), interpretando mais uma vez as ações de Pedro como tentativas de persuadi-la a lhe entregar o prato, cedendo a sua solicitação. A mãe de Pedro parece concluir que ele quer somente brincar e não comer, interpretando que Pedro faz uso consciente do choramingo e expressão de choro para persuadi-la a fazer o que ele deseja.

Como no episódio anterior, Pedro imediatamente desfaz a expressão de choro e para de choramingar assim que o prato é reaproximado dele, ele então se volta para o prato e começa a manipulá-lo (Linhas 94 e 95). Deste modo, é mais uma vez possível observar como o choramingo e expressão de choro de Pedro surgem de maneira diferenciada neste evento. Aqui, Pedro parece ser capaz de fazer uso destes comportamentos de modo quase intencional, pois desfaz a expressão de choro e encerra o choramingo rapidamente, assim que sua mãe lhe entrega o prato, sugerindo certo autocontrole sobre esta ação. Hipotetiza-se que este comportamento de Pedro surge a partir da história da interação entre Pedro e seus familiares. Pois, ao longo dos eventos analisados, é possível observar como os pais de

Pedro constantemente reagem ao seu choro/choramingo interpretando-o como oposição de Pedro e procurando atendê-lo. Deste modo, os pais de Pedro orientam seu desenvolvimento possibilitando com que ele compreenda o significado destas ações na interação, passando a usá-las de modo intencional para expressar oposição e obter atenção dos pais.

Narração:

Mãe coloca a colher em sua mão e fala (10m 02s) *tome a colher, bote na boca*. Mãe segura a colher na mão de Pedro. Pedro leva a colher à boca e come. Mãe fala (10m 05s) *eita que esperto mainha (!)*

Episódio 08:

- 102- Pedro** (10m 07s): (faz leve expressão de choro, logo desfaz)
- 103- Mãe** (10m 10s): (deixa a colher e prato com Pedro)
- 104- Pedro** (10m 12s): (olha para o prato e toca nele. Derruba a colher no chão)
- 105- Mãe** (10m 15s): (pega a colher e fica com ela) *eita: (!) Começou (!)*
- 106- Pedro** (10m 17s): (olha para a colher, ergue os braços e faz expressão de
- 107- choro, choraminga, mas logo para)**
- 108- Mãe** (10m 21s): (aproxima um pouco mais o prato de Pedro) *vá comer, vá*
- 109- Pedro** (10m 22s): (olha para o prato e toca nele quieto)
- 110- Mãe** (10m 23s): (limpa a boca de Pedro, pega o prato) *me dê vá*
- 111- Pedro** (10m 24s): (olha para o prato, faz expressão de choro)
- 112- Mãe** (10m 25s): (afasta o prato de Pedro) *tá bom, bora tomar banho?*
- 113- Pedro** (10m 26s): (olha para a mãe, ergue os braços, tem expressão de choro e
- 114- choraminga)**
- 115- Mãe** (10m 28s): (levanta-se e sai da sala)
- 116- Pedro** (10m 29s): (continua choramingando, desfaz expressão de choro, olha
- 117- para baixo e bate na bandeja vocalizando)**
- 118- Mãe** (10m 36s): *que 'malcriação'¹⁰, (!)*
- 119- Pedro** (10m 36s): (faz expressão de choro e choraminga, rapidamente para,
- 120- olha para baixo, bate na bandeja)**

¹⁰ Como enunciado pela mãe.

- 121- Mãe (10m 37s): *ei (!) psiu, psiu, psiu*
- 122- Pedro (10m 39s): (olha para o lado, faz expressão de choro)
- 123- Mãe (10m 42s): *ei (!) malcriado (!)*
- 124- Pedro (10m 44s): (choraminga, faz expressão de choro, leva a mão à boca,
- 125- bate na bandeja)
- 126- Mãe (10m 46s): *é o quê que você quer? Você quer o pratinho, é? É o*
- 127- *pratinho?*
- 128- Pedro (10m 49s): (vocaliza com expressão de choro, ergue os braços)
- 129- Mãe (10m 52s): (traz o prato novamente, coloca-o na bandeja de Pedro) *tome*
- 130- Pedro (10m 53s): (olha para o prato, toca nele, desfaz a expressão de choro,
- 131- vocaliza)
- 132- Mãe (10m 56s): (senta no sofá diante de Pedro) *você tá esperto (!) vamos tomar*
- 133- *um banho?*
- 134- Pedro (10m 58s): (move o prato e quase o derruba)
- 135- Mãe (11m): (segura o prato e o afasta de Pedro) *a, a, a, a:*
- 136- Pedro (11m 01s): (olha para a mãe, faz expressão de choro e choraminga)
- 137- Mãe (11m 02s): (aproxima e afasta o prato de Pedro fazendo alguns sons)
- 138- Pedro (11m 03s): (olha para a mãe, tem os braços erguidos, faz expressão de
- 139- choro e choraminga)
- 140- Mãe (11m 04s): (coloca o prato em sua bandeja)
- 141- Pedro (11m 04s): (olha para o prato, desfaz expressão de choro e para de
- 142- choramingar)
- 143- Mãe (11m 05s): *menino, você tá virado, viu?*
- 144- Pedro (11m 06s): (manipula o prato quieto)
- 145- Mãe (11m 10s): *olha pra isso mãe (!)*
- 146- Pedro (11m 14s): (levanta o prato)
- 147- Mãe (11m 15s): (pega o prato de Pedro) *dá pra mamãe*
- 148- Pedro (11m 17s): (olha para o prato, faz expressão de choro e choraminga)
- 149- Mãe (11m 18s): (limpa Pedro) *porque se não você vai sujar tudo, vamos tomar*
- 150- *banho [rápido] banho (!) banho, banho, banho [cantarolando]*
- 151- Pedro (11m 19s): (olha para mãe com expressão de choro e com os braços
- 152- erguidos, choraminga)
- 153- Mãe (11m 22s): (bate no prato com a colher) *olha (!) toma a colherinha, a*

154- *colherinha toma* (segura a colher diante de Pedro)

155- Pedro (11m 23s): (continua vocalizando e com expressão de choro, pega a

156- colher e a leva a boca)

157- Mãe (11m 27s): *a colherinha, tá vendo?*

Análise:

Neste episódio, Pedro derruba a colher no chão e sua mãe a pega, mas não a devolve a Pedro (Linhas 98 e 99). Pedro então reage olhando para a colher, erguendo os braços, fazendo expressão de choro e choraminga brevemente (Linhas 100 e 101). Sua mãe aproxima um pouco mais o prato de Pedro e enuncia ‘vá comer, vá’ (Linha 102), novamente interpretando que Pedro protestava por sua mãe ter tomado a colher, tentando convencê-la a devolvê-la a ele. Entretanto, não devolve a colher, mas tenta distrai-lo chamando sua atenção para o prato. Pedro de fato volta-se para o prato e o manipula. Em continuidade, sua mãe logo afasta o prato de Pedro enunciando ‘me dê vá’, provavelmente tentando evitar que Pedro o derrubasse (Linha 104). Pedro mais uma vez reage olhando para o prato e fazendo expressão de choro. Sua mãe afasta ainda mais o prato de Pedro, parecendo reforçar seu ponto de vista segundo o qual Pedro já não poderia brincar com o prato (Linhas 105 e 106). Pedro mantém a expressão de choro, olha para a mãe, ergue os braços e choraminga (Linhas 107 e 108), parecendo mais uma vez tentar fazer uso deste comportamento para persuadi-la a lhe entregar o prato, opondo-se a mãe. A mãe de Pedro sai da sala e Pedro continua choramingando, bate na bandeja (Linhas 109, 110 e 111). Sua mãe então enuncia ‘que malcriação’ (Linha 112), interpretando que Pedro agia daquela forma para tentar chamar sua atenção e obter o que desejava. A mãe de Pedro parece criticar este comportamento chamando-o de má-criação, como se Pedro estivesse agindo inadequadamente, usando o choramingo somente para obter algo. Deste modo, a mãe de Pedro mais uma vez interpreta que ele faz uso intencional deste comportamento (expressão de choro e choramingo) para obter algo, sugerindo que Pedro começa a compreender o

papel deste comportamento na interação, observando o efeito que ele provoca em sua mãe e tentando persuadi-la.

Em continuidade, Pedro volta a fazer expressão de choro e choramingar, sua mãe inicialmente reage tentando distraí-lo e fazê-lo parar, chama-o de malcriado novamente (Linhas 113 a 117). Pedro continua com este comportamento até que sua mãe enuncia ‘é o quê que você quer? Você quer o pratinho, é? É o pratinho?’, entregando o prato novamente a Pedro (Linhas 118 a 120), cedendo a sua oposição. Pedro então desfaz a expressão de choro e para de choramingar possibilitando mais uma vez com que sua mãe conclua que seu choro de fato era intencionalmente utilizado para opor-se e persuadir sua mãe a fazer o que Pedro queria (Linha 123). Sua mãe enuncia ‘você tá esperto (!)’ de modo exclamativo parecendo mais uma vez surpreender-se com o comportamento de Pedro, observando como ele encerra seu choramingo assim que é atendido (Linhas 124 e 125).

Em seguida, Pedro manipula o prato e quase o derruba, sua mãe afasta-o de Pedro novamente (Linhas 126 e 127). Pedro olha para a mãe e mais uma vez faz expressão de choro e choraminga (Linha 128). A mãe de Pedro reage aproximando e afastando o prato de Pedro, parecendo brincar com ele e testar suas reações, observando se Pedro de fato reage iniciando seu choramingo todas as vezes que o prato é afastado (Linha 129). Pedro continua choramingando e sua mãe reage cedendo a seus protestos e recolocando o prato em sua bandeja. Pedro imediatamente reage à intervenção de sua mãe e olha para o prato, desfazendo a expressão de choro e parando de choramingar (Linhas 130 a 134). Sua mãe então enuncia ‘menino, você tá virado, viu?’ (Linha 135), parecendo mais uma vez surpreender-se com o comportamento de Pedro, concluindo que ele agora passa a comportar-se mal, ou seja, a fazer uso do seu choramingo, sabendo que é capaz de influenciar sua mãe através dele. A mãe de Pedro em seguida pega o prato e o afasta dele. Pedro volta a fazer expressão de choro e choramingar. Sua mãe então parece tentar chamar

sua atenção para a colher, oferecendo-a a ele na tentativa de fazê-lo aquietar-se (Linhas 139 a 149).

Ao longo deste episódio, novamente observa-se como Pedro faz uso apropriado e de sua expressão de choro e choramingo. Aqui, Pedro reage rapidamente e repetidamente às intervenções de sua mãe, choramingando sempre que o prato é afastado e encerrando o choramingo assim que o prato é reaproximado. A própria mãe de Pedro parece surpreender-se diante deste fato, interpretando que Pedro está ‘esperto’, ou seja, desenvolve uma compreensão de que seu comportamento exerce influência sobre sua mãe. Deste modo, é possível hipotetizar que Pedro distancia-se de um uso ‘reflexo’ deste comportamento, aproximando-se de seu uso intencional, sendo conduzido neste desenvolvimento principalmente pelas constantes intervenções e interpretações de seus pais.

Narração:

Pedro morde a colher e aquietar-se. Mãe fala (11m 31s) *a colherinha bata aqui*. Mãe bate com a mão na bandeja de Pedro, fala (11m 33s) *assim ó filho, ó ó*. Mãe tenta puxar a colher de Pedro. Pedro mantém a colher na boca, olha para a mãe. Mãe fala (11m 33s) *deixa a mamãe ensinar?* Mãe bate com a mão na bandeja, fala (11m 37s) *bate aqui com a colherinha*. Pedro olha para a mão da mãe com a colher na boca, vocaliza. Pedro continua manipulando a colher, vocaliza, faz expressão de choro, tira a colher da boca. Mãe tira a colher da mão de Pedro e fala (11m 41s) *assim ó*. Mãe bate com a colher na bandeja. Pedro olha para a colher, segura-a com as duas mãos. Mãe fala (11m 44s) *tome*. Pedro pega a colher e a mantém na bandeja, arrasta-a. Mãe bate com a mão na bandeja e fala (11m 49s) *bate (!)* Pedro olha para a colher, segura-a, coloca-a na boca. Mãe fala (11m 55s) *eu quero é comer (!)* Pedro passa a colher no céu da boca, faz expressão de choro. Mãe puxa a mão de Pedro e fala (11m 56s) *você vai se machucar (!)* Pedro mantém a

colher na boca, vocaliza. Mãe bate com a mão na bandeja, limpa a barriga de Pedro e fala (12m 03s) *eita (!) e tem banana até na bola do olho (!)* Pedro continua com a colher na boca vocalizando. Pedro tira a colher da boca e a larga sobre a bandeja, Pedro arrasta a colher pela bandeja. Mãe tenta evitar que Pedro derrube a colher, fala (12m 13s) *eita que bagunça*. Pedro leva a colher à boca novamente. Mãe fala (12m 16s) *nã:o*. Pedro mantém a colher na boca e vocaliza. Mãe fala (12m 20s) *ai (!) eca, eca*. Pedro tira a colher da boca.

Episódio 09:

158- Mãe (12m 23s): (limpa a boca de Pedro) *eita filho tá bom* (bate com a mão na

159- bandeja, tira a colher da mão de Pedro) *vem cá (!) vamo tomar um banho?*

160- Pedro (12m 26s): (estica a mão e olha para a colher, vocaliza, faz leve

161- expressão de choro)

162- Mãe (12m 28s): (Balança as pernas, bate as mãos nas pernas) *banho, banho,*

163- *banho, banho com a vovó, banho com a vovó*

164- Pedro (12m 34s): (olha para o prato, ergue os braços e vocaliza, faz expressão

165- de choro)

166- Mãe (12m 35s): (coloca o prato sobre o sofá) *venha com a mainha chega*

167- Pedro (12m 36s): (olha para o prato, tem as mãos erguidas, faz leve expressão

168- de choro e vocaliza)

169- Mãe (12m 37s): *a mainha tira você, bora (!)* (segura Pedro e começa a soltar

170- sua bandeja)

171- Pedro (12m 39s): (olha para baixo, faz expressão de choro e choraminga)

172- Mãe (12m 45s): (tira a bandeja da cadeirinha) *eita, fazendo ‘malcriação’*

Pedro desfaz expressão de choro, choraminga, mas logo para. Mãe segura a mão de Pedro, aproxima seu rosto do rosto dele e fala (12m 49s) *e pode? Pode?* Pedro continua vocalizando, faz leve expressão de choro e choraminga. Mãe começa a tirar a fralda de Pedro e fala (12m 55s) *vamo? Direto pro banho?* Pedro continua com leve expressão de choro, vocaliza. Mãe tira Pedro da cadeira sai com ele da sala, ainda é possível ouvir Pedro vocalizando. Vídeo se encerra.

Análise:

Neste último episódio, a mãe de Pedro tenta concluir este evento passando ao banho de Pedro. Inicialmente, ela bate com a mão na bandeja, tentando distrair Pedro e tirar a colher de sua mão (Linhas 150 e 151). Deste modo, a mãe de Pedro evita opor-se diretamente a ele, procurando distraí-lo, tentando evitar assim que ele proteste contra sua ação. Pedro, entretanto, estica a mão e olha para a colher, vocaliza e faz leve expressão de choro (Linhas 152 e 153). Sua mãe move-se, faz alguns sons e enuncia ‘banho, banho, banho, banho com a vovó, banho com a vovó’ parecendo tentar distrair Pedro e desviar sua atenção da colher, interpretando sua ação como oposição (Linhas 154 e 155). Pedro, entretanto, continua vocalizando e com expressão de choro (Linhas 156 e 157). Sua mãe começa a tirá-lo da cadeira enquanto Pedro vocaliza e mantém a expressão de choro (Linhas 158 a 163). Por fim, a mãe de Pedro o tira da cadeira e enuncia ‘eita, fazendo malcriação’ (Linha 164), mais uma vez interpretando que Pedro age deste modo tentando chamar a atenção da mãe e conseguir o que quer.

De modo geral, é possível observar como Pedro começa a desenvolver maior controle sobre suas ações. Pedro não só passa a movimentar-se e vocalizar com maior frequência, como começa a coordenar estas ações, unindo ações verbais a não verbais, talvez começando a compreender o papel e importância das ações verbais nas interações com adultos. Adicionalmente, o próprio comportamento de Pedro durante a alimentação parece modificar-se em um curto intervalo de tempo, em decorrência das intervenções de sua mãe. Como exemplo deste tipo de desenvolvimento, observa-se como Pedro inicialmente esticava os braços em direção a colher tentando pegá-la e agora parece erguê-los para longe dela, conforme sua mãe queria que ele fizesse.

Com relação à sua oposição especificamente, Pedro parece de certo modo compreender e começar a fazer uso da expressão de choro e choramingo para demonstrar

irritação e tentar persuadir sua mãe a fazer algo para ele. Na maioria dos eventos analisados neste caso, Pedro chorou ou choramingou em algum momento e, nestes momentos, seus pais repetidamente interpretaram estas ações como oposições reagindo a elas com base nesta interpretação. Em algumas situações os pais de Pedro chegaram a antecipar sua oposição, esperando que Pedro chorasse diante de uma situação aparentemente incômoda para ele. No presente evento, entretanto, a própria mãe de Pedro surpreende-se com seu comportamento sinalizando que Pedro pela primeira vez parece compreender o efeito que seu choramingo tem sobre seus pais, fazendo uso dele. Assim, parece ser possível hipotetizar que as reações e interpretações contínuas que os pais de Pedro construíram sobre seu comportamento, orientaram seu desenvolvimento, estimulando Pedro a repetir aquelas ações que provocavam reações em seus pais.

Macroanálise: Idiosincrasias no desenvolvimento da proto-oposição

De modo geral, esta dissertação descreve três momentos do processo de desenvolvimento das ações infantis interpretadas como oposições. O primeiro momento descrito distingue-se pela presença do choro, choramingo e expressão de choro como as ações infantis mais frequentemente interpretadas como oposições. Em seguida, no segundo momento descrito, soma-se ao repertório opositivo infantil a recusa, ou seja, a oposição infantil em agir conforme os estímulos e situações construídas pelos adultos. Por fim, no último período descrito, as ações infantis interpretadas como oposições começam a caracterizar-se pelo agir criativo e livre com sentido diretamente oposto ao das ações propostas por seus pais. Este percurso geral aqui descrito pode ser observado nos dois casos analisados, tanto de Lara quanto de Pedro, entretanto, é possível observar variações nas características do desenvolvimento realizado por cada um conforme ilustrado nos gráficos apresentados a seguir. Os gráficos 01 e 02 ilustram o desenvolvimento de todas as ações infantis interpretadas como oposição a partir da porcentagem de realização mensal

do choro (incluindo choro, choramingo e expressão de choro), da Recusa e das demais ações opositivas (todas aquelas ações que não o choro, choramingo, expressão de choro, interpretadas deste modo, como, por exemplo, derrubar um objeto enquanto ação interpretada como oposição a este elemento).

Para construção dos gráficos foram considerados todos os episódios presentes nos 29 eventos analisados. No caso de Pedro foram delimitados 105 episódios ao longo do período analisado (02 episódios no primeiro mês, 28 no segundo mês, 20 no terceiro mês, 17 no quarto mês, 19 no quinto mês e 19 no sexto mês). No caso de Lara foram delimitados 118 episódios ao longo dos eventos analisados (24 episódios no primeiro mês, 22 no segundo mês, 13 no terceiro mês, 23 no quarto mês, 16 no quinto mês e 20 no sexto mês). Para construção destes gráficos, todas as ações infantis interpretadas como oposição foram contabilizadas. Pois, dentro de cada episódio, mais de uma ação infantil poderia ser interpretada pelos interlocutores como oposições (constituindo os ciclos argumentativos dentro dos episódios). No caso Pedro, 291 ações foram delimitadas e interpretadas como oposições ao longo do período analisado. No caso Lara, 170 ações foram interpretadas como oposições.

Gráfico 1
Ações de Pedro interpretadas como oposições

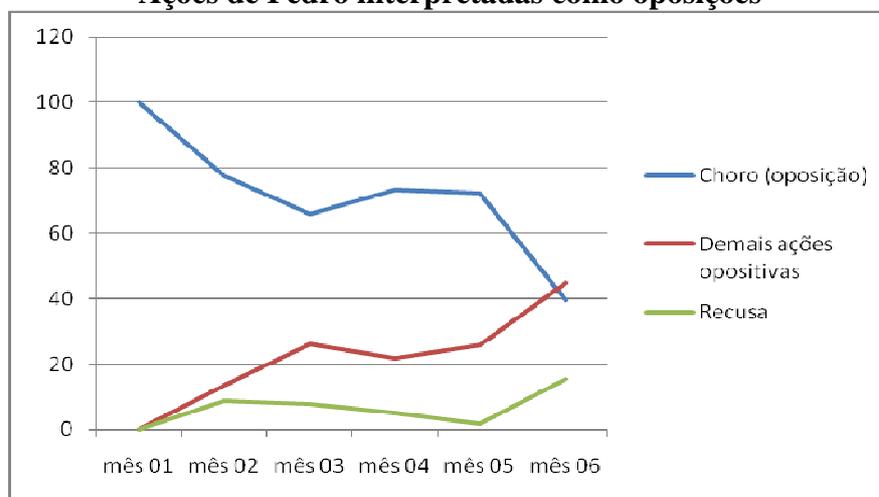
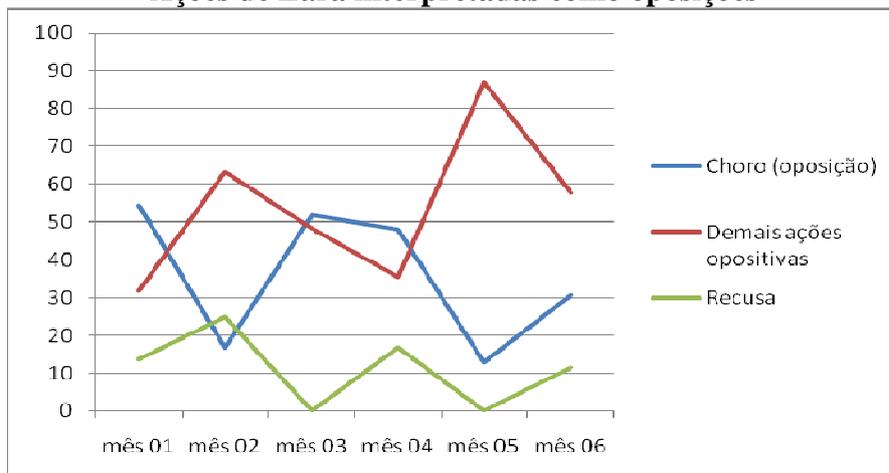


Gráfico 2
Ações de Lara interpretadas como oposições



Observando os gráficos apresentados é possível concluir que o desenvolvimento de Lara e Pedro apresentam distinções. No caso de Pedro, o choro surge como conduta mais frequentemente interpretada como oposição no início do desenvolvimento infantil, apresentando tendência constante de queda ao longo do período observado. Com relação às demais ações interpretadas como oposições, estas surgem menos frequentemente nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil de Pedro, apresentando tendência mais ou menos constante de subida ao longo do período analisado. Estas observações sugerem que, no caso de Pedro, o choro se estabelece enquanto signo opositivo mais frequentemente utilizado durante todo o período observado. Entretanto, na medida em que Pedro desenvolve-se e amplia sua capacidade de realizar diferentes ações, a frequência com que o choro é utilizado diminui enquanto a frequência das demais ações começa a aumentar; sugerindo que estas ações progressivamente se estabelecem também enquanto signo opositivo na interação.

No caso de Lara, em contraste, é possível observar como as três condutas analisadas apresentam oscilações abruptas na frequência com que surgem durante o período analisado. Entretanto, mesmo diante destas oscilações, é possível abstrair a mesma tendência de desenvolvimento observada no caso de Pedro. Inicialmente, observa-se como

o choro surge também como a ação infantil mais frequentemente interpretada como oposição nos momentos iniciais de seu desenvolvimento. Em seguida, é possível observar uma relação inversamente proporcional entre a frequência do choro e a frequência das demais condutas interpretadas como oposições. Observa-se que quando a frequência do choro diminui (no segundo e quinto mês), a frequência das demais ações interpretadas como oposições aumenta. Do mesmo modo, quando a frequência do choro aumenta (no quarto mês), a frequência das demais condutas diminui. Sugerindo, como no caso de Pedro, que o choro é também a ação infantil inicialmente mais frequentemente interpretada como oposição, entretanto, na medida em que Lara amplia sua capacidade de realizar diferentes ações, a frequência com que o choro é utilizado diminui, sugerindo que estas ações progressivamente se estabelecem enquanto signo opositivo na interação.

Deste modo, observa-se como as características gerais de desenvolvimento das condutas proto-opositivas são semelhantes nos dois casos analisados. Entretanto, enquanto estas características desenvolvem-se de modo mais ou menos constante no caso de Pedro, apresentam oscilações abruptas no caso de Lara. Estas diferenças sugerem que, durante o período analisado, o desenvolvimento das condutas proto-opositivas de Lara apresentava-se ainda instável, como se Lara e seus pais estivessem desenvolvendo estas ações sem apresentar ainda uma orientação de desenvolvimento definida e estabelecida. Enquanto que, no caso de Pedro, este desenvolvimento parece apresentar orientação estável, desenvolvendo-se de modo constante ao longo do período analisado.

Diante destas idiosincrasias, ressalta-se aqui a importância de futuros estudos que se debrucem sobre a investigação de quais elementos estariam regulando o processo de desenvolvimento das condutas opositivas aqui descritas. Neste sentido, sugere-se que a própria criança participa de maneira ativa deste processo. Entretanto, sua atuação não pode ser investigada enquanto fator isolado, mas somente pode ser compreendida em sua relação

com a intervenção adulta. Visto que, o desenvolvimento infantil é canalizado, ou seja, orientado e estimulado pelas interpretações e ações construídas pelo adulto em interação com a criança. Argumenta-se, portanto, a necessidade de investigações que se dediquem a analisar como as interpretações e ações adultas possibilitam o desenvolvimento de modos convencionalizados de condutas protoargumentativas infantis. Neste sentido, o conceito de Canalização é aqui sugerido enquanto construto teórico importante que pode orientar o desenvolvimento destas investigações.

Canalização é aqui compreendida segundo Valsiner (1979) como processo através do qual os adultos (enquanto seres socializados) vão ‘restringindo’ e ‘orientando’ o desenvolvimento infantil. A partir deste conceito, compreende-se que os adultos, através de suas falas e ações, direcionam este desenvolvimento, fazendo com que alguns gestos e vocalizações realizados pelas crianças se estabeleçam como significativos na interação, enquanto outros, ao contrário, ocorram cada vez em menor intensidade, modifiquem-se ou terminem por desaparecer (Valsiner, 1979). Adicionalmente compreende-se que as ‘restrições’ e ‘orientações’ através das quais o adulto canaliza o desenvolvimento infantil não se mantêm estáticas ao longo do desenvolvimento, mas, modificam-se. Esta modificação é decorrência do próprio relacionamento que se estabelece entre adultos e crianças, visto que as ações infantis têm efeito regulador sobre o adulto e vice-versa.

Observa-se que na medida em que a criança se desenvolve e se apropria de determinadas habilidades, apresentando novos comportamentos, possibilita com que os modos de canalização utilizados pelo adulto também se modifiquem e se desenvolvam. Quando a criança começa a vocalizar e compreender a fala adulta, por exemplo, possibilita com que o adulto comece a fazer uso de sua fala (em adição a gestos e ações) para interagir com a criança, modificando seus modos de regulação na tentativa de estimulá-la a desenvolver-se na linguagem. Deste modo, observa-se a correção contínua entre a ação

adulta e infantil, de modo que a criança não é passiva neste processo, mas participa de seu próprio desenvolvimento agindo e regulando às interpretações e intervenções realizadas pelo adulto que, complementarmente, orienta e estimula o desenvolvimento infantil (Valsiner, 1979). Um dos desafios empírico para as investigações que venham a se dedicar a esta questão, portanto, é procurar compreender como o processo de canalização de estabelece e se modifica ao longo do desenvolvimento da protoargumentação, observando como as ações verbais e não verbais realizadas pelo adulto de modo a corrigir, completar ou ensinar algo a criança, alteram-se ao longo de seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, ressalta-se que as escolhas teórico-metodológicas adotadas neste estudo possibilitaram a descrição de três momentos do processo de desenvolvimento de condutas opositivas infantis. O primeiro momento descrito distinguiu-se pela presença do choro, choramingo e expressão de choro como as ações infantis mais frequentemente interpretadas como oposições. Neste momento, a criança ocupa lugar opositivo na interação, regulando às ações adultas através de dois movimentos (segundo a interpretação adulta): aceitando a intervenção adulta ao manter-se quieta, ou opondo-se ao adulto através do choro/choramingo (Leitão, 2012). Neste momento, os pais interpretam que a criança é ainda incapaz de comunicar-se e agir por si mesma, por isso, falam e agem por ela, complementando suas ações.

Em seguida, no segundo momento descrito, soma-se ao repertório opositivo infantil a Recusa, ou seja, a oposição infantil em agir segundo os estímulos e situações construídas pelos pais. Neste momento, os adultos começam a atribuir lugar um pouco mais ativo à criança na interação, estimulando-a a direcionar-se para o que lhe interessa, bem como afastar-se do que rejeita. Neste momento, quando a criança não age da maneira esperada (por exemplo, não se dirige para um brinquedo que lhe é oferecido), esta recusa é interpretada como oposição, como sinal de que a criança não quer aquele objeto. Em contraste, nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil, esta ausência de movimentação seria interpretada como incapacidade, como se a criança não se movesse por não conseguir fazê-lo. Deste modo, é possível observar como as interpretações adultas começam a alterar-se refletindo o deslocamento discursivo infantil, visto que as crianças começam a deslocar-se do lugar de oponente para o de proponente, sendo um pouco mais capazes de movimentar-se e mobilizar o ambiente.

Ao longo do período analisado, é possível observar como as crianças ampliam seu repertório de ações, desenvolvendo a capacidade de realizar diferentes movimentos, bem como desenvolvendo sua percepção, começando a controlar a direção de sua atenção. Paralelamente, os pais acompanham e estimulam este desenvolvimento infantil, criando situações e delegando ações específicas a serem realizadas pelas crianças na tentativa de estimulá-las. Aos poucos, os adultos complexificam as ações que devem ser realizadas pelas crianças, exigindo cada vez mais delas.

Por fim, no último período descrito nesta dissertação, as ações infantis interpretadas como oposições começam a caracterizar-se pelo contraponto, ou seja, pelo agir criativo e livre com sentido diretamente oposto àquele proposto pelos pais. Adicionalmente, as ações infantis tornam-se mais claras e contextualmente relacionadas e, talvez por isso, os pais começam a sentir menos necessidade de falar *pelos* crianças e ‘complementar’ suas ações. Mas, ao contrário, começam a falar *com* a criança, concentrando-se em tentar defender seu próprio ponto de vista em oposição ao dela, ao invés de concentrar-se em tentar decifrar o ponto de vista infantil.

Deste modo, a presente dissertação captura não somente as diferentes ações que passam a ser interpretadas como oposições ao longo do período investigado, mas nuances no sentido das interpretações construídas pelo adulto sobre estas ações, bem como alterações no lugar discursivo ocupado pela criança. Em continuidade, é possível pontuar também que, a partir das análises aqui realizadas, foi possível observar (nos momentos finais do período focalizado) o início do processo de estabilização de algumas ações co-construídas pela díade como condutas proto-opositivas. A presente dissertação sugere que o choro, choramingo e expressão de choro começam a ser utilizados pela criança em seu sentido opositivo por volta do sexto mês de vidas das crianças aqui focalizadas. Nesse sentido, ressalta-se que, a partir deste estudo, futuras investigações devem focalizar este

processo de desenvolvimento ampliando o período de análise aqui compreendido, observando como este desenvolvimento tem continuidade a partir do sexto mês de vida das crianças.

O presente estudo também sugere, a partir da análise do período de desenvolvimento aqui focalizado, que há deslocamento discursivo infantil. Ou seja, que ao longo do período analisado, a criança passa a progressivamente ocupar papel de agente propositivo na interação, deslocando-se do lugar opositivo que inicialmente ocupava (Leitão, 2012). Segundo esta proposição, inicialmente a criança ocupa papel de oponente indiferenciado, movimentando-se de maneira limitada e tendo sua oposição delimitada e organizada pelos adultos a sua volta. Em seguida, conforme as crianças começam a ampliar seu repertório de ações, desenvolvem a capacidade de participar um pouco mais ativamente de suas rotinas interativas. Neste momento, os adultos deixam de falar e agir por ela, marcando o modo como a criança gradativamente começa a ocupar o lugar de agente na interação.

Ressalta-se que o desenvolvimento aqui descrito é construído de maneira corregulada. As ações adultas estimulam o processo de desenvolvimento infantil, enquanto são também modificadas em função deste desenvolvimento. Inicialmente, a participação dos adultos pode parecer majoritária, visto que as ações infantis são ainda restritas e indiferenciadas. Entretanto, mesmo neste momento, são as características das ações infantis e mesmo a falta de ação infantil, que possibilitam as ações e interpretações adultas. Nos momentos finais do período aqui focalizado, à medida que o desenvolvimento infantil progride, o papel da criança parece ficar mais claro. Conforme as ações infantis desenvolvem-se e diferenciam-se, observa-se o reflexo destas ações nos adultos que deixam de complementar às ações infantis e concentrando-se em defender seu próprio ponto de vista. Observa-se, deste modo, como os pais alteram sua participação na co-

construção da proto-oposição, corregulados pelo desenvolvimento infantil. Conclui-se que a criança participa ativamente de seu desenvolvimento, pois possibilita e delimita as interpretações adultas através de suas ações, mesmo que não de forma consciente.

Por fim, a partir das análises aqui realizadas, algumas construções teóricas apresentadas no início deste trabalho são retomadas e ilustradas. Inicialmente destaca-se o processo de desenvolvimento cognitivo infantil, descrito neste trabalho como transformação de formas imediatas para mediadas de comportamento (Morato, 1996; Vygotsky, 1998). Neste sentido, destacam-se, nos dados aqui apresentados, como as crianças inicialmente agem de maneira mais diretamente delimitada pelas situações que seus pais constroem. Indicadores desta característica das ações infantis podem ser observados nas próprias interpretações construídas pelos adultos. Observa-se, por exemplo, como nos momentos iniciais do desenvolvimento infantil às ações infantis eram interpretadas somente em termos de aceitação ou oposição das crianças às ações iniciadas pelos pais, como se as crianças somente reagissem ao que o adulto faz. Em contraste, nos momentos finais do período analisado, é possível observar como as crianças começam a agir de maneira mediada, manipulando o ambiente e criando novas possibilidades de ação que não somente aquelas já a disposição no cenário da interação. Por exemplo, neste momento, Pedro consegue que a mãe o alimente batendo na bandeja ou vocalizando, criando uma possibilidade (ser alimentado pela mãe) que não estava imediatamente a sua disposição naquele momento (Caso Pedro, Evento 14 acima). Observa-se assim como a criança começa a transformar o ambiente, instrumentalizando o adulto, para atingir determinado objetivo, ou seja, sem somente reagir ao que o ambiente apresenta, mas manipulando-o (de maneira mediada pelo adulto) a fim de que a situação modifique-se segundo sua vontade.

Neste sentido, é possível destacar que a reação constante e contínua dos adultos às ações infantis, mantendo certa rotina e estabilidade no cotidiano infantil, possibilitou com que a criança apreendesse os significados de determinadas ações na interação. A partir desta apreensão, a criança passa a ser capaz de agir sobre o adulto, manipulando o ambiente através dele. Adicionalmente, a criança torna-se também capaz de fazer uso apropriado, ou seja, culturalmente orientado, de ações e objetos. Nesse sentido, é possível observar como, ao fim do período analisado, as crianças começam a chorar/choramingar de maneira coerente, parecendo capturar o sentido desta ação na interação. O mesmo acontece com relação aos objetos utilizados na interação com a criança. É possível observar como a colher, por exemplo, começou a ser manipulada pela criança no contexto de sua alimentação. Nestes momentos, a colher era levada à boca e usada para tocar o prato e o alimento, sugerindo certa compreensão do uso convencional deste objeto. Esta observação parece corroborar as afirmações de Moro e Rodriguez (2008), segundo as quais a criança nasce em um mundo onde os objetos possuem significados e modos convencionalizados de uso que não são evidentes em si mesmos, e que devem ser apropriados pela criança através da interação com seus cuidadores (Moro & Rodriguez, 2008). De maneira geral, estas descrições empíricas ilustram o processo de internalização de formas culturais de comportamento conforme descrito por Vygotsky (1998).

Resgatando o conceito de “responsividade” Bakhtiniano (Bakhtin & Volochinov, 2009, p. 117), é possível destacar também como a ação contínua dos pais de delimitar e interpretar às ações infantis possibilitou este processo de apropriação pela criança do significado de ações e objetos. Neste sentido, destaca-se mais uma vez como o choro/choramingo começaram a ser utilizados pela criança de maneira consistente com o significado atribuído por sua mãe a este comportamento ao longo de todo o período analisado. Sugere-se que esta apreensão foi possibilitada pela observação do modo como o

adulto constantemente delimitava e reagia a este comportamento, ressaltando-se a importância da responsividade adulta, que delimita e significa determinadas ações infantis, estabelecendo-as como significativas na interação.

Por fim, destaca-se que, conforme a perspectiva de generalização adotada neste estudo, a descrição preliminar aqui realizada, foi capturada a partir da observação das idiossincrasias e particularidades dos dois casos investigados. Através deste primeiro esforço descritivo, construído a partir de dois casos inicialmente não muito diferentes entre si, foi possível observar como as três fases aqui descritas (caracterizadas pelo choro, recusa e pelo agir criativo) surgiram de maneira semelhante e consistente nos dois casos analisados, apesar das peculiaridades dos desenvolvimentos observados. Sugere-se, portanto, que esta primeira descrição deve ser ampliada e alterada a partir de futuras análises que se dediquem a investigação de casos cada vez mais distintos daqueles aqui analisados.

REFERÊNCIAS

- Ávila nóbrega, P. V. (2010). *Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em cenas de atenção conjunta*. Dissertação, PROLING, Joao Pessoa, UFPB
- Banks-Leite, L. (1996). *Aspectos argumentativos e polifônicos da linguagem da criança em idade pré-escolar*. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas.
- Bates, E., Camaioni, L. & Volterra, V. (1975). The acquisition of performatives prior to speech. *Merrill-Palmer Quarterly*, 21(3), 205-226.
- Bakhtin, Mikhail. (2005) *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bakhtin, M. & Volochinov, V. N. (2009). *Marxismo e filosofia da linguagem* (13ª ed). São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bruner, J. (1984). Contexts & Formats. Em: M. Moscato & G. P. Le Bonniec (1984) *Le Langage: Construction et actualisation*, Publications de l'Université de Rouen
- Castro, M. F. P. (1996). *Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Castro, M. F. P. (2003). Argumentação na fala da criança: entre fatos de língua e de discurso. *Linguística*, 13, 15-23.
- Castro, M. F. P. (2004). A argumentação na impossível simetria do diálogo: a aquisição de linguagem em questão. *Letras de Hoje*, 137, 37-46.
- Castro, M. F. P. (2005). Passado, presente e questões para o futuro no estudo da argumentação na fala da criança. *Cad.Est.Ling*, 47(1), 49-59.
- Cavalcante, M. C. B. (1999). *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de doutorado em lingüística. Campinas: UNICAMP.
- Cavalcante, M. C. B. (1994). *O Gesto de apontar como processo de co-construção na*

interação mãe-criança. Dissertação de mestrado. UFPE, Recife.

Cavalcante, M. C. B. (2009). Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações*, 2(1), 153-170.

Del Ré, A. (org) (2010). *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. (2 ed). São Paulo: Contexto.

Doria, N. G. (2004). O corpo na história: a dupla natureza do homem na perspectiva materialista dialética de Vygotsky. *Arquivos brasileiros de Psicologia*, 1 (1), 36-49.

Eisenberg, A. & Garvey, C. (1981). Children's use of verbal strategies in resolving conflicts, *Discourse Processes*, 4, 149-170.

Faraco, C. A. (2003). *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Ed.

Faraco, C. A. (2009) *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.

Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Grácio, R. A. L. M. (2010). *Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações didáticas*. Tese de doutoramento Ciências da Comunicação (área de conhecimento e em Semiótica da Comunicação) na Universidade do Minho.

Granott, N. & Parziale, J. (2002). Microdevelopment: A process-oriented perspective for studying development and learning. Em: N. Granott, & J. Parziale, (Orgs.). *Microdevelopment. Transition processes in development and learning* (pp. 1-28). Cambridge: Cambridge University Press.

Goldin-Meadow, S.; Alibali, M. V. (2002). Looking at the hands through time: A microgenetic perspective on learning and instruction. Em: N. Granott, & J. Parziale, (Orgs.). *Microdevelopment. Transition processes in development and learning* (pp. 1-28). Cambridge: Cambridge University Press.

- Hermans, H. J. M. (2001). *The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning*. *Culture & Psychology*, 7, 243–281.
- Jones, S. E.; LeBaron, C. D. (2002). Research on the Relationship Between Verbal and Nonverbal Communication: Emerging Integrations. *Journal of Communication*, 52, 499-521.
- Koch, I. G. V. (1984). *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.
- Leitão, S. (2000). The potential of argument in knowledge building. *Human Development*, 6, 332-360.
- Leitão, S. (2007). Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20(3), 454-462.
- Leitão, S. (2008a). Auto-argumentação na linguagem da criança: momento crítico na gênese do pensamento reflexivo. Em A. Del Ré & S. Fernandes. (Org.). *A linguagem da criança: sentido, corpo e discurso*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Leitão, S. (2008b). La dimensión epistémica de la argumentación. Em E. Kronmuller & C. Cornejo (Eds.), *La pregunta por la mente: aproximaciones desde Latino américa*. Santiago de Chile: JCSaez Editor.
- Leitão, S. (2010). *Argumentação e cognição, Desenvolvimento de condutas proto-argumentativas*. (Projeto de Pesquisa/2010), Recife, PE, Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.
- Leitão, S. (2011). O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. Em: S. Leitão & M. C. Damianovic (Orgs.). *Argumentação na Escola: O Conhecimento em Construção*. Campinas: Pontes Editores.
- Leitão, S. (2012). *Contribuições de Bakhtin e do Círculo para os estudos em Aquisição da Linguagem*. Trabalho apresentado no II Encontro sobre linguagem da criança – sentido, corpo e discurso/I Colóquio sobre alfabetização do Núcleo de Ensino de

Araraquara - UNESP, Araraquara.

- Leitão, S. & Banks-Leite, L. (2010). Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. Em: A. Del Ré (org.), *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto.
- Leitão, S. & Ferreira, A.P.M. (2006). Argumentação infantil: condutas opositivas e antecipação de oposição. Em: L. Meira & A.G. Spinillo (Orgs). *Psicologia Cognitiva: cultura, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 236-258). Recife: Editora da UFPE.
- Lyra, M. C. D. P. (2000). Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: Contribuições da comunicação no início da vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 257-268.
- Lyra, M.C.D.P. (2006). Desenvolvimento como processo de mudança. Em: L. Meira & A.G. Spinillo (Orgs), *Psicologia cognitiva: cultura, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 170-189). Recife: Editora da UFPE.
- Lyra, M. C. D. P. (2007). O Modelo EEA: Definições, unidade de análise e possíveis aplicações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 87-95.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: As dinâmicas da mente*. Petrópoles: Vozes.
- Meira, L. (1994). Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em Psicologia Cognitiva. *Temas em Psicologia*, 3, 59-71.
- Morato, E. M. (1996). *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus.
- Moro, C. & Rodríguez, C. (1991). ¿Por qué el niño tiende el objeto hacia el adulto? La construcción social de la significación de los objetos. *Infancia y Aprendizaje*, 53, 99-118.

- Moro, C. & Rodríguez, C. (1998). *El mágico número tres. Cuando los niños aún no hablan*. Barcelona: Paidós.
- Moro, C. & Rodriguez, C. (2008). Production of signs and meaning-making process in triadic interaction at the prelinguistic level: A task for sociocultural analysis – the case of ostension. Em: E. Abbey & R. Diriwächter (Orgs.). *Innovating genesis: microgenesis and the constructive mind in action - Serie Advances in Cultural Psychology*. Greenwich, CT: Information Age Publishing (InfoAge).
- Moura, M. L. S. de; Ribas, A. F. P. (2002) Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas. *Estudos de Psicologia*, 7, 207-215.
- Oliveira, M. K. (1997). *Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um desenvolvimento sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Palangana, I. C. (1994) *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social*. São Paulo: Plexus.
- Pea, R. (1980). The Development Of Negation In Early Child Language. Em: D.R. Olson *The Social Foundations Of Language & Thought*. New York: W.W. Norton.
- Pirchio, S. & Pontecorvo, C. (1997). Strategie discorsive infantili nelle dispute in famiglia. *Rassegna di Psicologia*, 1, 83-106.
- Rodríguez, C. (2009). The ‘circumstances’ of gestures: Proto-interrogatives and private gestures. *New Ideas in Psychology*, 27 (2), 288-303
- Rodríguez, C. & Palacios, P. (2007). Do private gestures have a self-regulatory function? A case study. *Infant Behavior & Development*, 30, 180–194
- Sato, T.; Yasuda, Y.; Kido, A.; Arakawa, A.; Mizoguchi, H.; Valsiner, V. (2007). Sampling Reconsidered: Idiographic Science and the Analysis of Personal Life Trajectories. Em J. Valsiner & A. Rosa (Eds.) (2007). *The Cambridge handbook of sociocultural psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Thelen, E.; Corbetta, D. (2002). Microdevelopment and dynamic systems: Applications to infant motor development. Em: N. Granott, & J. Parziale, (Orgs.). *Microdevelopment. Transition processes in development and learning* (pp. 1-28). Cambridge: Cambridge University Press.
- Valsiner, J. (1979). *Culture and the development of children's action: a theory of human development*. 2ed. Canada: John Wiley & sons.
- Valsiner, J. & Van der Veer, R. (2000) *The social mind: construction of the Idea*. Cambridge University Press.
- Van Eemeren, F. H. & Grootendorst, R. (1992). *Argumentation, communication, and fallacies: A pragma-dialectical perspective*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Van Eemeren, F.H., Grootendorst, R. & Henkemans, F.S. (1996). *Fundamentals of argumentation theory*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Van Eemeren, F.H., Grootendorst, R., Jackson, S. & Jacobs, S. (1997). *Argumentation*. Em: T.A. Dijk (Org), *Discourse as structure and process* (pp. 208-229). London: Sage.
- Vieira, A. J. (2010) *Condutas argumentativas na fala infantil: Um olhar sobre a constituição da subjetividade*. Dissertação de mestrado da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- Vygotsky, L.S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wertsch, J. V. (1978). Adult-child interaction and the roots of metacognition. *The Quarterly Newsletter of the Institute for Comparative Human Development*, 1, 15-18.
- Yin, K. R. (2009) *Case study research: Design and methods* (4 ed). Applied Social

Research Methods Series, Vol. 5, Beverly Hills: Sage.

ANEXOS

Evento 02 - Acalmando Pedro

Data: 15/01/12 – 01m/01s

Cenário: Este evento acontece na casa dos avôs paternos de Pedro. Inicialmente Pedro e sua mãe estão no sofá da sala, neste momento mãe brinca com Pedro, sua avó também interage com ele em alguns momentos. Durante a brincadeira, Pedro parece se interessar por algumas bonecas de barro que estão em uma estante ao lado do sofá. Depois de algum tempo, a avó de Pedro o pega e anda um pouco com ele pela casa. Por fim, ela o leva para o jardim e anda um pouco com ele, neste momento o vídeo se encerra. O pai da criança manipula a câmera, sua voz é ouvida em alguns momentos. O vídeo tem duração de 10 minutos e 13 segundos.

Narração:

Quando a filmagem tem início mãe e Pedro estão no sofá da sala. Mãe está sentada no sofá segurando Pedro em pé em seu colo, ela olha para Pedro enquanto ele tem a cabeça voltada para trás, mãe fala (03s) *hum? Hein?* Pedro permanece com a cabeça voltada para trás, mãe fala (5s) *hein filho?* Pedro volta a cabeça para mãe que beija sua testa. Mãe deita Pedro em seu colo e fala (9s) *ai papai*. Pedro olha para a mãe que olha para ele e fala (12s) *Hum? Chore não, você quer sua chupetinha, é? você quer a chupetinha, é?* Pedro move a cabeça, mãe brinca passando o dedo no lábio inferior de Pedro. Pedro coloca a língua para fora, mãe fala (19s) *dá uma risadinha (!) dá uma risadinha (!)* Pedro olha para a mãe e faz alguns sons, mãe olha para ele e fala (22s) *o que foi? Hum? Hum?* Mãe faz alguns sons como respirações fortes [parecendo imitar os sons que Pedro faz] move a cabeça de cima para baixo. Pedro fica quieto. Mãe olha para ele e fala (35s) *o que foi que você tava reclamando tanto e agora ficou quietinho?* Pedro vira a cabeça, mãe olha seu pescoço e fala (39s) *Deixa a mamãe ver aqui (...)* Pedro olha para o lado e está quieto, mãe fala (50s) *hum? Você agora não quer não conversar é? hein? É filho? Hein? Psiu? Ei?* Mãe levanta

Pedro colocando em pé em seu colo e segurando-o diante dela. Mãe beija sua bochecha, Pedro olha para mãe. Mãe olha para ele e fala (1m 08s) *o que foi?* Mãe aproxima seu rosto do rosto de Pedro, tocando seu nariz no nariz dele e fala (1m 10s) *o que foi?* Mãe novamente aproxima seu rosto do rosto de Pedro, cheira seu pescoço e fala (1m 12s) *hum? Hum?* Mãe repete esta ação de cheirar o pescoço de Pedro algumas vezes. Pedro olha para cima e abre a boca enquanto sua mãe beija seu pescoço, sua mãe sorri e vira Pedro para câmera falando (1m 19s) *olha, olha, olha*. Mãe repete esta ação beijando o pescoço de Pedro que olha para cima e abre a boca. Pai fala (1m 26s) *abre a boquinha*. Pedro olha para trás, mãe olha para ele e fala (1m 29s) *cadê a vovó?* Pedro continua olhando para trás, o enquadramento da câmera é ampliado e é possível ver que a avó de Pedro está atrás dele e olha para ele falando (1m 32s) *Cadê a vovó? Tem que falar espanhol (!) (...)* Pedro olha para avó. Avó olha para Pedro e faz alguns sons, Pedro olha para ela. Mãe fala (1m 45s) *o que você tá olhando?* Pedro continua olhando para avó. Avó olha para Pedro e manda beijos. Mãe beija pescoço de Pedro e fala (1m 56s) *eu sou curioso eu, eu sou curioso*. Pedro move a cabeça virando-a ainda mais para trás, mãe fala (1m 59s) *olha eu to seguindo a vovó, eu to curioso querendo saber (...) quem é que fica conversando comigo?* [falsetto] Mãe deita Pedro em seu colo, Pedro boceja e mãe fala (2m 09s) *ei? que foi? O que foi? Você quer sua chupetinha? Quer sua chupetinha, é? a mamãe vai pegar* Pedro permanece quieto, boceja. Mãe fala (2m 21s) *E:i:ta que sono gra:nde mamãe (!)* Pedro olha para mãe, mãe move a cabeça de cima para baixo e fala (2m 29s) *você tá com sono é bebê? Você tá com sono?* Pedro olha para mãe, move o braço e sorri. Mãe olha para ele e fala (2m 34s) *há (!) há (!) o quê que você quer? Diga?* Mãe levanta Pedro colocando-o em pé em seu colo, Pedro está com o rosto vermelho, mãe fala (2m 39s) *eita, tá fazendo cocô, é? Tá fazendo cocô, é? tá fazendo cocozinho?* Mãe olha para Pedro e o segura diante de seu rosto, ele está quieto olhando para ela, mãe olha para Pedro e move a cabeça de cima para

baixo enquanto fala (2m 45s) *hum? Diga pra mamãe (!) você tá fazendo um cocozinho, é? um cocozinho, é? Você tava fazendo um monte de birra, não quer mais fazer (!) só porque a mamãe pediu pro papai filmar (!) Você tá um cara muito lisa* [pausado]

Análise:

Analisando a transcrição do registro videográfico dos primeiros momentos deste evento, é possível supor que, antes do início da filmagem, Pedro agia de modo interpretado por sua mãe como ‘birra’, visto que ela enuncia ‘você tava fazendo um monte de birra, não quer mais fazer, só porque a mamãe pediu pro papai filmar’. Embora não seja possível assegurar quais seriam as ações anteriormente realizadas por Pedro e interpretadas como ‘birra’, é possível hipotetizar quais seriam estas ações através do contraste que sua mãe estabelece entre aquelas e as ações que Pedro realiza no início da filmagem. Logo no início deste evento, a mãe de Pedro enuncia ‘chore não, você quer sua chupetinha, é? você quer a chupetinha, é?’, entretanto Pedro naquele momento já não chorava, mas estava quieto. Este enunciado sugere que Pedro chorava nos momentos imediatamente anteriores ao início da filmagem, sugerindo que este choro anterior foi interpretado por sua mãe como ‘birra’, ou seja, como capricho e irritação. Entretanto, a partir do início da filmagem, quando Pedro parece tranquilo, sua mãe contrasta sua tranquilidade atual com seu comportamento anterior e o questiona ‘o que foi que você tava reclamando tanto e agora ficou quietinho?’, sugerindo que a quietude e tranquilidade de Pedro são interpretadas como sinais de que Pedro agora está calmo.

Em continuidade, ainda sobre a quietude e olhar fixo de Pedro, estas ações parecem ser interpretadas como interesse e curiosidade, pois quando Pedro olha para avó, sua mãe enuncia ‘olha eu to seguindo a vovó, eu to curioso querendo saber (...) quem é que fica conversando comigo?’. Deste modo, parece ser possível observar que o choro de Pedro é

interpretado como reclamação, enquanto sua tranquilidade e olhar fixo são interpretados como interesse e curiosidade.

Adicionalmente observa-se que a mãe de Pedro faz uso constante de tom interrogativo na interação com ele. Ela parece a todo o momento tentar certificar-se de que suas interpretações estão corretas solicitando sinais de Pedro. Ela constantemente o questiona ‘o que foi?’ e ‘o quê que você quer? Diga?’ parecendo assinalar a necessidade de que Pedro forneça mais elementos na interação para serem interpretados. Observa-se como a mãe de Pedro tenta estimulá-lo a agir e expressar-se fazendo uso de gestos, de tom interrogativo e de pausas, criando espaços (pausas) na interação para serem preenchidos por possíveis reações de Pedro. Deste modo, a mãe de Pedro solicita constantemente que ele atue e assim forneça mais elementos a serem interpretados por ela na interação.

Narração:

Pedro olha para mãe e coloca a língua para fora, mãe vira Pedro, deitando-o em seu colo e fala (3m 09s) *E mostrando a língua (!) mostre a língua pro papai (!)* Mãe passa o dedo no lábio inferior de Pedro e fala (3m 12s) *mostre a língua (!)* Pedro está quieto e coloca a língua para fora, mãe faz alguns sons *i: eita (!) e essa linguinha?* Pedro move a cabeça, move o braço e coloca a língua para fora, mãe fala (3m 23s) *hum? Você quer pepeta?* Pedro olha para mãe, mãe olha para ele e faz alguns sons enchendo a boca de ar e soltando o ar em seguida, Pedro olha para mãe abre e fecha a boca, Pedro coloca a língua para fora, meche a cabeça e abre a boca. Mãe fala (3m 29s) *você quer o peitinho da mamãe, é?* Pedro se move e faz alguns sons, mãe questiona (3m 32s) *Você quer mamar? Hein? Hum?* Mãe passa a mão na barriga de Pedro, depois meche seus dedos em frente ao rosto de Pedro e toca seu nariz. Pedro está quieto olhando para a mãe. Mãe olha para Pedro, move a cabeça de cima para baixo e fala (3m 45s) *psiu, cadê a vovó? Cadê a vovozinha? A vovó? Vovó: cadê a vovó?* Pedro se move um pouco e bocejia.

Episódio 01:

- 107- **Mãe** (3m 57s): (Olha para Pedro, move a cabeça de cima e para baixo) *A vovó*
- 108- *onde ela tá? Hein? Hein meu amor?*
- 109- **Pedro** (3m 59s): (Pedro se agita e faz alguns sons, faz expressão de choro)
- 110- **Mãe** (4m 03s): *Cadê a vovó? Quero não saber de vovó não agora, eu quero é*
- 111- *ficar em pé* (Coloca Pedro em pé em seu colo)
- 112- **Pedro** (4m 06s): (Olha para mãe)
- 113- **Mãe** (4m 09s): (Olha para Pedro) *hum? Hum?*
- 114- **Pedro** (4m 10s): (Faz expressão de choro)
- 115- **Mãe** (4m 11s): *o que foi? O que é que você quer? Diga pra mim*
- 116- **Pedro** (4m 13s): (Continua com expressão de choro)
- 117- **Mãe** (4m 15s): (beija Pedro, vira-o em direção à câmera) *olha o papai (!)*
- 118- **Pedro** (4m 17s): (Acentua expressão de choro e começa a fazer alguns sons)
- 119- **Mãe** (4m 18s): *Diga pa:pai: (!)*
- 120- **Pedro** (4m 20s): (Faz alguns sons)
- 121- **Mãe** (4m 22s): (O balança) *o que é que você quer?*
- 122- **Pedro** (4m 24s): (Desfaz expressão de choro e olha para trás)
- 123- **Mãe** (4m 26s): (O segura novamente de frete para ela) *Você quer chupetinha?*
- 124- **Pedro** (4m 27s): (Olha para trás, coloca a língua para fora)
- 125- **Mãe** (4m 28s): (O balança) *hein? Hum hum*
- 126- **Pedro** (4m 32s): (Move a cabeça e faz som como choramingo)
- 127- **Mãe** (4m 33s): *não (!) e você num quer não? Diga pra a mamãe vá (!)*
(virando
- 128- Pedro e balançando-o)
- 129- **Pedro** (4m 35s): (Olha para a mãe quieto)

Análise:

No primeiro episódio deste evento, a mãe de Pedro o questiona e parece tentar chamar sua atenção para a avó (Linhas 1 e 2), talvez por ter interpretado anteriormente que Pedro olhava para ela com curiosidade. Neste momento, Pedro se agita, faz alguns sons e

expressão de choro (Linha 3). A mãe de Pedro então enuncia ‘quero não saber de vovó não agora, eu quero é ficar em pé’ (Linhas 4 e 5), parecendo interpretar estas ações de Pedro (agitação, sons e expressão de choro) como oposições, como se Pedro estivesse se opondo a sua tentativa de distraí-lo e mantê-lo deitado, hipotetizando que Pedro gostaria de ser mantido em pé. Neste momento, a mãe de Pedro o levanta tentando atribuir sentido à sua ação e solucionar o desconforto de Pedro, agindo por ele. Pedro, entretanto, não se acalma, mas faz nova expressão de choro (Linha 8). Diante desta ação, sua mãe o questiona ‘o que foi? O que é que você quer? Diga pra mim’ (Linha 9), a partir deste enunciado, é possível concluir que a mãe de Pedro abandona sua interpretação anterior, acreditando que ela estava equivocada e que Pedro opunha-se a ela. Pois, solicita que Pedro expresse o que deseja (‘diga pra mim’), deste modo afirmando que sua interpretação anterior, segundo a qual Pedro queria ficar em pé, estava equivocada, buscando novo sentido para suas ações.

Em continuidade, a mãe de Pedro o vira para o pai enunciando ‘olha o papai’ (Linha 11), aparentemente atribuindo novo sentido ao comportamento de Pedro e interpretando que ele gostaria de ver o pai. Pedro, entretanto, mais uma vez não se acalma, o que possibilitaria com que sua mãe concluísse que sua interpretação estava correta. Ao contrário, Pedro continua com expressão de choro e faz alguns sons (Linha 12). Sua mãe então volta a perguntar ‘o que é que você quer?’ e ‘você quer chupetinha?’ (Linhas 15 e 17) parecendo mais uma vez interpretar estas ações de Pedro como oposições e sinais de que sua interpretação anterior estava incorreta. A mãe de Pedro abandona a hipótese anterior de que Pedro queria o pai, estabelecendo nova hipótese segundo a qual Pedro quer a chupeta. Pedro, entretanto, choraminga (Linha 20) e sua mãe enuncia ‘não (!) e você num quer não? Diga pra a mamãe vá (!)’ (Linhas 21 e 22) mais uma vez interpretando o choramingo de Pedro como oposição e sinal de que sua interpretação anterior não estava correta.

Neste episódio é possível observar a dificuldade que a mãe de Pedro encontra para interpretar suas ações. Ela parece solicitar que Pedro fale e atue no sentido de auxiliá-la a compreendê-lo, solicitando sinais mais claros que a possibilitem compreender e atender suas demandas. Adicionalmente, é possível observar como a mãe de Pedro instala certo ciclo interpretativo na interação com ele. Inicialmente ela parece propor certo sentido às ações de Pedro, elaborando asserção sobre seu comportamento (quer ver a avó, ficar em pé, ver o pai e quer a chupeta), entretanto, diante de cada uma destas asserções, Pedro faz expressão de choro, alguns sons ou choraminga, em ações interpretadas por sua mãe como oposições que a fazem abandonar sua asserção inicial e hipotetizar novo sentido para o comportamento de Pedro.

Este ciclo parece refletir os três elementos mínimos que definem a argumentação segundo Leitão (2007). Observa-se como inicialmente é elaborada uma Asserção/Argumento, uma afirmação da mãe de Pedro sobre seu comportamento. Em continuidade, observa-se que Pedro age (principalmente choramingando e fazendo expressão de choro) em ações interpretadas por sua mãe como oposição. Esta oposição levanta dúvidas sobre a asserção inicial elaborada pela mãe, levando-a a elaborar uma Resposta, abandonando sua asserção inicial e elaborando nova asserção sobre o comportamento de Pedro. Deste modo, este episódio parece ilustrar os movimentos interpretativos realizados pela mãe de Pedro nos episódios proto-argumentativos, mostrando como ela interpreta determinadas ações da criança (choramingo e expressão de choro) como oposições, falando por Pedro (por exemplo, quando enuncia ‘Quero não saber de vovó não agora, eu quero é ficar em pé’ - Linha 4) e agindo por ele.

Narração:

Mãe faz alguns sons e cheira Pedro, fala (4m 42s) *um cheirinho* (!) Mãe cheira Pedro novamente e fala (4m 43s) *outro cheirinho*. Pedro estica as pernas, mãe fala (4m

44s) *e você empurrou a mamãe* [pausado] (!) *empurrou a mamãe* (!) *você tá muito esperto* [pausado] (!) Pedro está quieto e olha para o lado, há uma estante com algumas bonecas de barro neste lugar. Mãe segue a direção do olhar de Pedro, volta a olhar para ele e fala (4m 55s) *você tá procurando o quê filho?* Pedro continua olhando para o mesmo lado, mãe fala (4m 58s) *tá curioso, é? hum?* Pedro continua quieto olhando para o mesmo ponto, mãe vira o rosto acompanhando seu olhar e fala (5m) *é a boneca da vovó.* Mãe olha para Pedro e fala (5m 02s) *é bonita, né? É bonita ela* [pausado] (!) Pedro permanece quieto olhando para as bonecas e mãe olha para ele. Mãe fala (5m 10s) *Tá vendo?* Mãe olha para avó que entra na sala e fala (5m 15s) *ele gostou da boneca.* Avó fala (5m 13s) *é grande (...)* Mãe (5m 19s) *ô ele tá encantado.* Mãe olha para Pedro que continua olhando para as bonecas. Mãe fala (5m 26s) *psiu, psiu.* Pai fala (5m 30s) *ficou estátua, foi?* Mãe fala (5m 33s) *Ele tá prestando atenção* (!) Pedro continua quieto olhando para as bonecas. Mãe fala (5m 38s) *Tá vendo filho? Tá gostando? Vó fala (...)*

Episódio 02:

- 130- **Pedro** (5m 42s): (vira a cabeça desviando o olhar das bonecas, boceja)
- 131- **Mãe** (5m 46s): (Deita Pedro em seu colo e fala com a avó)
- 132- **Pedro** (5m 50s): (abre a boca, move a cabeça e faz alguns sons)
- 133- **Mãe** (5m 53s): (olha para ele) *o que é? diga pra mim* (!) *Você não quer não que*
- 134- *a mamãe vire, é?*
- 135- **Pedro** (5m 56s): (Faz alguns sons)
- 136- **Mãe** (5m 57s): (Olha para ele) *o que foi?*
- 137- **Pedro** (5m 58s): (Faz expressão de choro e alguns sons)
- 138- **Mãe** (6m): (O coloca em pé em seu colo) *o que é? Diga pra mamãe*
- 139- **Pedro** (6m 02s): (Ainda faz alguns sons)
- 140- **Mãe** (6m 06s): (levanta Pedro e o beija, faz alguns sons enquanto beija Pedro)
- 141- **Pedro** (6m 12s): (faz expressão de choro)

- 142- **Mãe** (6m 14s): *ouxi que bico que eu fiquei triste* [falsetto] (deita Pedro em seu colo)
- 143- *Quer o peitinho? Mamãe vai dar chague*
- 144- **Pedro** (6m 19s): (esta quieto, olha para cima e boceja)
- 145- **Mãe** (6m 22s): *é o peitinho que você quer, é? hein?*
- 146- **Pedro** (6m 26s): (Se move e faz alguns sons)
- 147- **Mãe** (6m 27s): (Olha para ele) *diga mamãe, ou que manha gostosa que eu tô*
- 148- **Pedro** (6m 28s): (Faz expressão de choro)
- 149- **Mãe** (6m 31s): (Olha para ele) *é (!) era assim que você tava (!) reclamando*
- 150- (Deita Pedro em seu colo)
- 151- **Pedro** (6m 32s): (Faz expressão de choro e alguns sons)
- 152- **Mãe** (6m 35s): *era reclamando (!)*
- 153- **Pedro** (6m 36s): (Começa a chorar [25s])
- 154- **Mãe** (6m 38s): *não é mais não, vamo, vamo, mamãe vai dar o peitinho chega*
- 155- (arruma Pedro para amamentá-lo)
- 156- **Pedro** (6m 42s): (Continua chorando)
- 157- **Mãe** (6m 43s): (Deita Pedro em seu colo) *ê: dá peitinho do Pedrinho*
- 158- **Pedro** (6m 46s): (Chora mais alto)
- 159- **Mãe** (6m 48s): (Pega uma fralda de pano, o levanta) *vem cá, vem cá (!)*
- 160- **Pedro** (6m 50s): (Continua chorando)
- 161- **Mãe** (6m 55s): (Arruma Pedro) *é, eu acho que eu não quero mais brincar disso*
- 162- *não, eu quero comer* [falsetto] (dá o seio a Pedro) *venha, venha, venha, venha*
- 163- **Pedro** (7m 05s): (Faz alguns sons e se agita, chora [4s] e move a cabeça)
- 164- **Mãe** (7m 08s): (Imita o movimento de cabeça de Pedro) *eita (!) eita (!) que*
- 165- *raiva grande (!) que raiva grande (!)* [falsetto]
- 166- **Pedro** (7m 09s): (Continua fazendo alguns sons)
- 167- **Mãe** (7m 10s): (olha para ele, move a cabeça de cima para baixo) *foi? O que foi?*
- 168- *Por que você tá assim reclamando?* [pausado]

Análise:

Nos momentos imediatamente anteriores a este segundo episódio, é possível observar que Pedro olha para algumas bonecas de barro que ficam na estante da sala ao lado do sofá. A mãe de Pedro interpreta que ele se interessa pelas bonecas, interpretando sua ação (quietude e olhar fixo) como admiração pelos objetos. No início do segundo episódio, Pedro desvia o olhar das bonecas (Linha 24) e só então sua mãe o muda de posição deitando-o em seu colo parecendo hipotetizar que Pedro já não as observava e, portanto, poderia deitá-lo. Pedro, entretanto, faz alguns sons (Linha 26) e sua mãe enuncia ‘o que é? diga pra mim (!) você não quer não que a mamãe vire, é?’ (Linhas 27 e 28), parecendo interpretar esta ação de Pedro como oposição, como se ele estivesse se opondo ao fato de ter sido afastado das bonecas. Em continuidade, Pedro faz alguns sons e expressão de choro (Linhas 29 e 31), sua mãe o questiona ‘o que é?’ e ‘diga pra mamãe o que foi?’ (Linhas 30 e 32) parecendo mais uma vez assinalar sua dificuldade em interpretar as ações de Pedro solicitando que ele se expresse. É possível observar como a mãe de Pedro novamente interpreta sua expressão de choro como oposição à sua asserção inicial, questionando o que Pedro queria ‘o que é?’ e ‘diga pra mamãe o que foi?’ (Linhas 30 e 32), demarcando através deste enunciado que sua interpretação anterior estava equivocada.

Em continuidade, Pedro faz expressão de choro (Linha 35) e sua mãe enuncia ‘ouxi que bico que eu fiquei triste’ (Linhas 36 e 37) usando voz em falsetto parecendo falar por Pedro e interpretar sua ação não mais como oposição, mas como expressão de tristeza. Adicionalmente, a mãe de Pedro hipotetiza que a causa de seu desconforto é fome, oferecendo o seio a Pedro e questionando-o ‘quer o peitinho? Mamãe vai dar chegue’ (Linhas 36 e 37). Neste momento, a mãe de Pedro olha para ele e parece esperar por algum sinal que a possibilite comprovar se sua hipótese estava correta ou não, ela então volta a

questioná-lo ‘é o peitinho que você quer, é? hein?’ (Linha 39), assinalando a necessidade de que Pedro atue de modo a corroborar sua interpretação ou se opor a ela.

Pedro então reage desfazendo a expressão de choro e voltando a produzir alguns sons (Linha 40). A mãe de Pedro parece interpretar esta ação como sinal de que Pedro na verdade não experimentava nenhum desconforto, mas somente tentava chamar atenção, pois enuncia ‘diga mamãe, ou que manha gostosa que eu tô’ (Linha 41), qualificando seu comportamento como ‘manha’, ou seja, capricho e irritação sem causa específica. Em seguida, Pedro se move e faz expressa de choro (Linha 42) e sua mãe parece então encontrar semelhança entre estas ações e as ações que Pedro realizava antes do início desta filmagem, pois enuncia ‘é (!) era assim que você tava (!) reclaman:do’ (Linhas 43 e 44). Neste momento a mãe de Pedro parece interpretar suas ações (vocalizações e expressão de choro) como ‘birra’, interpretando que Pedro irrita-se, mas sem que nada estivesse realmente o incomodando, somente por ‘manha’.

Em seguida, Pedro começa a chorar de modo prolongado (Linha 47) e sua mãe volta a interpretar esta ação como fome, apressando-se em tentar atendê-lo. A mãe de Pedro começa então a preparar-se para amamentá-lo, enquanto ele continua chorando. Ela enuncia ‘é, eu acho que eu não quero mais brincar disso não, eu quero comer’ (Linhas 55 e 56) usando voz em falsetto parecendo tentar delimitar que naquele momento falava por Pedro interpretando que já não havia espaço para ‘brincadeira’, ou seja, para tentativas de distrair Pedro, pois ele estava sentido desconforto causado pela fome e deveria ser atendido. Observa-se assim, como o choro prolongado de Pedro, em contraste com sua expressão de choro anterior, é interpretado como queixa e reclamação legítima, enquanto seu comportamento anterior esta sendo interpretado somente como birra. Sugere-se assim que pequenas alterações nas ações de Pedro possibilitam alterações nas interpretações construídas por sua mãe.

Em seguida neste episódio, Pedro continua chorando e começa a mover sua cabeça em ações interpretadas por sua mãe como raiva (Linha 57). A mãe de Pedro enuncia ‘eita (!) eita (!) que raiva grande (!) que raiva grande (!)’ parecendo interpretar que Pedro se aborrece com sua demora em atendê-lo. De modo geral, observa-se como a mãe de Pedro encontra dificuldade para interpretá-lo, formulando diferentes hipóteses na tentativa de compreender seu comportamento. Algumas ações de Pedro são interpretadas de diferentes maneiras, como por exemplo, sua expressão de choro, interpretada como oposição, tristeza e fome em diferentes momentos. Esta variação nas interpretações construídas pela mãe de Pedro parece ser consequência da própria indiferenciação de suas ações, pois Pedro age de modo semelhante em contextos diversos levando sua mãe a construir suas interpretações fundamentando-se principalmente em elementos contextuais. Deste modo, a mesma ação de Pedro é interpretada de modo diverso dependendo da situação contextual em que surge.

Entretanto, de modo geral, determinadas ações de Pedro são interpretadas de modo mais ou menos constante. Especialmente sua expressão de choro, choro e vocalizações, são constantemente interpretadas como expressão de algum desconforto (como tristeza ou reclamação), sendo às vezes interpretados também como oposição. Ilustrando a hipótese aqui levantada de que as interpretações construídas pela mãe de Pedro fundamentam-se principalmente em elementos contextuais, observa-se como, nos momentos iniciais deste episódio, a mãe de Pedro interpreta sua movimentação como oposição ao fato de ter sido afastado das bonecas. Neste momento, a mãe de Pedro o vira de costas para estes objetos e Pedro abre a boca, move a cabeça e faz alguns sons (Linha 26), ela então interpreta estas ações como oposições de Pedro ao fato de ter sido virado (e afastado das bonecas). Esta interpretação parece ser construída não somente a partir das ações de Pedro, mas, a partir de elementos contextuais, visto que Pedro movimenta-se assim que sua mãe o vira, afastando-o das bonecas, possibilitando esta interpretação. A mãe de Pedro parece assim,

comparar seus comportamentos, observando quando sua movimentação teve início, apoiando-se nestes elementos para interpretar esta ação de Pedro como oposição.

Narração:

Mãe fala (7m 15s) *mô filma aqui de cima pra você ver a cara que ele faz*. A câmera se aproxima focalizando o rosto de Pedro.

Episódio 03:

- 169- **Mãe** (7m 22s): (Olha para Pedro) *oi (!) oi (!) é o que foi reclamando? Oi, diga?*
- 170- **Pedro** (7m 27s): (Olha para mãe e tem a boca aberta, faz alguns sons)
- 171- **Mãe** (7m 29s): *oi (!)*
- 172- **Pedro** (7m 30s): (Move-se e faz alguns sons)
- 173- **Mãe** (7m 31s): *oi mamãe (!) Você ficou chateado que a mamãe demorou em dar*
- 174- *o seu peitinho? (coloca o seio na boca de Pedro) tome (!)*
- 175- **Pedro** (7m 35s): (Não pega o peito, faz alguns sons e expressão de choro)
- 176- **Mãe** (7m 38s): *a mamãe demorou, aí eu fico assim com raiva (!) [falsetto]*
- 177- **Pedro** (7m 40s): (Chora alto [26s])
- 178- **Mãe** (7m 41s): (Coloca o seio em sua boca) *é (!), tome, tome, tome, tome (!)*
- 179- **Pedro** (7m 43s): (Continua chorando e não pega o seio)
- 180- **Mãe** (7m 45s): (Continua tentando fazê-lo pegar o seio) *tome, tome, tome (!)*
- 181- **Pedro** (7m 47s): (Continua chorando e não pega o seio)
- 182- **Mãe** (7m 48s): *o que foi? O que foi? Oi, oi, oi*
- 183- **Pedro** (7m 49s): (Continua chorando)
- 184- **Mãe** (7m 50s): (Tenta lhe dar o seio) *tome, tome, tome (!)*
- 185- **Pedro** (7m 53s): (Continua chorando e não pega o seio)
- 186- **Mãe** (7m 55s): *ele é assim*
- 187- **Avó** (7m 57s): *será que ele não quer leite?*
- 188- **Mãe** (8m): *é não, é que eu demorei em dar o peito a ele* (Levanta Pedro,
- 189- colocando-o em pé em seu colo)
- 190- **Pedro** (8m 02s): (Continua chorando)

- 191-** **Mãe** (8m 03s): (Balança Pedro) *ê, ê, ê, é mamãe você demorou, aí eu fico bravo*
- 192-** *num é?* [falsetto]
- 193-** **Pedro** (8m 06s): (Olha para a mãe e para de chorar, mantém expressão de choro)
- 194-** **Mãe** (8m 09s): (Olha pare ele e move a cabeça de cima para baixo) *é (!) é (!) eu*
- 195-** *fico (!) eu fico bravo quando você demora a dar meu peitinho, fica me*
- 196-** *enganando (!)*

Mãe deita Pedro em seu colo, Pedro está quieto.

Análise:

No terceiro episódio deste evento, a mãe de Pedro continua interpretando suas ações como reclamações (Linha 63) e parece interpretar que ele protesta contra a demora em ser alimentado. A mãe de Pedro enuncia ‘oi mamãe (!) você ficou chateado que a mamãe demorou em dar o seu peitinho?’ (Linha 67) e ‘a mamãe demorou, aí eu fico assim com raiva (!)’ (Linha 70), interpretando a vocalização de Pedro (Linhas 64 e 66), bem como sua expressão de choro (Linha 69) como ‘raiva’ e protesto. A mãe de Pedro passa então a tentar fazê-lo mamar, mas Pedro chora e não pega o seio materno (Linhas 69, 71, 73, 75, 77 e 79). A avó de Pedro discorda da interpretação realizada pela mãe (de que Pedro estaria com fome) e questiona ‘será que ele não quer leite?’ (Linha 81), interpretando o choro constante de Pedro e o fato dele não ter pegado o seio, como oposição e sinal de que Pedro não tinha fome, mas rejeitava as tentativas de sua mãe de alimentá-lo. A mãe de Pedro, entretanto, mantém seu ponto de vista afirmando ‘é não, é que eu demorei em dar o peito a ele’ (Linhas 82 e 83) e ‘ê, ê, ê, é mamãe você demorou, aí eu fico bravo num é?’ (Linhas 84 e 86), interpretando o choro de Pedro como raiva e protesto por sua mãe ter demorado a alimentá-lo. Pedro em seguida para de chorar, mas

mantém a expressão de choro (Linha 87) que é ainda interpretada por sua mãe como raiva, visto que enuncia 'é (!) é (!) eu fico (!) eu fico bravo quando você demora a dar meu peitinho, fica me enganando (!)' (Linhas 88 e 89). Observa-se assim como a mesma ação de Pedro em um mesmo contexto pode ser interpretada de maneiras diferentes. Enquanto sua mãe interpreta seu choro como raiva, como protesto por ela ter demorado a alimentá-lo. A avó de Pedro, entretanto, parece interpretar estas mesmas ações como oposições, como rejeições de Pedro às tentativas de sua mãe de alimentá-lo. Mais uma vez ressalta-se aqui que a indiferenciação das ações de Pedro dificulta sua interpretação. Deste modo, sua ação somente adquire determinado sentido na interação a partir do contexto em que ocorre e, principalmente, através da interpretação construída pelo adulto. No presente episódio, segundo a perspectiva da mãe, o choro de Pedro adquire status de expressão de raiva e incômodo. A partir da perspectiva de sua avó, entretanto, esta mesma ação adquire status opositivo.

Episódio 04:

- 197- Pedro** (8m 16s): (Volta a chorar [15s])
- 198- Mãe** (8m 18s) *oi meu queixo como treme (!) Oia, oia, oia, que raiva mamãe (!)*
- 199-** (tenta dar o peito a Pedro)
- 200- Pedro** (8m 21s): (Não pega o peito, continua chorando)
- 201- Mãe** (8m 23s): *ô: é não, não é não*
- 202- Avó** (8m 26s): *ou quero não, deve ser a barriguinha dele*
- 203- Pedro** (8m 28s): (Chora mais alto)
- 204- Mãe** (8m 30s): (Levanta-o) *eu quero é ficar em pé (!)*
- 205- Pedro** (8m 31s): (Continua chorando)
- 206- Avó** (8m 32s): *me dê, eu levo ele lá fora*
- 207- Mãe** (8m 35s): (olha para Pedro) *ô: meu amor*
- 208- Pedro** (8m 36s): (continua chorando)
- 209- Mãe** (8m 40s): (entrega Pedro para avó) *vá passear com a vovó*
- 210- Avó** (8m 44s): (pega Pedro) *passear lá fora, com a vovó (!)*

211- Pedro (8m 46s): (para de chorar)

212- Avó (8m 49s): *vamo lá, eu não quero saber de ficar aí em cima*

Avó leva Pedro para fora, passa pelo avô de Pedro e fala *olha aí o nono, olha o nono*. Vira Pedro para o avô. Pedro está quieto. Avó fala com avó que fala com Pedro (9m) *o que você tá fazendo?* Avó fala (9m 10s) *ele não gosta de ficar muito tempo ali (...)* Pedro está quieto, avó anda com ele e fala (9m 22s) *ele quer olhar, que mais tem por aí? Tá olhando as coisas aí*. Avó sai da casa com Pedro e fala (9m 41s) *vamo dar um passeio (!) que coisa nova a por aqui?* Pedro está quieto, fecha os olhos. Avó fala (9m 49s) *o sol, o sol, tem que se acostumar com o sol (!)* Avó anda com Pedro e fala (10m) *passeio (!) Olha como tá fresquinho aqui: gostoso (!) hum?* Pedro está quieto. Mãe fala (10m 12s) *que bochecha linda da minha mãe: (!)* vídeo se encerra.

Análise:

No quarto episódio deste evento, Pedro volta a chorar (Linha 90) e sua mãe enuncia ‘oi meu queixo como treme (!) Oia, oia, oia, que raiva mamãe (!)’ (Linhas 91 e 92), voltando a tentar amamentar Pedro. Neste momento, a mãe de Pedro interpreta que há certa intensificação nas ações de Pedro, interpretando que sua raiva aumenta, assinalando como sua raiva está ‘grande’ e parecendo interpretar esta intensificação a partir da ação de Pedro de tremer o queixo. Deste modo, a mãe de Pedro mais uma vez interpreta seu choro como protesto contra a demora em ser alimentado. Pedro, entretanto, continua chorando e não aceita o seio que a mãe oferece (Linha 93). A avó da criança mais uma vez discorda da interpretação realizada pela mãe de Pedro e enuncia ‘ou quero não, deve ser a barriguinha dele’ (Linha 95), mais uma vez interpretando que Pedro se opõe às tentativas de sua mãe de alimentá-lo. A avó de Pedro inicialmente enuncia ‘ou quero não’ (Linha 95) como se falasse por Pedro assinalando que ele não quer leite. Em seguida, completa ‘deve ser a barriguinha dele’ (Linha 95) marcando que a interpretação realizada pela mãe não foi

efetiva, visto que algo mais o incomodava, hipotetizando que ele talvez estivesse com dor de barriga. Neste momento, a mãe de Pedro parece também retificar sua interpretação afirmando ‘eu quero é ficar em pé (!)’ levantando Pedro (Linha 97) interpretando o choro de Pedro como oposição à sua interpretação anterior. A partir desta oposição, a mãe de Pedro abandona sua interpretação anterior de que Pedro tinha fome, sem assumir também a interpretação realizada pela avó da criança (de que ele teria dor de barriga), mas hipotetizando que Pedro protestava porque queria ficar em pé. Deste modo, é possível observar como o fato de Pedro não aceitar o seio materno e continuar chorando, é agora interpretado por sua mãe e avó como oposições, embora com sentidos diversos. Por fim, a avó de Pedro o leva para andar pela casa (Linha 99) e, como Pedro para de chorar (Linha 104), conclui que seu choro decorria do incômodo de estar parado e que ele na verdade queria passear. A avó de Pedro então enuncia ‘vamo lá, eu não quero saber de ficar aí em cima’ (Linha 105), interpretando que Pedro protestava por não gostar de ficar muito tempo parado naquele local.